

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

EDNEY WESLEY ANTUNES

**“A VIDA DENTRO E FORA DO ARMÁRIO”: RELATOS DE HOMENS GAYS
ACERCA DOS PROCESSOS CONTÍNUOS DE REVELAÇÃO DA SUA
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

FRANCA/SP

2021

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS**

EDNEY WESLEY ANTUNES

**“A VIDA DENTRO E FORA DO ARMÁRIO”: RELATOS DE HOMENS GAYS
ACERCA DOS PROCESSOS CONTÍNUOS DE REVELAÇÃO DA SUA
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Doutor em Serviço Social.

Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Nassif Soares

FRANCA/SP

2021

A636v Antunes, Edney Wesley
"A vida dentro e fora do armário" : relatos de homens gays
acerca dos processos contínuos de revelação da sua
orientação sexual / Edney Wesley Antunes. -- Franca, 2021
191 p. : il., tabs.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca
Orientadora: Profa. Dra. Ana Cristina Nassif Soares

1. Gays. 2. Pessoas LGBT. 3. Sair do armário. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da
Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Franca. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

EDNEY WESLEY ANTUNES

**“A VIDA DENTRO E FORA DO ARMÁRIO”: RELATOS DE HOMENS GAYS
ACERCA DOS PROCESSOS CONTÍNUOS DE REVELAÇÃO DA SUA
ORIENTAÇÃO SEXUAL**

Tese apresentada ao programa de Pós-Graduação em Serviço Social, da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como pré-requisito para obtenção do Título de Doutor em Serviço Social.

Área de Concentração: Serviço Social: Trabalho e Sociedade.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

Prof.^a Dr.^a Ana Cristina Nassif Soares.

1º Examinador (a): _____

2º Examinador (a): _____

3º Examinador (a): _____

4º Examinador (a): _____

Franca, ____ de _____ de 2021.

Dedico esta pesquisa a todos os LGBTQIA+ e ressalto que uma das formas de lidar com o preconceito é primeiramente se aceitando e se amando, como preconiza a celebre frase de RuPaul no seu reality show RuPaul's Drag Race: "If you can't love yourself, how in the hell you're gonna love somebody else?" ("Se você não consegue se amar, como você vai conseguir amar outra pessoa?").

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha orientadora Prof^a Dr^a. Ana Cristina Nassif, que pode suscitar em mim o desejo de continuar pesquisando, mesmo frente às dificuldades do desconhecido, abraçou meus sonhos como se fossem os seus e de maneira muito carinhosa direcionou e conduziu meus passos, depositando em mim confiança e paciência, que muitas vezes eu mesmo não tive.

Agradeço especialmente aquele que estendeu a mão, e se manteve firme ao meu lado diante de todos os encontros e desencontros que a vida foi nos colocando, que confiou seu coração a mim e junto mergulhou na busca constante pela desconstrução e construção do que consideramos ser amor, agradeço ao meu companheiro de vida e alma Daniel Francisco de Andrade.

Agradeço pela leveza e simplicidade, pelo encontro, pela luta e pelo caminho que estamos percorrendo, que sejamos fortes na fraqueza, sempre se apoiando e se respeitando, meus sinceros agradecimentos ao Matheus Bianchine Batista.

Agradeço ao meu Grupo Terapêutico e de Formação em Psicodrama, o qual caminha junto comigo no desvelamento das minhas intimidades, meus sonhos, meus desejos, meus medos, minhas certezas e incertezas. Agradeço por esse encontro de alma, por essa família que se formou ao longo desse período, agradeço ao meu tão querido Grupo B (Amanda, Aniely, Angélica, Betina, Carlos, Daniela, Gabriela, Jece, João, Kátia, Marina, Natalia, Natalia Batatais, Suzanny, Vinicius e Yasmine).

Agradeço às minhas amigas da clínica de psicologia que compartilharam comigo o movimento de construção profissional e dessa pesquisa, meus sinceros agradecimentos a Elisa Cury Vilela de Andrade Pedro Miguel, Dione Gunes, Sandra Magali Junqueira e Suzanny Couto, que estejamos sempre juntos, mesmo na distância.

Agradeço aos meus amigos da Biblioteca, que cercaram-me de apoio, ouviram minhas lamentações e meus desesperos, em especial Layla Capel Costa.

Agradeço aos meus familiares por confiarem em mim, aos meus pais, Donizete Roberto Antunes Zargo e Marilene da Silva Antunes, pela crença na minha

capacidade e pelo esforço na desconstrução de preconceitos estruturais quanto à sexualidade.

Agradeço à minha querida irmãzinha (Franciele Antunes Trindade) por ser um exemplo de garra e luta, por encarar a vida com tanta força e energia, por suportar sempre os desencontros do cotidiano de maneira tão nobre, e agradeço por me presentear, com duas lindas sobrinhas Ana Clara Antunes Trindade e Helena Antunes Trindade.

Agradeço a Profa. Dra. Tércia Caires Saad pela leitura, correção gramatical, pela troca de conhecimento, afetividade e carinho de sempre.

Agradeço aos participantes da minha pesquisa, que abriram os corações e as portas de sua vida permitindo que eu compartilhasse um pouquinho de suas histórias;

Agradeço ao Centro Universitário Municipal de Franca – Uni-FACEF, que permitiu e investiu no meu crescimento profissional e na formação continuada.

Agradeço ao Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Famílias (GEPEFA) e ao Centro de Estudos de Psicologia Junguiana que me propiciaram debates e uma formação crítica quanto às possíveis formas de perceber o outro.

Agradeço a todos os orientadores que ao longo desses anos foram contribuindo, indicando caminhos, percursos, direcionando meus passos, me apresentando novas possibilidades e de ver o mundo, abrindo as janelas da alma, agradeço a Prof. Dra. Barbara Fadel que me inspirou na Biblioteconomia, a Prof. Dra. Maria Cherubina de Lima Alves que me apresentou a abordagem Junguiana e as possibilidades de compreensão do ser humano, a Prof. e Supervisora Maria Silvia Ambrosio que me ensinou o manejo das técnicas e as possibilidades de atuação de um Psicólogo Junguiano, a Prof. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro que me conduziu ao Psicodrama e a construção da minha dissertação de mestrado, a Prof. Dra. Angélica Teixeira Gomes que me ensinou a brincar de ser Deus no palco psicodramático.

Agradeço a Deus que me presenteou com a vida e com as oportunidades de conquista, aos orixás por guardarem minha fé e por conduzirem meus caminhos, a Iemanjá por transcender meus pensamentos e Oxanguiã por manter acesso a chama da luta.

Agradeço pela inquietação e pela desarticulação de um pensamento heteronormativo no qual direcionava minha forma de ver o mundo, julgando o próximo a partir das minhas próprias vivências.

Agradeço por aprender, sentir e viver novas possibilidades de afeto, de carinho, de sexo e de liberdade que a vida me apresentou.

Enfim deixo aqui registrado meu muito obrigado a todos que de certa forma contribuíram para a realização desta pesquisa.

Discurso da mãe de Bobby no filme “Orações para Bobby”

“Homossexualidade é um pecado. Homossexuais estão condenados a passar a eternidade no inferno. Se quisessem mudar, poderiam ser curados de seus hábitos malignos. Se desviassem da tentação, poderiam ser normais de novo. Se eles ao menos tentassem e tentassem de novo em caso de falha. Isso foi o que eu disse ao meu filho, Bobby, quando descobri que ele era gay.

Quando ele me disse que era homossexual, meu mundo caiu. Eu fiz tudo que pude para curá-lo de sua doença. Há oito meses, meu filho pulou de uma ponte e se matou. Eu me arrependo amargamente de minha falta de conhecimento sobre gays e lésbicas. Percebo que tudo o que me ensinaram e disseram era odioso e desumano. Se eu tivesse investigado além do que me disseram, se eu tivesse simplesmente ouvido meu filho quando ele abriu o coração para mim... eu não estaria aqui hoje, com vocês, plenamente arrependida.



Fonte: Filme Orações para Bobby – (Bobby e sua mãe).

Eu acredito que Deus foi presenteado com o espírito gentil e amável do Bobby. Perante Deus, gentileza e amor é tudo. Eu não sabia que, cada vez que eu repetia condenação eterna aos gays... cada vez que eu me referia ao Bobby como doente e pervertido e perigoso às nossas crianças... sua autoestima e seu valor próprio estavam sendo destruídos. E finalmente seu espírito se quebrou além de qualquer conserto. Não era desejo de Deus que o Bobby debruçasse sobre o corrimão de um viaduto e pulasse diretamente no caminho de um caminhão de dezoito rodas que o matou instantaneamente. A morte do Bobby foi resultado direto da ignorância e do medo de seus pais quanto à palavra ‘gay’.

Ele queria ser escritor. Suas esperanças e seus sonhos não deveriam ser tomados dele, mas se foram. Há crianças como Bobby presentes nas suas reuniões. Sem que vocês saibam, elas estarão ouvindo enquanto vocês ecoam ‘amém’. E isso logo silenciará as preces delas. Suas preces para Deus por entendimento e aceitação e pelo amor de vocês. Mas o seu ódio e medo e ignorância da palavra ‘gay’ silenciarão essas preces. Então... Antes de ecoar ‘Amém’ na sua casa e no lugar de adoração, pensem. Pensem e lembrem-se. Uma criança está ouvindo.”



Fonte: Arquivo pessoal Mãe e filho - (Edney Wesley Antunes e Marilene da Silva Antunes)

ANTUNES, Edney Wesley. *“A vida dentro e fora do armário”*: relatos de homens gays acerca dos processos contínuos de revelação da sua orientação sexual. 2021. 187f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2020.

RESUMO: As pessoas LGBTQIA+ frequentemente são expostas à decisão de revelar a sua sexualidade nos mais diversos contextos. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa consistiu em investigar o processo de “sair do armário” de gays da cidade Franca-SP. Já os objetivos específicos foram averiguar as dificuldades, enfretamentos e conquistas com a “saída do armário” e ainda levantar quais os “armários” existentes no cotidiano dos participantes da pesquisa. Para tanto, realizamos uma pesquisa de natureza qualitativa. Os participantes da pesquisa de campo são compostos por 10 homens gays, com idade de 19 a 42, moradores da cidade de Franca/SP. Os resultados foram analisados a partir da perspectiva de Minayo e Szymanski, originando em 8 unidades de significados, que são: percepção da sexualidade; rótulo da sexualidade; os vários “armários” da nossa vida; processo de “saída do armário” para os amigos; processo de “saída do armário” para a família; sexualidade e religião; ser gay na cidade de Franca; e homofobia. Comprovamos a nossa ideia inicial de que há vários armários na vida de pessoas LGBTQIA+, e a todo momento somos levados a decidir de quais vamos sair e em quais iremos permanecer, quando e para que ou quem. Dentre os armários investigados em nossa pesquisa, encontramos: o armário da família, dos amigos, do trabalho, da religião e ainda a decisão de expor nossas orientações sexuais diante dos locais de socialização da cidade. Entre os enfretamentos apresentados pelos participantes, o mais relevante consiste no processo de revelação da orientação sexual para as suas famílias e o seu impacto.

Palavras-chaves: Gay. *Coming out*. Políticas do armário. LGBTQIA+. Sair do “armário”.

ANTUNES, Edney Wesley. *“Life in and out of the closet”*: reports by gay men about the ongoing processes of revealing their sexual orientation. 2021. 187 pages. Thesis (Doctorate in Social Work) - Faculty of Human and Social Sciences, São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2020.

ABSTRACT: LGBTQIA + people are often exposed to the decision to reveal their sexuality in the most diverse contexts. Therefore, the general objective of this research was to investigate the process of “coming out of the closet” for gay men in the city of Franca / SP. The specific objectives were to ascertain the difficulties, confrontations and achievements with the “coming out of the closet” and also to find out which “closets” exist in the daily life of the research participants. So, we conducted a qualitative research. The field research participants are composed of 10 gay men, aged 19 to 42, living in the city of Franca / SP. The results were analyzed from the perspective of Minayo and Szymanski, originating in 8 units of meanings, which are: perception of sexuality; sexuality label; the various “closets” of our life; “coming out of the closet” process for friends and for the family; sexuality and religion; being gay in Franca; and homophobia. We confirmed our initial idea that there are several closets in the lives of LGBTQIA + people, and at all times we are led to decide which ones we will leave and which ones we will stay in, when and for what or who. Among the closets investigated in our research, we found: the closet of family, friends, work, religion and yet the decision to expose our sexual orientations in the socialization sites of the city. Among the confrontations presented by the participants, the most relevant is the process of disclosing sexual orientation to their families and its impact.

Keywords: Gay. Coming out. “Closet” policies. LGBTQIA + Getting out of the “closet”.

ANTUNES, Edney Wesley. *“La vida dentro y afuera del armario”*: relatos de hombres gays sobre los procesos continuos de revelación de su orientación sexual. 2021. 187f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2020.

RESUMEN: Las personas LGBTQIA+ frecuentemente son expuestas a la decisión de revelar su sexualidad en los más diversos contextos. Así siendo, el objetivo general de esta búsqueda consistió en averiguar el proceso de “salir del armario” de gays de la ciudad Franca-SP. Los objetivos específicos fueron confirmar las dificultades, los enfrentamientos y las conquistas con la “salida del armario” y aun apuntar cuales los “armarios” presentes en la rutina de los participantes de esta búsqueda. Para lo tanto, realizamos una búsqueda de naturaleza cualitativa. Los participantes de la búsqueda de campo son compuestos por 10 hombres gays, con la edad de 19 a 42, ellos viven en Franca/SP. Los resultados fueron analizados partiendo de la perspectiva de Minayo y Szymanski, originando en 8 unidades de significados, que son: percepción de sexualidad, etiqueta de sexualidad; los diversos “armarios” de nuestra vida; proceso de “salida de armario” para los amigos; proceso de “salida de armario” para la familia; sexualidad y religión; ser gay en la ciudad de Franca; y homofobia. Comprobamos nuestra idea inicial de que hay diversos armarios en la vida de las personas LGBTQIA+, y a todo momento somos llevados a decidir de cual “armario” queremos salir y en cuales iremos estar, cuando y para que o quien estaremos allí. De los armarios averiguados en nuestra búsqueda, encontramos: el armario de la familia, de los amigos, del trabajo, de la religión y aun la decisión de mostrar nuestras orientaciones sexuales delante de los locales de socialización de la ciudad. Entre los enfrentamientos presentados por los participantes, lo más importante está en el proceso de revelación de la orientación sexual para sus familias y el impacto causado.

Palabras clave: Gay. *Coming out*. Políticas del armario. LGBTQIA+. Salir del “armario”.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1:	BISCOITO SEXUAL	61
FIGURA 2:	IMAGEM DE STONEWALL INN – APÓS MANIFESTAÇÕES EM 1969	81
FIGURA 3:	MEMBROS DO SOMOS – GRUPO DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL DEPOIS DE UMA REUNIÃO GERAL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), 1980	86
FIGURA 4:	JORNAL LAMPIÃO (JANEIRO DE 1981)	87
FIGURA 5:	JORNAL “CHANACOMCHANA” (19 DE AGOSTO DE 1983)	88

LISTA DE TABELAS/QUADROS

QUADRO 1:	CARACTERÍSTICA DOS PSEUDÔNIMOS DOS SUJEITOS DA TESES, DE ACORDO COM AS MITOLOGIAS GREGO-ROMANA E EGIPÍCIA	42
QUADRO 2:	PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA	43
QUADRO 3:	UNIDADES DE SIGNIFICADO	44

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
	<i>PRELÚDIO A</i>	22
2	PERCURSO METODOLÓGICO	25
2.1	CONTEXTO NA ATUALIDADE: PANDEMIA E DISTANCIAMENTO SOCIAL	32
2.2	PANDEMIA E TRANSFORMAÇÕES NA PESQUISA DE CAMPO	36
2.3	PROCEDIMENTOS DA PESQUISA	37
	<i>PRELÚDIO B</i>	46
3	SEXUALIDADES	50
3.1	HOMOSSEXUALIDADE	63
3.2	A HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	66
	<i>PRELÚDIO C</i>	74
4	“SAIR DO ARMÁRIO” – COMING OUT	79
4.1	MOVIMENTO LGBTQIA+	81
4.2	OS VÁRIOS “ARMÁRIOS” DA NOSSA VIDA	94
4.3	O “ARMÁRIO” E AS FAMÍLIAS	104
4.3.1	O “ARMÁRIO” E AS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS	110
4.4	SEXUALIDADE E RELIGIÃO	121
4.5	SER GAY NA CIDADE DE FRANCA	130
	<i>PRELÚDIO D</i>	144
5	HOMOFOBIA	148
	<i>PRELÚDIO E</i>	157
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	162
7	REFERÊNCIAS	167
	APÊNDICE I: ROTEIRO DE ENTREVISTA	183
	APÊNDICE II: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	185
	ANEXO I: PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (FCHS) da UNESP - Franca	188

1 INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, observo uma crescente mudança nas representações, práticas e identidades sexuais. Essa observação me levou a pensar nos encontros e desencontros relacionados à sexualidade que, de certa forma, demonstram-se parecidos com minha história de vida, que é marcada por amores e desamores que se esbarram na normatividade e na moralidade; permeiam um turbilhão de sentimentos e sensações que consomem o ser humano.

Nesse sentido, a escolha do caminho para construção da minha tese de Doutorado em Serviço Social, revela-se também um desejo incessante de compreender o percurso, as dificuldades e os enfrentamentos de outros *gays* no processo de *coming out* (sair do armário), expressão usada por homossexuais ao revelar sua orientação sexual.

Por serem homens, os *gays* representados na sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexuados; o + refere-se as inúmeras outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero) sabem que possuem mais privilégios que os demais pertencentes desse grupo. Há uma quantidade maior de trabalhos sobre eles, comparado às demais pessoas da sigla; ainda sim, foi este o grupo selecionado para essa pesquisa. Primeiramente por ser o meu lugar de fala e, também, para que algumas das minhas feridas sejam compreendidas e assim cuidadas no estudo de pessoas como eu.

Portanto, neste trabalho, fomos *costurando* as minhas histórias pessoais, os meus próprios relatos e experiências vivenciadas nos prelúdios das seções, assim, me coloco também como protagonista deste estudo. Por entender que todos os seres humanos são uma construção social e que estão conectados uns aos outros, vejo a importância de revelar e comparar os meus dramas com os apresentados pelos participantes.

Esclareço ainda, que haverá momentos em que a escrita será na primeira pessoa do singular (nos momentos em que faço referências à minha própria sexualidade e à minha construção). Em outros, na terceira pessoa do plural, já que representa um trabalho em conjunto com minha orientadora Profa. Dra. Ana Cristina

Nassif Soares, que de imediato acolheu a proposta e se disponibilizou para a construção do estudo, bem como com a indicação de autores de textos, de pessoas que conheci e conheço; enfim, com inúmeras vozes.

Sigo uma trajetória neste trabalho que teve início na graduação em Psicologia, com o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “Homossexualidade: um estudo dos arquétipos que emergem na figura homossexual masculina portador do vírus HIV”, orientado pela Profa. Dra. Maria Cherubina de Lima Alves. Dando continuidade com a temática da diversidade sexual, defendi a dissertação de Mestrado intitulada “Desenvolvimento como liberdade: as vozes de líderes de grupos e/ou movimentos LGBT da cidade de Franca/SP”, orientado pela Prof. Dra. Daniela de Figueiredo Ribeiro, todos realizados na cidade de Franca/SP.

Entendo que a cidade de Franca/SP, embora seja considerada uma cidade de médio porte que, segundo autores como Santos (1994), Braga (2005) e Maricato (2001) classificam como médio porte os municípios cuja a população urbana situa-se entre 100 mil a 500 mil habitantes – Franca/SP estima-se uma população de 318.640 habitantes distribuído numa área territorial de 605,679 km² (IBGE, 2018) – ainda assim, apresenta características de cidade de interior. Revela-se assim, poucas opções de entretenimento e quase nenhuma delas são direcionadas ao público LGBTQIA+, sendo que na minha dissertação de Mestrado, apurei apenas a existência de algumas festas específicas: um grupo budista voltado a pessoas LGBTQIA+, que antes mesmo da pandemia não estava mais atuante; e uma casa noturna que, de tempos em tempos, muda sua localização.

Nesse cenário, motivado pela vivência da minha própria sexualidade, surge uma indagação que consiste em compreender como é ser *gay* na cidade de Franca-SP, ou mais especificamente, quais os processos que um homem *gay* se submete para “*sair do armário*” em Franca-SP.

Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é o de investigar o processo de “saída do armário”¹ de *gays* da cidade Franca-SP. Os objetivos específicos consistem em compreender como se deu o processo de “saída do armário de *gays* da cidade de Franca”, averiguando as dificuldades, enfrentamentos e conquistas com a

¹ Expressão adotada para revelação da sexualidade de pessoas não heterossexuais

“saída do armário” e, ainda, levantando quais são os “armários” existentes em seu cotidiano.

A homossexualidade é uma concepção da segunda metade do século XIX, momento em que a prática é nomeada, passando a ser caracterizada como desviante da norma, o que gera “toda uma série de intervenções e controles novos” (FOUCAULT, 1992, p. 233).

De acordo com Fry e Macrae (1983), a preocupação com as práticas homossexuais gerou taxonomias com o objetivo de normalizá-las, nomeá-las e classificá-las como “entes específicos”, reconhecidos não só através de um comportamento característico, mas também por traços fisionômicos, peculiaridades hormonais e desempenhos.

Entretanto, surge um problema, uma vez que há uma infinita variação sobre a homossexualidade que transita para além das relações sexuais e afetivas entre pessoas do mesmo sexo. Portanto, a homossexualidade é entendida de formas diferentes, de acordo com suas construções sociais, históricas e culturais (FRY; MACRAE, 1983).

Ainda que a heterossexualidade tenha sido denominada posteriormente à homossexualidade, ela foi concebida como natural e normal, e, conseqüentemente, as outras formas de sexualidade são constituídas como antinaturais, peculiares e anormais (LOURO, 2000), gerando um estigma ao homossexual.

Compreendemos como estigma um atributo pessoal profundamente depreciativo e está relacionado a categorizações que a sociedade realiza acerca de suas referências de normalidade. Goffman (2008) divide em duas categorias o estigma: o desacreditado, que tem seu estigma visivelmente aparente; e o desacreditável, que possui um estigma que não está imediatamente aparente. Desta forma, o sujeito estigmatizado constantemente manipula as informações acerca de seu estigma – ação denominada pelo autor de “encobrimento” (GOFFMAN, 2008).

Assim, podemos dizer que é por meio do encobrimento que o estigmatizado, no caso o homossexual, esconde sua homossexualidade, recebendo e aceitando um tratamento baseado em falsas suposições a seu respeito, com o intuito de não perturbar suas relações sociais, bem como não sentir-se diferente aos demais no tratamento rotineiro com as pessoas (NUNAN, 2007).

Muitos homossexuais evitam o sofrimento pessoal causado pelo fato de ocultar ou encobrir a sua orientação sexual, optando assim por revelar-se voluntariamente, deixando de ser um indivíduo desacreditável para transformar-se em desacreditado. Em relação aos homossexuais, este ato tem sido nomeado atualmente de “sair do armário” (NUNAN, 2007).

Saggese (2009) afirma que o indivíduo, ao revelar sua homossexualidade, questiona valores e crenças arraigados na sociedade; ou seja, revela o processo complexo, permeado de valores culturais, que envolve uma série de negociações de ordem simbólica e prática, realizadas no âmbito das relações interpessoais do sujeito. O modo que ele escolherá para ocultar ou revelar sua homossexualidade terá, necessariamente, repercussão direta em suas vivências, a partir da maneira pela qual ele será reconhecido enquanto ser social (SAGGESE, 2009).

Portanto, o ato de sair do armário envolve mais do que colocar-se publicamente como homossexual. Diz respeito a um processo político através do qual o indivíduo questiona a norma heterossexual, tornando-a visível e culturalmente inteligível (VIEIRA, 2008).

Desta forma, “sair do armário” implica estar sujeito ao preconceito, entendido como atitudes hostis ou negativas baseadas em generalizações fundamentadas por estereótipos (NUNAN, 2003). Para Rios (2009) o preconceito e a discriminação perpetrados contra homossexuais, bissexuais, travestis e transexuais, podem ser entendidos como homofobia.

Portanto, “sair do armário” influencia o modo como se estrutura a vida dos sujeitos, visto que tal processo pressupõe a instauração de uma nova identidade carregada de estereótipos e elementos estigmatizantes, sendo uma etapa importante para a autonomia do sujeito e sua participação social, bem como para o desenvolvimento de um sentimento positivo a respeito da própria homossexualidade, inclusive como forma de enfrentamento do preconceito.

Entretanto é importante ressaltar que os homossexuais nunca estarão totalmente “fora do armário”, já que a cada encontro com novas pessoas será preciso realizar “[...] novos levantamentos, novos cálculos, novos esquemas e demandas de sigilo ou exposição” (SEDGWICK, 2007, p. 22). Como afirma Sedwick, o “armário homossexual” é uma “característica fundamental da vida social” (SEDGWICK, 2007,

p. 22), e existem poucos homossexuais que não o tem como uma “presença formadora”.

Nesse sentido, julgo necessário estudar este tema, no qual busco compreender o processo contínuo de saída do armário que permeiam a vida dos homossexuais, e ainda considero de fundamental importância discutir assuntos relativos à sexualidade nestes tempos em que há um movimento de pessoas conservadoras emergindo, portanto se faz necessário fomentar um debate, para que não haja uma regressão nos avanços quanto à liberdade de expressão e que impactam diretamente o processo de “saída do armário”.

Esta pesquisa deve contribuir para construção de um novo modo de ser, portanto, considero que a pesquisa de natureza qualitativa possa promover um mergulho na vida dos participantes da pesquisa e da mesma forma promover transformações nos microcosmos, ou seja na subjetividade de cada participante, que por sua vez, irá refletir no macro, nas suas relações e conseqüentemente na sociedade a qual está inserido.

Para tanto, planejamos este trabalho de forma que a apresentação teórica e a das informações oriundas da pesquisa de campo fossem feitas conjuntamente nas seções da tese, conforme as temáticas trabalhadas. Nesse sentido, após a primeira seção que corresponde à Introdução, temos na segunda a apresentação da metodologia adotada na pesquisa de campo, esclarecendo o percurso metodológico construído e aplicado na pesquisa, para que o leitor possa ter explicitados, desde o início de sua leitura, o contexto e a fundamentação epistemológica da tese, bem como os procedimentos do planejamento da pesquisa e as etapas da realização da pesquisa de campo.

Na terceira seção apresentamos uma discussão sobre a construção da sexualidade, um panorama da origem do termo homossexual e a contextualização da homossexualidade na sociedade contemporânea.

Na quarta seção abordamos o processo de sair do “armário”, o movimento LGBTQIA+, e ainda as políticas de saída dos vários “armários” que nos são apresentados, o processo de saída do “armário” para a família, os amigos, para as instituições religiosas, e buscando também compreender como é ser gay em França.

Na quinta seção são apresentados os conceitos de homofobia e as violências físicas e emocionais que acometem as pessoas LGBTQIA+. E finalmente, na sexta seção apresentamos as Considerações Finais desta tese, seguida das Referências.

Esperamos que esta leitura possa provocar reflexões, emoções e informações a vocês leitores, tanto quanto em mim, ao elaborar esta tese.

PRELÚDIO A

Para começar a costurar as minhas histórias com a proposta deste trabalho foi necessário compreender um método que pudesse me permitir um mergulho na realidade dos participantes, bem como promover uma transformação e, ao mesmo tempo, deixar-me pelas mesmas afetar. Esta pesquisa por si só atravessa minhas experiências e vivências pessoais colocando-me diante das mazelas e feridas construídas e cuidadas no decorrer desses meus 41 anos de vida. Assim, compreendo que minhas próprias dores podem revelar as aflições de outros que, assim como eu, tiveram que enfrentar os vários processos de “saída do armário”.

Nesse sentido, ao pensar num método nos debruçamos nos procedimentos escolhidos para este estudo, que pudessem se aproximar do Serviço Social e ir ao encontro com minha formação acadêmica. Isto posto, o caminho metodológico que mais aderiu à esta perspectiva está relacionado com a pesquisa social e a pesquisa qualitativa.

Ao estudar os possíveis caminhos metodológicos, nos deparamos com diversas possibilidades. Todavia, há um encantamento pelo Psicodrama e Sociodrama que fazem parte da Socionomia, e têm por objetivo promover um mergulho na realidade dos participantes da pesquisa; não de uma forma passiva, neutra e de observação, mas em uma construção coletiva de possíveis caminhos para transformações micropolíticas.

A proposta de Moreno (1889-1974), precursor da Socionomia, foca na intersecção do mundo subjetivo, psicológico, mundo objetivo, social, contextualizando o indivíduo em relação às suas circunstâncias. Levando-nos a construir realidades suplementares nas quais promove uma desconstrução das “conservas culturais”, da moralidade, do aprisionamento moral, no sentido de buscar novas respostas para os dramas que a vida nos coloca. Moreno, no início de sua atuação, busca acolher as minorias e tratá-las com dignidade e respeito (MORENO, 2003).

Contudo, nunca me contentei em trilhar apenas uma possibilidade de caminho na busca de respostas que a vida possa me oferecer. Foi assim desde a escolha das minhas profissões, a qual me conduziu para diferentes caminhos dentre os quais alguns objetivos se entrecruzam e outros divergem; mas ainda assim, sinto-

me plenamente contemplado nestas minhas preferências, seja como bibliotecário ou como psicólogo.

Penso que é importante compreender que não existe apenas um caminho que possa levar aos objetivos traçados. Nessa pesquisa nos deparamos com um momento singular: um período de Pandemia devido ao COVID-19. Desta forma, esta pesquisa foi afetada diretamente, na medida em não pudemos realizar os encontros presenciais, portanto só nos restou realizar os encontros de forma virtual, respeitando assim o distanciamento social. E este processo representou um grande desafio, visto que no mesmo ano em que ingressei no Doutorado, iniciei uma formação em Psicodrama; contudo, não estava habituado com esse distanciamento físico que tal condição nos colocou.

Sendo assim, a vida nos convida a transformações, algumas são sofridas, outras são muito bem acolhidas. A questão em si é que a coleta de dados precisou percorrer outros caminhos que não estavam previstos; afinal, como poderíamos esperar que em pleno século XXI teríamos que nos habituar a esse distanciamento?

Consequentemente, a Pandemia, além de interferir na coleta de dados, também trouxe uma grande dificuldade de concentração e dedicação, visto que não sabíamos se nós ou alguém próximo poderia ser contaminado e assim, culminar na possibilidade de vivenciar a dor provocada pela Pandemia e vir a óbito. A Pandemia gerou um caos externo e interno, trazendo incertezas aos nossos dias, já que não tínhamos como prever como seria ou como será o mundo após este marco na história da humanidade.

Assim, ao ser levados a reinventar nossa forma de aprender, de estar em sociedade e de nos comunicarmos, a tecnologia passou a ser necessária e fundamental para conduzirmos nossas vidas. Destarte, a minha forma de pensar o mundo se transformou. Nesse momento de mudança e adaptação, optamos por realizar a coleta de dados realizando apenas a entrevista inicial, compreendendo esta como um processo de mergulho na realidade do outro e assim sendo, provocando também algum tipo de transformação tanto nos participantes como no pesquisador. Por fim, tenho como perspectiva uma metodologia performática que, segundo Brilhante e Moreira (2016, p.1101), refere-se a um conceito que evita definições simplistas. “É a colisão entre as ciências humanas e as artes, as teorias e as emoções, a ‘performatividade’ – o que acontece agora – e a performance – o que já aconteceu

(estudo feito) – é a presença do corpo do(a) pesquisador(a) na linha de frente da pesquisa, no momento da criação (texto ou a performance/apresentação)”, portanto, a trajetória metodológica se apresenta de acordo com a necessidade do objeto de pesquisa e ao mesmo tempo promove transformações em ambos, pesquisador e pesquisado.

Como já dito, existem vários caminhos que percorremos para alcançar os desafios, enfrentamentos e objetivos que nos foram apresentados; a metodologia perpassa minha vida como uma transformação possível, trilhando novas perspectivas ou me apresentando novas lentes para conhecer e estudar o processo de “saída do armário” de homens *gays*. Contudo, a reflexão sobre este processo me leva às seguintes perguntas:

- Será que este período de Pandemia é o primeiro momento em que nos colocamos em Quarentena? Será que ao longo do processo de “saída do armário”, não somos de alguma forma levados ao distanciamento social? Distanciamento daquilo que somos privados, do direito de expressar livremente nossos afetos em qualquer lugar? Pode uma sociedade heteronormativa permitir que pessoas como eu sintam-se livres, sintam-se plenas e respeitadas a ponto de não precisar se esconder em qualquer armário que a moralidade nos apresente?

Estas são algumas perguntas que ao longo dessa quarentena tenho feito, e ao ouvir, ler e perceber muitas histórias sou levado a compreender que de alguma forma compartilhamos sofrimentos e medos muito parecidos. Por consequência, sinto-me atravessado pela mesma dor que possa afetar os participantes da pesquisa. Assim, considero-me no direito de deixar meus sentimentos transbordarem numa escrita espontânea para que, junto aos participantes da pesquisa, possa reivindicar meus direitos nessa sociedade heteronormativa.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

A concepção de um percurso metodológico nesta tese pode ser entendida como processo performático que, ao longo de sua construção, foi aderindo às necessidades que a pesquisa lhe apresentava e, ao mesmo, tempo respeitando o contexto histórico a qual está inserida. Sendo caracterizada como uma pesquisa de natureza qualitativa, a escolha desse caminho se deu pelo desejo de promover a experimentação de novos modos de existir.

Segundo Brito (2006), foi a partir da Segunda Guerra Mundial que os pensadores buscaram um modelo de ciência que priorizasse a dimensão qualitativa da experiência, portanto, se debruçaram nos estudos de pesquisas nas áreas de ciências sociais, humanas e da saúde, não se fixando apenas em questões estritamente racionalistas.

De acordo com o Brito (2006), o racionalismo foi atribuído a uma corrente filosófica do século XVII, no qual constitui a razão como a única fonte confiável de todo o conhecimento humano. Portanto, para o racionalismo todo conhecimento é concebido numa relação de causa e efeito. Assim, sua metodologia de raciocínio está pautada na razão.

Por outro lado, o paradigma qualitativo, se consolida a partir do questionamento dos métodos das ciências da natureza aplicáveis às ciências humanas e está relacionado aos “processos implicados na construção do conhecimento, à forma pela qual se produz o conhecimento” (REY, 2000, p. 30).

A Antropologia teve uma atuação pioneira com o desenvolvimento da pesquisa etnográfica, resultando, por conseguinte, num novo paradigma de pesquisa, que passou a considerar a presença do pesquisador como uma condição que ameaçava sua postura de neutralidade e objetividade na obtenção e análise dos dados (MINAYO, 2000; REY, 2000).

Rey (2000) relata que o processo de desenvolvimento do paradigma qualitativo, teve como pano de fundo a problematização dos conceitos de confiabilidade, validade e objetividade e que traz a questão da legitimação desta modalidade de pesquisa dentro das ciências sociais.

Em decorrência do resultado da emergência desses questionamentos e de novos procedimentos em pesquisa social, Mazzoti (1996) propõe que novos paradigmas de pesquisa deveriam ser considerados, à luz de novas epistemologias “referentes à relação conhecedor e conhecido” e metodologias de “como o conhecimento é construído pelo pesquisador” (MAZZOTI, 1996, p. 17).

Desta forma, a pesquisa qualitativa rompe com o paradigma positivista, no qual considera como ciência só a produção de conhecimento que apreende a realidade quantificando, generalizando e reproduzindo o fenômeno. Sendo que a pesquisa qualitativa entende que quantidade e qualidade são dimensões complementares de qualquer objeto de pesquisa (KAHHALE; PEIXOTO; GONÇALVES, 2002).

Assim, os aspectos qualitativos trabalham com o conteúdo, a essência, a diversidade dos dados, o universo subjetivo de significados. Já os aspectos quantitativos tratam de modo objetivo a forma e a distribuição dos dados equivalentes em categorias empíricas para entender o objeto de estudo. Tanto o conteúdo quanto a forma das informações que se apresenta de fato são importantes e complementares para se conhecer a realidade estudada, porém, a opção pela pesquisa qualitativa, no caso desta pesquisa, é dada pela natureza social do seu objeto de estudo: o processo contínuo de saída do armário de homens gays da cidade Franca/SP.

Portanto, se faz necessário conceber que o método é tradicionalmente compreendido, visto ser o conjunto de procedimentos que permite ao pesquisador conhecer a realidade ou fenômeno que se propõe a estudar, ou seja, pode ser entendido como uma ferramenta.

Law (2004) sugere que o método na visão tradicional está em maior ou menor grau de comprometido com uma ontologia que define a realidade como existente, de um modo independente. Assim, o método permitiria ao pesquisador ter acesso a esta realidade, que por sua vez já existia e que estava, de alguma forma, aguardando a descoberta ou a percepção do pesquisador, que se ocuparia deste estudo. Ainda segundo esta ontologia, as descrições produzidas pelo pesquisador abrangeriam um fenômeno que se mantém constante e bem delimitado.

Para a visão tradicional de pesquisa, se a realidade precede e existe de modo independente do pesquisador, o método é um instrumento de descobrimento.

Sendo assim, ele deve ser utilizado com cautela, ou seja, seguindo a prescrição definida pelo rigor metodológico. Desta forma, as prescrições por sua vez, contribuem para a apropriação do método como um conjunto de características bem definidas e que existe como ferramenta, independente do contexto no qual ele é “aplicado”.

Portando, o método enquanto ferramenta aproxima-se da utilização e desvela uma realidade, que será devidamente analisada pelo pesquisador. O termo análise é utilizado nessa perspectiva ontológica, como se a realidade falasse por si mesma, evidentemente de forma “simbólica”, que, portanto, convida à interpretação e análise do pesquisador.

Nesse sentido, a ferramenta metodológica, os símbolos e a sua interpretação são caracterizadas como modalidades distintas e independentes. É, portanto, dentro desta compreensão ontológica e metodológica que a narrativa de uma pesquisa (seja ela uma dissertação, tese, artigo, projeto, relatório) pode ser dividida em uma sessão denominada método, noutra denominada resultados e em outra chamada análise.

Entretanto, Law (2004) propõe uma nova perspectiva de método, ou seja, o método concebido para além de uma ferramenta, como uma construção de realidade, portanto não há neutralidade.

Método não é um conjunto de procedimentos mais ou menos bem-sucedidos para relatar uma determinada realidade. Em vez disso, é performático. Ajuda a produzir realidades. Não o faz livremente e por capricho. Há uma imensidão de realidades, de ausências manifestas e alteridades, ressonâncias e padrões de um tipo ou outro, já sendo representados, e não pode ignorar isso. Ao mesmo tempo, porém, também é criativo, ou seja, cria e recria estes e, ao fazê-lo, refaz realidades e cria novas visões do mundo. Faz novos sinais e novas ressonâncias, novas manifestações e novos disfarces, e o faz continuamente. As implementações e as realidades que eles produzem não permanecem automaticamente no lugar. Em vez disso, eles são feitos e refeitos. Isso significa que eles podem, pelo menos em princípio, ser refeitos de outras maneiras (LAW, 2004, p.143, tradução nossa).

Assim, a proposta de Law, com base nos estudos pós-estruturalistas, feministas e da sociologia das ciências, é que o método não apenas descreve uma realidade, mas participa na construção da mesma. Nesse sentido, o método não é uma ferramenta aplicada sobre uma realidade com a finalidade de desvelá-la, mas constitui-se como uma “atuação” sobre “o mundo”, de modo a produzir uma realidade

por meio de uma série de dispositivos, dentre os quais podem ser destacados a teoria e a tecnologia.

Law (2004) em seu livro "*After method mess in social science research*" apresenta uma discussão sobre a importância de se perceber o que está para além da formalidade, do que se é observável e quantificado, e compreender o método como produção de realidades, como uma performance afetada de acordo com o momento histórico, com a trajetória dos participantes e pesquisador.

[...] tentei desenvolver um conjunto de vocabulários para pensar sobre método, suas operações e sua performatividade. Seguindo autores da história, filosofia e sociologia da ciência, ampliei a noção de "método" para incluir não apenas o que está presente na forma de textos e sua produção, mas também o que está em seu interior e suportes ocultos. Para pegar esse processo de elaboração e agrupamento, propus a noção de montagem de métodos. O argumento é que o método não é apenas o que é aprendido nos livros e na sala de aula, ou praticado em etnografia, pesquisa de levantamento, viagens de campo geológicas ou em laboratórios. Mesmo nesses ambientes formais, ele também se ramifica e ressoa com relações material e discursivamente heterogêneas que são, para a maior parte, invisível para o metodologista. E o método, em qualquer caso, também é encontrado fora de tais configurações. Portanto, o método é sempre muito mais do que formal (LAW, 2004, p.144, tradução nossa).

Nessa perspectiva, o método deixa de ser uma ferramenta ou um meio para se alcançar um fim, e passa a ser um processo produtivo indissociável de seu produto. Finalmente, se a atividade do pesquisador cria o processo e o produto ao mesmo tempo, o método não pode ser previsto, prescrito ou previamente definido, pois necessita de sua atuação (performance) para que se constitua sempre em ressonância com o seu contexto de produção.

Assim, fui buscando neste trabalho uma forma de acessar e construir essas realidades de pesquisa e ao mesmo tempo produzir novas formas de existir no mundo, questionando os padrões que ao longo desta construção foram se estabelecendo e ao mesmo tempo se entrelaçando com as vivências do pesquisador e dos participantes.

Segundo Law (2004, p.125, tradução nossa),

[...] a montagem de métodos é um processo contínuo de elaboração e estabelecimento de limites necessários entre presença, ausência manifesta e alteridade. Esta forma de palavras toma emprestado o *insight* pós-estruturalista de que tornar qualquer coisa presente implica que outros, mas relacionados as coisas estão simultaneamente

ausentes, afastadas da vista, essa presença é impossível sem ausência. Assim, as representações vão junto com algo lá fora para representar - e muito mais. O mesmo também é o caso para objetos, que são criados com um contexto lá fora com o qual interagem mais ou menos indiretamente. Isso, então, significa que a montagem do método torna algo presente fazendo ausência. Formalmente, eu o trato como a representação da presença, manifesto ausência e ausência como alteridade.

Desta forma, baseamos na perspectiva de Law (2004) para a construção do processo metodológico, considerando as percepções que estavam presentes, associando com o momento histórico e singular que estávamos e estamos vivendo em decorrência da Pandemia (COVID-19), respeitando e construindo formas de acessar os participantes da pesquisa, sem que houvesse a aproximação social ou que nos colocassem (pesquisador e participante) em risco.

Law propõe que para elaboração do método de pesquisa devemos estar atentos a três pontos:

[...] (a) tudo o que está aqui ou presente (para uma instância, uma representação ou um objeto); (b) tudo o que está ausente, mas também manifesto (pode ser visto, é descrito, é manifestadamente relevante para a presença); e (c) o que quer que seja está ausente, mas é outro, porque embora necessário à presença, também está oculto, reprimido ou desinteressante. (2004, p. 144, tradução nossa).

Assim sendo, consideramos a que abordagem qualitativa permite uma aproximação dos participantes da pesquisa, sendo que esta não se debruça na quantificação dos participantes, mas na profundidade das construções de sentido que se faz a partir da relação pesquisador e pesquisado.

De acordo com Minayo (2000, p. 22-23), as metodologias de pesquisa qualitativa são compreendidas como:

[...] aquelas capazes de incorporar a questão do significado e da intencionalidade como inerentes aos atos, às relações e às estruturas sociais, sendo essas últimas tomadas tanto no seu advento quanto na sua transformação, como construções humanas significativas.

Segundo Neder (1993), é necessário entender o fenômeno que se expressa situacionalmente, estudando-o nas suas qualidades essenciais, nas suas especificidades e nas suas peculiaridades. Embora a proposta de Law (2004)

compreenda que a pesquisa qualitativa transcende a expressão de uma situação, uma vez que ela por si só transforma e cria uma nova realidade. Sendo assim, Minayo (2000) conduz à descoberta de características e múltiplas dimensões da realidade.

Portanto, para compreendermos quais são as demandas, ações sociais e possibilidades de transformação das realidades vivenciadas pelos participantes, necessitamos de um olhar mais direcionado, levando em consideração todas as suas características. Sendo assim, a pesquisa qualitativa pode resultar numa fonte de conhecimentos e de novas hipóteses, ou de novas percepções.

Os autores que seguem tal corrente não se preocupam em quantificar, mas, sim, compreender e explicar a dinâmica das relações sociais que, por sua vez, são depositárias de crenças, valores, atitudes e hábitos. Trabalham com a vivência, com a experiência, com a continuidade e também com a compreensão das estruturas e instituições como resultado da ação humana objetiva. Ou seja, desse ponto de vista, a linguagem, as práticas e as coisas são inseparáveis (MINAYO, 2000, p. 24).

A autora acrescenta que a investigação qualitativa lida com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões e busca aprofundar a complexidade de fatos e processos particulares e específicos de indivíduos e grupos, além de corresponder a um espaço mais profundo das relações e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Os termos “metodologia” e “método” traduzem a dimensão mais concreta da pesquisa, enquanto o termo “epistemologia” relaciona-se ao âmbito filosófico em que elas se articulam. Brito (2006) define o termo “epistemologia qualitativa” como um extenso conjunto de metodologias que se contrapõem ao positivismo. Podemos dizer que a “epistemologia qualitativa designa um conjunto amplo de formas de gerar conhecimento que privilegia a dimensão subjetiva, singular, sócio-histórico da experiência humana” (BRITO, 2006, p. 29).

Baseado nessa perspectiva, compreendemos o conhecimento como social e historicamente produzido, sendo que os fenômenos e o significado dos mesmos modificam-se a partir de diferentes contextos.

Assim sendo, a pesquisa começou a ser desenhada a partir de uma perspectiva que entendíamos que poderia cumprir a proposta de Law (2004), no qual o pesquisador é parte da realidade, portanto, não há uma visão neutra, e ao mesmo

tempo ele pode contribuir para uma transformação da realidade apresentada pelos participantes da pesquisa.

Portando, por promover uma ação de transformação da realidade entendemos também como uma pesquisa-intervenção, que por sua vez, tem como característica a participação ativa tanto do pesquisador, quanto dos sujeitos participantes, assumindo o compromisso com o processo de construção do conhecimento e com as transformações que possam gerar mudanças.

Para Rocha (2006, p. 174), “na pesquisa-intervenção a expectativa está vinculada à multiplicação de questões que nos permitem explorar outros caminhos com a comunidade envolvida”.

Sendo assim, a noção de qualitativo na pesquisa-intervenção não está associada à interpretação, à explicação ou à qualificação do quantitativo das informações coletadas, compreendendo o processo como um fato acabado, com uma matéria estável, ou verdade absoluta; o qualitativo se traduz na busca em:

[...] dar visibilidade às ações, aos rituais, às práticas que instituem um objeto, uma individualidade como algo em si mesmo. Os discursos e as normas produzidos em uma coletividade são práticas constitutivas da realidade e é isso o que nos cabe investigar, ou seja, os movimentos permanentes dos processos de subjetivação. *Qualitativo* está ligado aos sentidos produzidos nas relações socio-historicamente determinadas, afirmando a alteridade e as turbulências que nos movem a analisar, a dialogar, a buscar entender o que vivemos. As palavras mudam de significado em função dos sentidos que vão sendo agenciados nas práticas de acordo com as relações de força implicadas naquele momento. Os sentidos são a virtualidade das ações, estando aquém e além das palavras que significam o que experienciamos (ROCHA, 2006, p. 171 – Grifo do autor).

É importante destacar que a pesquisa-intervenção enquanto investigação qualitativa está pautada nos paradigmas ético-estético-político propostos por Guatarri, que de acordo com Gomes (2019, p. 67):

[...] ética é o reconhecimento da alteridade, entendida não como tolerância ou intolerância ao outro, mas ao desafio da convivência para se chegar a acordos temporários e não em consensos redutores. A dimensão estética convida à possibilidade de criação de novos modos de existência, já que não há conhecimentos universais a serem aplicados; a política, à responsabilidade frente aos efeitos produzidos pelas práticas – no caso da prática da pesquisa, o alinhamento aos processos de transformação.

Conforme já dissemos, é importante compreender que estamos vivenciando um momento singular, devido ao período de pandemia, ocasionado pelo COVID-19; desta forma, tivemos de adaptar esta pesquisa às novas realidades. E entendendo que a pesquisa é dinâmica, e não algo posto e estagnado, fomos reestruturando as perspectivas para contemplar o objetivo central da mesma, que consiste na investigação do processo de “saída do armário” de gays da cidade de Franca-SP, bem como averiguar as dificuldades, enfretamentos e conquistas com a saída do armário e levantar quais são os “armários” existentes em seu cotidiano.

2.1 CONTEXTO NA ATUALIDADE: PANDEMIA E DISTANCIAMENTO SOCIAL

Para realização da pesquisa de campo, nos deparamos com um período singular, de distanciamento social, ocasionado pela pandemia. As pandemias são conhecidas como epidemias que se espalham rapidamente por diversos países e afetam uma quantidade relativamente grande de pessoas (WHO, 2019) e que, de forma geral, geram consequências do micro ao macrosistema, impondo, pelo tempo em que duram, novas regras e hábitos sociais para a população mundial, e ainda, gerando mobilizações de diversas naturezas para suas contenções.

De acordo com os dados da Organização Mundial de Saúde (WHO, 2019), o surto da COVID-19 iniciou-se na China, em dezembro de 2019. E desde então, tem se alastrado por diversos locais e populações. O COVID-19 (Coronavírus Disease, 2019) é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2) (BRASIL, 2020). Apesar de indícios de que os primeiros casos surgiram em outubro de 2019, a doença foi identificada apenas em dezembro do mesmo ano na cidade de Wuhan, na China, e caracterizada, até então, como uma epidemia.

De origem provavelmente zoonótica (ou seja, causada por parasitos de animais), porém ainda desconhecida, os primeiros casos tinham em comum o Mercado Atacadista de Frutos do Mar de Wuhan. Os primeiros coronavírus humanos foram isolados em 1937, mas o vírus só foi nomeado em 1965 como coronavírus, em decorrência da similaridade com uma coroa, que puderam ser vistos em estudos de microscopia.

Os vírus causam desde um resfriado comum até doenças respiratórias mais severas, como a MERS (Síndrome Respiratória do Oriente Médio) e a SARS (Síndrome Respiratória Aguda Grave) (BRASIL, 2020). Os sintomas da COVID-19 são variados e podem ocorrer desde a forma mais branda até um acometimento grave com necessidade de internação hospitalar, sendo os principais sintomas: febre alta, tosse e dispneia. A infecção ainda pode acometer o trato respiratório inferior e apresentar-se como pneumonia, por exemplo (WHO, 2020). Apesar de não aparentar a mesma gravidade da SARS, em termos de letalidade, a COVID-19 apresenta transmissibilidade superior, o que a torna muito mais letal em números absolutos.

É importante ressaltar, que por ser um novo vírus para os humanos, não há imunidade previamente adquirida, o que o torna ainda mais infectante. A doença é contagiosa e a transmissão viral acontece da pessoa infectada para uma sadia, seja por meio de contato pessoal próximo ou com objetos e superfícies contaminadas, ou por meio de gotículas de saliva, espirro, tosse, catarro, seguido de contato com a boca, nariz ou olhos. O período de incubação do vírus é de 2 a 14 dias e alguns indivíduos podem ser assintomáticos (WHO, 2020).

O vírus não apresenta barreiras etárias, sexuais ou de raça. Acredita-se que os grupos de maior risco são de idosos (com mais de 60 anos) e pessoas com condições médicas prévias, principalmente, imunocomprometidos (WHO, 2020). Nesses casos, a doença normalmente se apresenta de forma mais severa e o índice de mortalidade se eleva.

Os dois primeiros estados brasileiros a apresentarem a contaminação pelo vírus foram São Paulo, em 26 de fevereiro, seguido do Rio de Janeiro, em 5 de março. Naquela data, em São Paulo já existiam 13 casos confirmados e em meados daquele mês foi registrada a primeira morte, um homem de 62 anos, com diabetes e hipertensão (FARIAS, 2020).

A partir de então, medidas de distanciamento e isolamento social foram introduzidas em diferentes momentos, pelos estados e municípios brasileiros, a exemplo da suspensão das aulas, do fechamento de órgãos públicos, das lojas comerciais, entre outros (BRASIL, 2020). O Ministério da Saúde apresenta uma série de recomendações para a população a fim de conscientizá-la quanto a questões de transmissão, prevenção e procedimentos em caso de contágio da doença. Uma das

principais consequências, nesse sentido, foi o distanciamento social como medida de prevenção da disseminação do COVID-19, sendo a população amplamente orientada a ficar em suas respectivas casas, motivo pelo qual uma grande parcela da mesma foi liberada do trabalho presencial, realizando tão somente o remoto – com exceção dos profissionais que exercem funções tidas como essenciais, a exemplo dos da saúde, bombeiros, de higienização hospitalar, garis, policiais, dentre outros.

Considerando a estimativa de que 20% da população de infectados necessitarão de internação hospitalar e, destes, 5% de suporte ventilatório em unidade de terapia intensiva (UTI), essa contaminação não pode acontecer de forma desordenada, uma vez que isso geraria um caos no sistema de saúde e, conseqüentemente, um número elevado de óbitos, o que acabou acontecendo. Por isso, continua sendo importante manter a curva de contágio achatada, uma vez que esta revela que a infecção está acontecendo de forma lenta e gradual como consequência dos resultados positivos do cumprimento adequado do distanciamento, do isolamento social e da quarentena (BRASIL, 2020).

Desta forma, é importante compreender os conceitos de isolamento, quarentena e distanciamento social, de acordo com Fundação Fiocruz (2020) essas medidas de saúde pública, embora semelhantes, não são sinônimas.

Isolamento se refere à separação dos infectados ou daqueles que apresentam sintomas característicos da doença, de indivíduos sadios. Quarentena significa separar e restringir a movimentação de indivíduos já expostos a situações com potencial de contágio. Distanciamento social, por sua vez, consiste em um esforço consciente para reduzir o contato e aumentar a distância física entre pessoas, a fim de diminuir a velocidade de contágio. Em pandemias, o distanciamento social deve ser respeitado, mesmo quando não existe nenhum sintoma aparente e as pessoas não estejam em um grupo de risco. Quando aliado à recomendação de máxima permanência em casa, de forma a realizar apenas saídas essenciais e evitar locais públicos ou aglomerações, o distanciamento social ganha o nome de abrigo no lugar. Visto que, na prática, essas medidas de separação física têm o mesmo propósito de conter a disseminação da infecção. (FIOCRUZ, 2020. p.1)

Contudo, o termo quarentena, neste trabalho, será compreendido como sinônimo dessas três medidas para contenção do COVID-19: o isolamento social, a quarentena e o distanciamento social.

O cenário do COVID-19 tem afetado emocionalmente e psicologicamente a população de diversos países, seja pelo distanciamento e isolamento social, pelas questões econômicas ou ainda pelos traumas gerados em decorrência da vivência da doença e o medo da possível contaminação.

Na China, que foi um dos primeiros países a adotar a quarentena e o isolamento social como medidas protetivas, houve um aumento no índice de ansiedade, depressão, uso nocivo de álcool e menor bem-estar mental da população. As pessoas que tiveram a confirmação ou suspeita da COVID-19, segundo WHO (2020), podem apresentar medo das consequências da infecção – potencialmente fatal, e os que estão em quarentena podem sentir tédio, solidão e raiva.

Atualmente, de acordo com Ministério da Saúde (BRASIL, 2020) no período de 23/03/2020 a 09/02/2021 temos cerca de 9.548.079 casos confirmados de COVID-19 no Brasil, desses 8.447.645 já encontram-se recuperados e 232.160 vieram a óbito. Em França, os números que tivemos nesse mesmo período são 12.409 casos confirmados e 307 pessoas vieram a óbito (BRASIL, 2020). O processo de vacinação já foi iniciado, tendo alcançado profissionais de saúde da linha de frente e alguns profissionais da saúde indireta, e idosos acima de 90 anos. Ainda assim, estamos no período de ascensão dos números de casos de COVID-19.

Diante deste cenário, a pesquisa de campo sofreu algumas transformações.

2.2 PANDEMIA E TRANSFORMAÇÕES NA PESQUISA DE CAMPO

De acordo com a perspectiva de Law (2004), a pesquisa deve seguir o fluxo do contexto no qual é inserida, portanto, o melhor método para atender a realização da mesma, deverá ser percebido no contato com o objeto de pesquisa. Compreendendo que não há neutralidade, e a mesma acontece de forma dinâmica;

procuramos identificar quais as estratégias que poderiam atender aos objetivos propostos, neste momento pandêmico.

O intento preliminar da pesquisa consistia na realização de uma entrevista inicial, para criar uma vinculação com os participantes, e posteriormente realizarmos três sessões de Sociodrama Temático, como preconizado por Moreno, com o intuito de promover microtransformações, capazes de possibilitar novas respostas aos dramas vivenciados pelo grupo.

Assim, a proposta era a realização de três encontros sociodramáticos temáticos, sendo que os temas estariam vinculados aos objetivos da pesquisa: Tema 1: descoberta da minha sexualidade; Tema 2: saindo do “armário”; e Tema 3: os outros armários que existem na minha vida. Os grupos seriam compostos de 7 a 15 participantes com idades acima de 18 anos, sendo homens gays.

Em decorrência do COVID-19 tivemos de repensar este processo e transformá-lo em uma vivência à distância, portanto, adaptamos esses mesmos encontros que, ao invés de ocorrerem presencialmente, aconteceriam virtualmente através do *Google Meet*, uma ferramenta de reunião a distância que nos permitiria promover as vivências e ao mesmo tempo gravá-las para, posteriormente, descrever o processo na pesquisa.

Em detrimento do tempo e da disponibilidade dos participantes, que por sua vez, não se sentiram à vontade na realização de encontros virtuais com outros homens gays, optamos pela realização apenas de uma entrevista individual com algumas perguntas norteadoras (APÊNDICE I), para conduzir essa conversa entre participante e pesquisador, que juntos foram dividindo as experiências e percebendo similaridades e dissonâncias entre as suas histórias de vida.

Nesse sentido, percebemos a importância de criar um vínculo com os participantes e deixá-los confortáveis para falarem de si, portanto, muitos momentos em que perguntávamos sobre sua história, revelávamos trechos e fragmentos da minha própria história de vida, permitindo, assim, uma identificação, bem como uma maior aproximação com os participantes, evidentemente compartilhava tais histórias após a fala dos participantes para não influenciar suas respostas.

2.3 PROCEDIMENTOS DA PESQUISA

O primeiro procedimento da pesquisa se deu pela inserção do projeto que foi apresentado ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da UNESP – Franca, através da Plataforma Brasil, e em seguida foi retificado devido às mudanças que ocorreram na metodologia e no título do trabalho, tendo o parecer favorável sob o número 4.154.457 (CAAE: 229232920.5.0000.5408 – ANEXO I).

Em seguida, para seleção dos participantes utilizamos como estratégia a busca de pessoas através da divulgação nas redes sociais, acionando nossos grupos de amigos, colegas e conhecidos, para que se voluntariassem ou divulgassem entre os seus contatos. A princípio tivemos um aceite de 16 voluntários, que ao preencherem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), documento de aceite da participação na pesquisa, constante dos procedimentos do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Faculdade de Ciências Humanas e Sociais (FCHS) da UNESP – Franca, deixaram de assinalar informações importantes, como nome, idade e contato. Nesse primeiro levantamento percebemos que 10 participantes não eram de Franca/SP, e que os que eram de Franca não colocaram seus telefones ou e-mails para contato.

Nesse sentido, o formulário foi refeito colocando como campos obrigatórios o contato, cidade e idade. Nessa segunda divulgação obtivemos um montante de 13 participantes, sendo que todos são moradores de Franca/SP, e 2 estavam em outra cidade em decorrência da pandemia.

Tivemos alguns contratemplos e problemas técnicos que envolveram as gravações de 3 entrevistas, as quais foram descartadas, sendo que dessas, 2 foram gravadas apenas as imagens sem o áudio e 1 teve parte do áudio gravado e parte sem gravar, todas as entrevistas foram realizadas pelo *Google Meet*. Portanto, consideramos como respostas válidas todas as entrevistas que foram gravadas na íntegra compondo o montante de 10 entrevistas realizadas com homens gays, com idade entre 19 e 42 anos, moradores da cidade de Franca/SP.

A opção por estudar somente os gays do sexo masculino se dá pela história de vida do pesquisador e pela proximidade com o lugar de fala desses indivíduos.

Para realização desta pesquisa, tendo em vista os contratempos acima apresentados e em virtude do cenário de Pandemia em que nos encontramos decidimos seguir os passos propostos por Syzmanski (2011); assim, o caminho metodológico a princípio baseado na socionomia sofre uma transformação para melhor atender os objetivos da pesquisa, respeitando a conjuntura atual. Portanto, realizamos primeiramente um contato inicial no qual me apresentei enquanto pesquisador, comuniquei quanto aos objetivos da pesquisa, as orientações e a entidade pertencente, e, ainda, apresentei o formulário do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE II), bem como o levantamento das informações iniciais, como nome, idade, contato, telefone, e-mail, disponibilidade de horários.

Contemplamos, assim, o primeiro passo proposto por Syzmanski (2011), na realização de uma pesquisa reflexiva, que consiste na vinculação do entrevistado com o pesquisado. O segundo passo proposto por Syzmanski (2011) consiste na condução da entrevista, que por sua vez é subdividida em: aquecimento; questões desencadeadoras; expressão da compreensão; produção de síntese; e elaboração de questões de esclarecimentos, focalizadoras e de aprofundamento.

A fase de aquecimento estabelece uma aproximação do pesquisador com o entrevistado, criando um clima informal. Sendo este o momento para obter os dados do perfil dos participantes. Syzmanski (2011) ressalta que as atividades de aquecimento proporcionam um clima de descontração e assim possibilita o acesso às informações sociodemográficas de maneira natural permitindo o estabelecimento de vínculos com o pesquisador.

As questões desencadeadoras têm por objetivo trazer à tona a elaboração ou o primeiro arranjo narrativo em que o entrevistado pode explanar sobre o tema. Nesta pesquisa, seguimos um roteiro com algumas questões desencadeadoras para estimular a fala dos participantes e promover um diálogo entre participante e pesquisador.

De acordo com Syzmanski (2011) é importante permitir que os entrevistados se sintam à vontade para discorrer livremente a partir das questões desencadeadoras, mesmo que sua resposta não tenha uma ligação explícita com o tema proposto, neste sentido, cabe ao pesquisador buscar, no momento da análise, as mensagens que estão nas entrelinhas da fala do entrevistado.

Segundo Szymanski (2011) o pesquisador não pode perder de vista os objetivos do estudo, demonstrando uma expressão da compreensão do discurso do entrevistado, ressaltando que a apreensão deverá ter um caráter descritivo de síntese da informação recebida. Portanto, o entendimento do discurso permite que pesquisador possa investigar e dar prosseguimento à pesquisa elaborando e formulando questões: de esclarecimentos; focalizadas; e de aprofundamento.

Contudo, para que haja uma assimilação, o pesquisador deverá realizar sínteses que segundo Szymanski (2011) tenha a finalidade de manter uma postura descritiva e ao mesmo tempo realizar a imersão no discurso do entrevistado. Portanto, nas sínteses, o entrevistador busca elencar os principais pontos do discurso.

As questões que o entrevistador poderá elaborar a partir da compreensão, consiste nas questões de esclarecimento que têm fundamental importância para elucidar as relações entre as ideias ou fatos narrados. Já as questões focalizadoras são aquelas que trazem o discurso para o foco desejado, quando o entrevistado se distancia da questão. Entretanto, se faz necessário compreender as razões desse distanciamento. As questões de aprofundamento são aquelas que devem ser realizadas quando o discurso está sendo abordado superficialmente pelo entrevistado.

É importante ressaltar que as questões de intervenção na entrevista servirão de apoio para análise da mesma, no sentido de observar os momentos de distanciamento, de confusão na expressão de fatos ou ideias e na superficialidade no tratamento de alguns assuntos.

A devolução pode ser apresentada ao entrevistado posteriormente, para que ele possa reformular alguma fala ou pensamento caso sinta essa necessidade. Portanto, trata-se de uma exposição de compreensão do entrevistado sobre a experiência relatada a partir do pesquisador.

Para a análise dos dados nos baseamos na perspectiva de Minayo (2000) e Szymanski(2011), que, por sua vez, compreendem que os dados qualitativos referem-se a uma atividade de construção de realidade que busca apresentar novas vivências de homens gays no processo contínuo de saída do armário.

Assim, Szymanski (2011) propõe que a análise qualitativa vá ao encontro do componente significativo do fenômeno estudado, por meio de procedimentos que têm a finalidade de se aprofundar no objeto de estudo. Para tanto, neste estudo a

análise seguirá os 4 passos, preconizados por Giorge, (1985 apud SZYMANSKI, 2011) que consistem em:

1º. Leitura exaustiva da transcrição da entrevista na íntegra, para se familiarizar com o contexto, e captar a essência do que foi descrito, essa leitura deverá se repetir quantas vezes for necessária para captar o sentido e o contexto;

2º. A entrevista deve ser dividida em partes chamadas de unidades de significado, uma vez que é impossível analisar o sentido todo de uma única vez, portanto, essas unidades de significado são evidenciadas na medida em que se relacionam umas com as outras, e indicam momentos diferentes na totalidade da entrevista;

3º. Em seguida, as expressões cotidianas e consideradas “ingênuas” serão transformadas em linguagem de compreensão para extrair o contexto e o valor psicológico das falas dos entrevistados;

4º. Por último, as unidades de significados são sintetizadas e transformadas em uma descrição consistente.

Deste modo, ao sintetizar as “unidades de significado” esperamos compreender como se deu o processo de saída do armário de homens gays moradores da cidade de Franca/SP.

Para resguardar a identidade dos participantes desta pesquisa, optamos pela utilização de pseudônimos advindos das mitologias greco-romana e egípcia. Embora não tenhamos o objetivo de analisar a relação dos pseudônimos dos participantes, os significados e origens dos mesmos, com suas características reais como pessoas, acreditamos ser interessante trazermos, abaixo, suas descrições nas mitologias.

QUADRO 1: CARACTERÍSTICAS DOS PSEUDÔNIMOS DOS SUJEITOS DA TESE, DE ACORDO COM AS MITOLOGIAS GRECO-ROMANA E EGÍPCIA.

Pseudônimo	Característica	Origem
1 – Quiron	A principal característica de Quiron, está relacionada com a compaixão que através de sua própria dor é capaz de compreender e cuidar da dor do outro. Quiron representa a parte ferida de cada um, simbolizada por alguma deficiência, limitação ou problema, que o torna benevolente em relação aos que o cercam, pois entende o sofrimento deles com compaixão (GODY, 2020, p.1).	Greco romana
2 – Rá	Deus do Sol da aparição (DIANA, 2020).	Egípcia
3 – Thoth	Deus do conhecimento. Acredita-se que Thoth é aquele que mantém a ordem no universo, ele foi um dos deuses mais importantes da mitologia egípcia. Ele era filho do deus sol, Rá, criado com a ajuda de Atum e Khepri. Diz-se que foi Thoth quem inventou a escrita egípcia antiga, e que ele era o deus protetor dos escribas (RAINHO, 2015, p. 1).	Egípcia
4 – Prometeu	Prometeu não só deu aos homens a sabedoria e a capacidade de se desenvolver; a humanidade, junto com o avanço científico e tecnológico, conheceu também a ira de Zeus (DIANA, 2020, p. 1).	Grego Romana
5 – Hermes	Conhecido como o Deus das meias verdades (DIANA, 2020, p.1).	Grego Romana
6 – Eros	Associado ao Deus do amor, do amor romântico (DIANA, 2020, p. 1).	Grego Romana
7 – Baco	Associado as festas e também ao prazer, ao vinho, ao prazer da carne, do desejo. E protetor daquele que não se enquadram na sociedade convencional (GRIZZO, 2016, p. 1).	Grego Romana
8 – Cronos	É o Deus do tempo, refere-se literalmente ao tempo, quantitativo, representado pelos dias e horas. É o Deus que castra seu pai a pedido da mãe (DIANA, 2020, p.1).	Greco romana
9 – Hórus	Hórus vem da palavra <i>hor</i> , que em egípcio clássico significa "aquele que está distante". Ele era um deus poderoso e matou seu pai para governar o Egito (DIANA, 2020, p. 1).	Egípcia
10 – Kairós	Kairós, o deus da oportunidade, do momento adequado, oportuno. (FAVARO, 2020, p. 1).	Greco romana

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

QUADRO 2: PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Pseudônimo	Idade	Escolaridade	Religião	Profissão	Número de Residentes	Renda <i>per capita</i> /familiar (Salário Mínimo em 2020: R\$ 1.045,00)	Relacionamento amoroso
1 – Quiron	33	Ensino Superior Completo	Espírita	Vendedor	(1) Somente ele	R\$ 1.600,00	Não
2 – Rá	23	Ensino Superior Completo	Evangélico	Professor	(1) Somente ele	R\$ 2.800,00	Sim
3 – Thoth	42	Pós-Graduação (Doutorando)	Espírita	Enfermeiro/ Assistente Social	(1) Somente ele	R\$ 2.200,00	Sim
4 – Prometeu	26	Ensino Superior Completo	Não têm religião	Estagiário	(2) Namorado e ele	R\$ 5.000,00	Sim
5 – Hermes	23	Ensino Médio	Espírita	Auxiliar técnico	(2) Mãe e ele	R\$ 4.000,00	Sim
6 – Eros	31	Ensino Superior (Cursando)	Católico	Massoterapeuta	(3) Pai, mãe e ele	R\$ 10.000,00	Sim
7 – Baco	25	Ensino Médio	Espírita	Depilador	(1) Somente ele	R\$ 1.000,00	Não
8 – Cronos	19	Ensino Superior (Cursando)	Católico	Estudante	(4) Mãe, pai, irmã e ele	R\$ 4.000,00	Não
9 – Hórus	29	Ensino Superior Completo	Católico	Auxiliar de escritório	(4) Pai, dois irmãos e ele	R\$ 5.000,00	Sim
10 – Kairós	35	Ensino Superior Completo	Católico	Professor	(1) Somente ele	R\$ 5.300,00	Não

Fonte: Elaborado pelo autor (2020).

No quadro 2 apresentamos o perfil dos participantes da pesquisa: Quiron tem 33 anos, cursou o ensino superior completo, é espírita, sua profissão atual é vendedor, mora sozinho, sua renda é de aproximadamente R\$ 1.600,00 e não está em nenhum relacionamento amoroso; Rá tem 23 anos, cursou o ensino superior completo, é evangélico, professor, mora sozinho, sua renda é de aproximadamente R\$ 2.800,00 e está em um relacionamento amoroso; Thoth tem 42 anos, está cursando pós-graduação (doutorado), é espírita, é enfermeiro e assistente social, mora sozinho, sua renda é de aproximadamente R\$ 2.200,00 e está em um

relacionamento amoroso; Prometeu tem 26 anos, cursou o ensino superior completo, não tem religião, faz estágio, mora com o namorado, a renda familiar é de aproximadamente R\$ 5.000,00 e está em um relacionamento amoroso; Hermes tem 23 anos, cursou o ensino médio completo, é espírita, sua profissão atual é auxiliar técnico, mora com a mãe, a renda familiar é de aproximadamente R\$ 4.000,00 e está em um relacionamento amoroso; Eros tem 31 anos, cursa o ensino superior, é católico, massoterapeuta, mora com seus pais, a renda familiar é de aproximadamente R\$ 10.000,00 e está em um relacionamento amoroso; Baco tem 25 anos, cursou o ensino médio completo, é espírita, depilador, mora sozinho, sua renda é de aproximadamente R\$ 1.000,00 e não está em nenhum relacionamento amoroso; Cronos tem 19 anos, cursa o ensino superior, é católico, estudante, mora com os pais e irmã, a renda familiar é de aproximadamente R\$ 4.000,00 e não está em nenhum relacionamento amoroso; Hórus tem 29 anos, cursou o ensino superior completo, é católico, sua profissão atual é auxiliar de escritório, mora com o pai e dois irmãos, a renda familiar é de aproximadamente R\$ 5.000,00 e está em um relacionamento amoroso; e Kairós tem 35 anos, cursou o ensino superior completo, é católico, professor, mora sozinho, sua renda é de aproximadamente R\$ 5.300,00 e não está em nenhum relacionamento amoroso.

Nesse sentido, após as leituras das entrevistas identificamos algumas unidades de significado, assim como proposto por Szymascki (2011):

QUADRO 3: UNIDADES DE SIGNIFICADO

Título	Descrição
1 – Percepção da sexualidade	Momento em que se perceberam homossexuais
2 – Rótulo da sexualidade	Os rótulos ou termos que gostam de ser tratados (ex. gays, homossexuais, bichas, etc.)
3 – Processo de “Saída do Armário” para os amigos	A revelação da sua orientação sexual para os amigos

4 – Processo de “Saída do Armário” para a família	A revelação da sua orientação sexual para família
5 – Os vários “armários” da minha vida	Os vários momentos em que precisam decidir se vão “sair do armário”
6 – Sexualidade e religião	O impacto religião na sexualidade
7 – Ser gay em Franca	Como percebem o “ser gay” em Franca
8 – Homofobia	Os vários momentos que sofreram discriminação em decorrência da sua sexualidade

Fonte: Elaborado pelo autor

Nesse sentido, esses temas serão analisados e apresentados juntamente com seus referenciais teóricos, compreendendo que a análise formal envolve tudo o que é dito, seja através das palavras ou imagens, toda expressão é considerada como uma comunicação. De acordo com Rasesa e Japur (2001), o processo de análise da dinâmica grupal está focalizado no registro das falas, da sua sequência, dos eixos processual e temático nelas contidos e nas interações dos sujeitos, buscando a construção dos sentidos presentes nas mesmas. Portanto, na seção 3 iniciamos a construção do referencial teórico, juntamente com a análise formal a partir das sexualidades.

PRELÚDIO B

Penso que uma das maiores dificuldades por mim enfrentadas na autoaceitação e no processo de “sair do armário” (por volta dos 20 anos), estava relacionada com a dificuldade de nomear o que eu me tornaria ou o que eu seria, pois, desde muito cedo, sabia que algo diferente pulsava dentro de mim.

Nasci um menino grande de quase 4 kg, de uma gravidez planejada, de pais muito jovens, os quais moravam em uma pequena cidade do interior de Minas Gerais, sendo que toda minha família era de Marília/SP, às vezes, chego a pensar que a escolha de minha mãe por engravidar foi para evitar a solidão que a distância da família e amigos lhe provocava, ainda mais para uma jovem de 22 anos, que interrompeu os estudos para se dedicar ao cuidado e manutenção financeira da família.

Somos de origens simples, meu pai, quando se casou, trabalhava como caminhoneiro e passava a maior parte do tempo na estrada, minha mãe apaixonada por ele se enveredou por este caminho, buscando a felicidade nesses encontros intercalados entre uma viagem ou outra.

Tempos depois, meu pai havia prosperado no emprego, se tornou representante de vendas, tínhamos uma vida confortável, com uma série de privilégios dos quais eles não tinham acesso quando moravam em Marília/SP. Eu me tornara uma criança que convivia mais com adultos, do que com outras crianças da mesma idade que eu. Para diminuir esta falta e interação, fui matriculado numa escola particular infantil.

Quando eu estava com quase 6 anos minha mãe engravidou novamente. Nesta época, eu era uma criança bem espontânea, dançava facilmente as músicas da Gretchen e tinha mais amigos adultos que crianças. Contudo, meus pais quiseram voltar para Marília/SP, e tivemos de recomeçar. Chegamos à cidade num período de crise e passamos por muitas dificuldades.

De fato, eu era uma criança extrovertida, desde pequeno já era gordinho, e muito mimado por tios e tias. Mas foi exatamente essa espontaneidade que marcou meus dias. Aos 6 anos e meio, eu gostava muito de ir brincar com meus tios e tias, e

sempre fui muito bem tratado. Mas teve um, em especial, que imprimiu para essas brincadeiras uma forma de intimidade que passava dos limites. Eu com quase 7 anos e ele com 20, passou a abusar de mim. Naquela época, eu tinha medo de compartilhar com alguém o que estava acontecendo e ser julgado ou, ainda, desapontar meus pais, já que, de certa forma, eu achava que a responsabilidade por aquelas brincadeiras era minha e, sendo assim, não saberia como contar para alguém.

Naquele momento, eu já tinha noção do que era sexo, meus pais, apesar de conservadores, sempre falaram livremente para mim sobre relações sexuais, principalmente, qual era o papel do homem, ou melhor, dizendo, o que eles entendiam que era ser homem.

Desta forma, eu me sentia envergonhado pelo que havia acontecido, me sentia culpado, e comecei a me fechar, comecei a ficar mais introspectivo, deixei de sair com meus tios e, principalmente, de ir visitar meu avô por parte de pai.

Tempos depois, todo mundo fala que eu me tornei uma criança muito quieta, que não tinha muitos amigos, até que eu conversava muito bem com os adultos, mas que eu precisava conviver mais com meninos da minha idade, e apareceu um colega do meu pai, que trabalha com transporte de crianças para escola e, também, tinha uma espécie de escolinha de futebol.

Logo fui muito incentivado a fazer amizade com ele. Naquele período, meu pai jogava bola no Country Clube de Marília, que consiste num clube de campo com várias formas de entretenimento. Minha mãe, irmã e eu frequentávamos as piscinas deste clube, e vez ou outra, a lagoa também.

Dos 9 para 10 anos de idade, passei pela segunda situação de abuso. Este colega do meu pai, que me prometera ensinar a nadar, passou a ter ações de abuso. Naquele momento, eu só podia pensar que algo em mim devia estar quebrado, afinal o que eu seria? Eu não sei se eu gostava daquilo... Mas também não sabia se não gostava. Sabia que eu me sentia muito mal com tudo aquilo, me sentia sujo e com muita raiva.

E assim, seguiu-se o tempo. Eu guardava em segredo tudo isso que me acontecera, mas algo tinha sido despertado em mim, muito embora eu não quisesse. E era tudo muito confuso, passei a sentir atração por homens e, também, por

mulheres, e aquilo era no mínimo errado, para não dizer abominável, pelo menos esta era a minha visão, naquela época.

Aos 15 anos, já transbordavam desejos e sentimentos que pareciam completamente opostos. Cansado daquilo tudo, de tentar ser o que as pessoas queriam, mas sem saber o que eu era, tinha medo de me pronunciar e tinha medo do futuro. Ainda que apaixonado por uma menina eu não conseguia deixar de sentir atração por homens... Foi numa dessas tardes, em que eu estava completamente perdido que resolvi tomar uma cartela de calmantes que era do meu pai, mais duas cartelas de remédios para emagrecer da minha mãe, mais alguns remédios para bronquite alérgica e outros para dor no corpo.

Meu único desejo, naquele momento, não era de morrer, era de cessar a dor que eu estava sentindo. Uma dor que eu não podia compartilhar com ninguém porque eu não sabia como eles reagiriam. Tenho poucas lembranças daquele dia, apenas partes de imagens e falas que se misturam dentro de mim. Lembro-me do meu pai gritando meu nome para que eu abrisse a porta do quarto, de desmaiar nos seus braços, do cheiro do hospital, de acordar de madrugada com um caninho no nariz e de ser acordado no dia seguinte, por volta das 7h da manhã, para tomar banho, minhas lembranças se resumem a esses recortes.

Ainda que não compartilhasse todo meu sentimento com meus pais, minha mãe sabia que algo não estava certo e me levou ao meu antigo pediatra. Embora eu estivesse com 15 anos, ele me trata como um menino. Ficamos a sós e ele me perguntou o que estava acontecendo, eu disse dos meus desejos, meio envergonhado enquanto ele me examinava e disse que isso era normal para minha idade e que eu deveria apenas escolher para qual corpo eu iria me sentir atraído, para evitar sofrimentos futuros, mas que não tinha nada de errado ser gay ou homossexual, o problema estava em ficar no meio do caminho. Disse que se eu quisesse me indicaria um psicólogo, mas até então, eu nem sabia o que um psicólogo faria.

Já que era uma questão de escolha estava fácil, escolheria ser homossexual, e saí mais animado do consultório como se tivesse resolvido a minha vida, logo comecei a namorar, e parecia que tudo estava assentado. Claro que não era tão simples... Aos 18 anos já não dava mais conta de lidar com tudo isso, e tive minha primeira experiência com outro homem, mas me recusava a falar que tinha sido

uma relação homossexual, no máximo, eu aceitava que tinha sido uma experiência nova.

O termo homossexual me aterrorizava, gay era muito pior, bicha era apenas um xingamento, e todos esses termos atravessavam minha vida de forma que eu não me reconhecia neles, afinal, eu não podia ser aquilo que fui ensinado a não gostar. Claro que neste intervalo de tempo, dos 6 aos 18 anos, tiveram momentos de muito embate emocional. Mas, a única certeza que eu tinha, nessa época, e que não aceitaria que alguém, algum dia, pudesse me chamar de gay.

3 SEXUALIDADES

A sexualidade é um conceito abrangente, que está para além do ato sexual e da reprodução; todo indivíduo é um ser sexuado desde o nascimento até a morte. A sexualidade é uma construção histórica e cultural e, por isso, é preciso entendê-la como algo muito mais complexo do que a reprodução humana ou o ato sexual, pois ela envolve sentimentos, desejos, relacionamento entre pessoas. Camargo e Ribeiro (1999, p. 50) definem a sexualidade como “uma energia forte e mobilizadora, uma dimensão da expressão do ser humano em sua relação consigo mesmo e com o outro, lugar do desejo, do prazer e da responsabilidade”.

Nesse sentido, compreendemos a sexualidade como parte integrante da personalidade de cada um, que pode ser motivada por diversos fatores, dentre eles, o desejo de encontrar um amor, a necessidade do contato físico e psíquico, bem como, o estabelecimento da intimidade, embora compreendamos que a sexualidade é algo singular e pode ser traduzida em cada indivíduo de uma forma única. Nesses termos, a sexualidade pode influenciar nossos pensamentos, sentimentos, ações e integrações, portanto, a nossa saúde física e mental (WHO, 2006).

No que se refere à sexualidade, existem discussões polêmicas por envolverem muito mais que conceitos científicos diversos, pois, referem-se, muitas vezes, a conceitos dogmáticos, especulativos, preconceituosos, limitados e conservadores. Dentre as diversas discussões, Freud ressalta os estudos sobre a sexualidade infantil.

De acordo com Freud (1996), a sexualidade está presente desde que nascemos; para Kupfer (2001), até os estudos de Freud, a criança era considerada como sendo um ser isento de expressão sexual.

Freud sistematizou suas considerações sobre sexualidade infantil no livro: “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905), e uma das primeiras críticas que ele apresenta na obra, diz respeito à crença que a pulsão sexual (energia sexual) só aparecer na puberdade, sendo considerada ausente na infância.

Segundo Freud (1996), a pulsão é um processo dinâmico que consiste numa pressão ou força que move um organismo para um alvo, e tem a sua fonte numa

excitação corporal (estado de tensão); assim, seu alvo consiste em suprimir o estado de tensão que se encontra na fonte pulsional. Desta forma, para Freud, não há outra pulsão que carregue tanto e tão poderoso desejo inconsciente, pronto para produzir sonhos no estado de sono, que a pulsão sexual (FREUD, 2006, vol. VII).

Mesmo antes de Freud, a literatura apresentava notas ocasionais sobre a atividade sexual em crianças pequenas, como a ereção, a masturbação ou mesmo o ato sexual. Estes relatos tinham o enfoque de algo excepcional, curiosidade ou como uma depravação precoce. E nenhum teórico tinha reconhecido até então, a normalidade da pulsão sexual, na infância.

Para Freud (1996) o amadurecimento sexual do indivíduo pode ser compreendido por fases, que segundo ele são:

- A fase Oral, que consiste na primeira fase do desenvolvimento, se estende do nascimento a um ano de idade. O ponto de tensão e gratificação desta fase é a boca, a língua e os lábios, e inclui morder e sugar;
- A fase anal é a segunda, abrange dos 2 aos 4 anos de idade, sendo que o ânus e áreas vizinhas são a maior fonte de interesse, propiciam aquisição de controle voluntário de esfíncter.
- A fase fálica, de 4 a 6 anos, no qual o interesse são os órgãos genitais, há a percepção entre a diferença do genital feminino e do genital masculino;
- A fase de latência, dos 6 aos 11 anos, é um estado de relativa inatividade. As pulsões sexuais estão voltadas para os objetivos mais apropriados socialmente, como a formação do superego, estrutura psíquica da mente responsável pelo desenvolvimento moral e ético, inclusive a consciência; e
- A fase genital, consiste na última fase, dos 11 aos 12 anos em diante, corresponde ao estágio final do desenvolvimento sexual de uma pessoa. Começa com a puberdade e a partir de então, a criança pode voltar sua energia em direção às relações amorosas (FREUD, 1996).

Entrelaçado à sexualidade, estão às questões ligadas ao gênero, sendo que seus conceitos serão explicitados em outro momento. Mesmo antes do nascimento, são imbuídas nas crianças as noções de gênero e as expectativas de uma heterossexualidade. É comum vermos os pais dizendo que o filho namora fulana

e a filha é namorada de cicrano, há ainda as brincadeiras consideradas de meninos e outras de meninas, comportamentos de meninos e comportamentos de meninas, entre outros. Nesse sentido, há uma hegemonia que conduz à heteronormatividade².

A sexualidade, contudo, não tem o mesmo grau de importância para todos os sujeitos. Mais do que um recurso explicativo baseado em diferenças psicológicas, essa variação é efeito de processos sociais que se originam no valor que a sexualidade ocupa em determinados nichos sociais e nos roteiros específicos de socialização com os quais as pessoas se deparam.

A cultura (em sentido lato) é a responsável pela transformação dos corpos em entidades sexuadas e socializadas, por intermédio de redes de significados que abarcam categorizações de gênero, de orientação sexual, de escolha de parceiros. Valores e práticas sociais modelam, orientam e esculpem desejos e modos de viver a sexualidade, dando origem às carreiras sexuais/amorosas (HEILBORN, 1999, p. 40).

Para Prado e Machado (2008), as construções das sexualidades e das identidades sexuais relacionadas às interações que se estabelecem em contextos culturais, sociais e políticos específicos, atestam a inviabilidade de uma explicação satisfatória e generalizante a respeito da homossexualidade, ao problematizarem o próprio termo a que se referem.

Nesse sentido, nos deparamos com a primeira unidade de significado desta pesquisa, no qual os participantes relatam como sentiram a sua sexualidade, sendo que se perceberam homossexuais desde a infância, alguns marcados pela não aceitação, pelo abuso, pela negação. Como por exemplo, Baco relata:

[...] eu lembro que quando eu tinha seis anos, eu tive o meu primeiro *crush* da escola né, eu tava no prézinho e eu era apaixonado num menino que estudava comigo e aí eu já percebi que eu não era igual aos outros [...] já a minha primeira vez na verdade eu tinha 4 anos eu fui abusado, é meio pesado, né... mas foi com um vizinho, ele era criança também, só que ele era mais velho que eu... ele tinha uns 12 anos eu tinha 4... e... é errado isso que eu vou fala, mas eu gostei... eu já vi que era uma coisa que... não sei se eu gostei, se ele fez eu acreditar que e gostei... não sei explicar isso, mas a minha primeira vez consentida que... eu cheguei ao prazer extremo foi com 15 anos (BACO).

Nesse trecho, percebemos o abuso de um menino de 4 anos, que ao mesmo tempo em que é abusado, percebe a sua sexualidade, e que talvez tenha

² Termo utilizado para descrever situações nas quais as orientações sexuais diferentes da heterossexualidade são marginalizadas, ignoradas ou perseguidas por práticas sociais, crenças ou políticas.

sentido algum prazer no toque do seu vizinho mais velho, o que não justifica a ação do mesmo. Embora seja importante lembrar que para a criança, a nosso ver, a noção de sexualidade é diferente da do adulto. Na perspectiva das crianças compreende-se que os prazeres são diferentes, são sentidos e entendidos como energia sexual, mas não têm conotação erotizada.

Outro aspecto que podemos salientar no relato de Baco, é como a noção de prazer é construída, uma vez que ele afirma que sentiu algo que ele não sabe dizer se gostou ou se o vizinho o fez crer que ele gostou, reafirmando assim, sob a nossa perspectiva de que a energia sexual da criança não tem a conotação erotizada como dito anteriormente, Baco não tem consciência de como percebeu aquela vivência com o vizinho.

Outros participantes buscam sublimar sua sexualidade, vivenciando a sexualidade considerada “normal”, seguindo o padrão heteronormativo que é imposto pela sociedade. Podemos citar como exemplo:

Eu sempre soube que eu era, eu sempre senti atração por menino... mas chega uma fase da sua vida que você fica meio... que você não que aceita né... isso... e aí foi onde eu comecei a namorar uma menina, eu namorei ela por... vamos dizer dois anos... porque a gente tinha muitas idas e vindas, né, mas foi dos meus 15 até os meus 17 eu fiquei com ela e... o meu primeiro beijo foi com ela e eu fiquei com ela durante esses dois anos e aí eu lembro que tinha um menino que adicionei no Orkut, [...] ele era de Ribeirão e ele tava vindo pra Franca fazer faculdade, ele ia fazer faculdade na FDF e foi uma coisa muito louco por que a gente conversava muito no Orkut, depois a gente começou a conversar no MSN e aí quando ele veio pra cá, uma semana antes dele mudar para Franca né, ele começa a faculdade, ele virô pra mim e falou que queria ficar comigo, aquilo foi um choque muito grande porque até então eu... ninguém fazia isso em Franca né, assim tipo não era alguém... ninguém tinha chegado em mim... nenhum menino tinha chegado em mim em Franca nem nada ... e ele chegou na cara e na coragem e falou que queria ficar comigo e aí eu não achei certo com a menina que eu namorava na época, a gente terminou e eu fui ficar com ele... e aí eu tive certeza do que eu queria pra minha vida... (QUIRON)

Sabe, eu sempre soube no fundo assim que.... eu tinha essa tendência dentro de mim, mas essa percepção assim tipo...sei lá essa ficha cair, demorou, sabe, isso eu tinha mais de 21 anos quando isso aconteceu... então até os meus 21 eu ficava com garotas e tudo... mas aí com 21 eu percebi, tipo assim... eu realmente me aceitei sabe... mas a percepção a gente sabe né a gente sempre tem desde pequeno. Eu lembro... de olhar pra outros meninos... de gostar muito de brincar com outros meninos... de as vezes tipo... assim olhando com olhar mais maduro eu vejo que tinham umas pessoas que na realidade até nutriam uma paixonite, sabe, mas na minha época, eu era um grande

amigo, um grande parceiro, enfim... acho que é isso...tipo assim... quando eu estava... sei lá tipo na sexta... sétima série um grande amigo que não sei o que... hoje eu olhando assim... poderia encaixar com tipo... eu desenvolvendo algum tipo de sentimento... atração, mas na época não ia saber isso... até porque eu namorava... eu namorei garotas e tudo mais (PROMETEU).

Somos expostos à heteronormatividade mesmo antes de nascer. Nesse sentido, há uma cobrança internalizada para não desviarmos da norma imposta, muitas vezes somos levados a ignorar ou fugir da nossa singularidade, alguns sofrem por medo do julgamento, da reação da família, da sociedade, e de certa forma, fogem de ser quem são. À exemplo disso, podemos citar Hermes que temia ser expulso de casa e Horus que gostava de meninos, mas o medo da discriminação, o fazia pensar que ele tinha de aprender a não gostar.

Pra ser sincero desde crianças vii, [...] desde novinho eu já sentia atração já... com os meninos já. Desde pequeno eu nunca vi isso um problema... e só tinha muito medo da minha mãe me mandar embora de casa, esse era meu maior medo... tipo assim... porque eu não tinha pra onde ir, né... esse era meu maior medo. Já a minha primeira vez foi com 18 anos... primeiro contato que eu dei um beijo, sabia que ia beijar... essas coisas (HERMES).

[...] eu sempre tive medo, porque eu percebi desde criança assim, e ao meu redor sempre existia as piadas, a discriminação, e a fala, né, de que, gostar de meninos é algo errado, é... não era legal, então quando criança por volta de uns, sei lá, uns cinco anos, é... eu sempre fiquei com isso na cabeça de que eu gostava de meninos e de que eu tinha que aprender a não gostar (HÓRUS).

Outros participantes relatam que perceberam a sua sexualidade desde criança, e que a mesma foi amadurecendo, o desejo pelo mesmo sexo os diferenciava dos demais, mas, mesmo assim, sentiam a sua sexualidade seguindo um curso de amadurecimento. Como por exemplo, nas falas a seguir: Eros que sentia atração por um apresentador de programa infantil, mas que só foi vivenciar de fato sua sexualidade aos 19 anos; e Chronos que percebia a atração por homens ao ver os mesmo em capas de revista, mas não tinha certeza da sua sexualidade, aos 15 anos teve seu primeiro beijo com um amigo do vôlei, como relata:

No meu caso foi bem rápido descobrir a minha orientação... que logo aos 12 anos eu já percebia algo diferente, igual eu sempre falo... achava menina bonita, porém não sentia atração e foi uma coisa que eu tentei evitar, mesmo sabendo que tinha algo diferente... mas assim eu descobri logo com meus 12 anos... que tinha uma coisa diferente comigo [...] eu sentia atração na verdade por um garoto de um

programa de TV... foi o primeiro *crush* que eu tive na vida... quando existia aquela TV Cruj ... eu tinha lá uns 12 anos... e eu gostava muito dele... achava ele muito bonitinho...e falei: “Aí é diferente... eu gostar de um menininho é alguma coisa diferente”... só que na época não tinha essa coisa... Ah, é gay... homossexual ... era bem reprimido... não é tanto tempo atrás mas vamos falar assim... 19 anos atrás era um pouco diferente (EROS).

[...] desde criança, eu sempre soube... Mas... tipo assim, quando eu tinha uns 15 anos, mais ou menos de 2015 para cá, aí eu acho que surgiu as experiências, que eu percebi realmente que era algo que me definiria [...] tipo assim... olhar, ficar imaginando, por exemplo, sei lá, você olhar uma capa de revista, e aí se fosse do sexo masculino chamaria mais atenção do que feminino, e aí você já olharia, você já repararia mais algumas coisas, tipo assim algumas coisas chamava mais atenção... o corpo masculino já despertava mais curiosidade... não sabia dizer o que era... Agora, tipo beijar e algumas brincadeiras, foi com um amigo, a gente se conheceu no vôlei, na verdade a gente era bem amigo, tipo assim foi uma coisa que rolou com a gente, depois de um jogo ficamos conversando, estava escuro... aí ficamos conversando, e aí rolou tipo uma brincadeira, coisa de menino de se tocar e tal, e depois nos beijamos, depois disso nós saímos, e nos vimos umas 5 vezes ou mais, e depois parou de acontecer. Naquela época era confuso, eu queria, mas também tinha receio, sei lá... era gostoso, mas ao mesmo tempo eu não queria. E também só acontecia quando estávamos só nós dois, e tinha o pessoal que jogava, acho que fomos distanciando (CHRONOS).

A sexualidade pode ser entendida como um dispositivo histórico de poder da modernidade, constituído por práticas discursivas e não discursivas, que produzem uma concepção do indivíduo como sujeito de uma sexualidade, ou seja, saberes e poderes que buscam normatizar, controlar e estabelecer “verdades” acerca do sujeito na sua relação com o corpo e com os prazeres (DINIS; CAVALCANTI, 2008).

É importante salientar, que a heteronormatividade atravessa a existência de todos nós, o fato de ser homossexual não nos livra da obrigação de desconstruir o pensamento normalizador, para não repetirmos em nossas relações este padrão; e há uma cobrança para que o homem tenha o comportamento que foi instituído a ele, sendo que o mesmo ocorre com a mulher, assunto que iremos aprofundar nas discussões de gênero, entretanto, cabe mencionar, como a masculinidade ou a não masculinidade pode, muitas vezes, ser confundida com a orientação sexual.

Portanto, é cobrado ao homem que tenha o comportamento de masculinidade, em que é ressaltada a virilidade e a força, e esta visão se origina entre os séculos II e XVIII (MOSSE, 1996). A partir de então, ela tem sido construída, social

e historicamente, como a forma desejável e legítima de comportamento dos seres humanos.

Segundo Holter (2004), os estudos sobre a masculinidade podem ser divididos em dois grupos, sendo o primeiro, as teorias de hierarquia de gênero, e o segundo, as teorias sobre desigualdade estrutural. Nesse sentido, os estudos alinhados às teorias de hierarquia de gênero se voltam para questões relacionadas à dominação e supremacia masculina, ao passo que os de teorias sobre desigualdade estrutural enfatizam dinâmicas sócio-histórico-culturais na discriminação e exclusão de certos grupos. As duas perspectivas partem do princípio de que a masculinidade se refere a construções sociais e não é influenciada por questões biológicas.

Contudo, ao debater as masculinidades se faz necessário pensar também na construção das “não masculinidades”. Assim, ao longo da história, criou-se uma masculinidade hegemônica (heterossexual, branca e cristã) e uma masculinidade subalterna (todas as demais), que apresentam disparidades em relação à raça, etnia, sexualidade (KIMEL, 1998). O sexismo e a homofobia estão no cerne da construção e afirmação da masculinidade. O conceito de masculinidade não se trata de um produto cultural estático, ao contrário, está em constante mudança e variando de cultura para cultura, de época para época.

Desta forma, devemos pensar em masculinidades, no plural, uma vez que é possível o reconhecimento de masculinidades subalternas (LAMAONT, 2000), e problematizar as relações de poder e hegemonias presentes. As relações de superioridade e subalternidade nas masculinidades se devem, a rigor, ao quanto seus portadores se ajustam à heteronormatividade. Assim, os que mais se aproximam do que se espera de um heterossexual ocupam posições superiores e, no mesmo sentido, os que destoam do esperado ocupam posições inferiores, o que termina por hierarquizar as masculinidades, de forma que o homem mais valorizado é o mais másculo, e se distribuem, em posições inferiores, todas as demais manifestações de masculinidade (RUMENS, 2017).

Seguindo essa linha de pensamento, aqueles cuja masculinidade não seja exacerbada ou fuja da heteronorma é considerada como um desviante, nessa cultura heteronormativa, os homens que não demonstram sua masculinidade são compreendidos como não masculinos, logo determina-se que sua orientação sexual não é a hegemonicamente instituída.

Desta, podemos observar nos relatos de Kairós e Thoth uma associação da orientação sexual e não masculinidade na sua infância:

Desde que eu me entendo por gente [...] atração sexual por homens eu sempre tive, mas... a gente na adolescência... você ainda acha que você pode redefinir isso entendeu? Que talvez isso seja algo meio provisório... e que depois com o tempo você vai percebendo que não... que... pra algumas pessoas talvez seja algo momentâneo... eu não acho que pra todo mundo... conheço vários heteros que tiveram seus momentos também com homens, mas eu já sabia que era muito latente em mim, entendeu? Até porque eu fui um menininho bem afeminadinho, entendeu? Então, não dava muito pra esconder e outra assim... eu acho que a gente é muito formado pela opinião do outro também... igual quando você vai se mostrando muito afeminado quando criança, a opinião do outro pesa em você... porque você é muito aquilo... aí você é gay... você é bicha entendeu? (KAIRÓS)

Isso eu percebi desde a minha infância, eu nasci em Campinas no estado de São Paulo né e desde pequeno, mesmo que eu não me identificasse com a palavra gay ou homossexual, a gente sempre ouvia as pessoas falando viadinho, viado essas coisas e eu sentia que tinha algo diferente quando eu olhava para os meninos, e quando eu... do que quando eu olhava para as meninas... uma questão de sentimentos, de entender que algo era mais interessante em um e algo não significava nada para o outro, né... era uma sensação e os meus amigos sempre falavam, né: "Nossa aquela mulher é bonita, não sei o que... queria namorar aquela menina". E eu ouvia aquilo, e pensava... Eu não sinto isso... Ah! Eu nunca eu nunca olhei para uma menina e consegui me imaginar, eu tendo alguma coisa com ela, em namorar ou algo do tipo, sei lá... eu tinha muitas amigas, tive uma infância muito boa... porque eu tive contato com muitas amigas, mas eram amizades nunca aconteceu nada, entre eu e uma menina, desde essa época eu já sentia, eu olhava para um menino e achava interessante e eu olhava para as menina e eu só via a questão da amizade, então desde essa época já senti diferente, e isso foi mais ou menos é isso mesmo desde os meus 8 ou 9 anos... eu já... eu já... eu já sabia que tinha alguma coisa diferente comigo (THOTH).

Kairós e Thoth reproduzem um pensamento heteronormativo que associa a fragilidade ou a feminilidade à homossexualidade, assim uma criança afeminada, conseqüentemente, só poderia ser homossexual. E na realidade, a expressão de gênero não deveria estar associada à orientação sexual, afinal temos vários homossexuais másculos, e, da mesma forma, temos vários heterossexuais afeminados, portanto, é preciso compreender a sexualidade para além de rótulos e determinações pré-estabelecidas.

A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, ações e integrações, portanto, a saúde física e mental. Nesse sentido, ela integra a personalidade de cada

indivíduo, motivando a busca de um encontrar amor, ou contato e intimidade, e se expressa na forma de sentir, nos movimentos das pessoas e como estas tocam e são tocadas (WHO, 2006).

Desta forma, se a saúde é um direito humano fundamental, o desenvolvimento da sexualidade também é um direito, o que não é diferente com a criança. Mas é importante fornecer informações para não colocar em risco a sua saúde e qualidade de vida.

A sexualidade infantil é um processo natural e cultural desenvolvido desde as primeiras experiências afetivas do bebê com a mãe. O respeito à manifestação da sexualidade é um direito da criança. Cabe ao adulto assegurar esse direito, permitindo que ela vivencie e conheça as atividades sexuais próprias da sua idade (RIBEIRO, 2009). E, em muitas falas, vamos percebendo que os participantes vão tendo consciência da sua sexualidade, e aos poucos, também, vão construindo seus laços afetivos e sexuais. Como exemplo, neste trecho da fala de Rá:

Quando eu era pequeno... na brincadeira de bairro... de menino... tipo os menino vai lá pra trás da casa... fica se esfregando... tipo... eu fiz isso com os meninos todos do meu bairro... tipo aqui na minha rua... geral aqui a gente se esfregava atrás do muro da escola... quando as mães saía a gente vinha brincar em casa... porque era uma coisa que... eu lembro... eu tenho essa lembrança na mente era uma coisa muito engraçada... a gente não tinha essa percepção do que eu tenho como sexo hoje... era uma coisa gostosa... ao mesmo tempo a gente sabia que era uma coisa proibida mas ao mesmo tempo era... engraçado era bom... e pelo fato da gente ir crescendo... nós fomos crescendo... eu e os meninos... os meninos da minha rua sempre gostaram de meninas né... mesmo tendo essas brincadeiras com outros meninos... mas eu comecei a perceber que eu levava mais a sério aquelas brincadeiras... eu gostava mesmo... (RÁ).

Nesta fala, percebemos que através das brincadeiras com outros meninos do seu bairro, Rá vai tomando consciência da sua sexualidade e, ao mesmo tempo, vai percebendo a diferença de outros meninos, que apesar das brincadeiras, sentem interesse por meninas.

É importante ressaltar, que é a partir do corpo que a criança constrói e percebe sua sexualidade, o que ocorre desde o nascimento, assim, através da proximidade física e mental dos pais ou de quem desempenha esse papel, o bebê percebe a sensação de segurança e, também, de amor. Os bebês desenvolvem-se interagindo com suas culturas num processo de construir e viver seus corpos segundo

rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos e convenções, transformando o corpo biológico num corpo histórico e com sentido social (STAUB; GRAUPMANN, 2015).

Na infância, a sexualidade pode se manifestar através das brincadeiras, nos momentos de descontração da criança, seja na escola com os amigos ou em casa com irmãos e primos ou na rua com os vizinhos. Neste sentido, acredita-se que a sexualidade da criança, no seu contexto infantil, é revelada a partir da experiência de prazeres com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece, daí a importância do bom estímulo e cuidado ao se trabalhar com as crianças acerca dessa temática, uma vez que irá gerar experiências muito significativas, experiências estas que a criança irá carregar para toda a vida.

Segundo Costa (1996, p. 122):

[...] as descobertas sexuais, normais em todos os seres humanos, não são, porém, aceitas pelos pais. Ao constatar que a criança sente prazer em tocar seu corpo, o adulto procura desviar a atenção do menino ou da menina, proibindo-os quando percebe a repetição dessas manifestações.

O adulto costuma ignorar a sexualidade infantil e muitas vezes contribui para a instauração de traumas ou do não reconhecimento do corpo, haja vista, que é comum a proibição de muitos comportamentos associados à sexualidade. O toque, a estimulação do corpo, entre outros. Muitas vezes, vemos os pais falando para as meninas não tocarem em suas genitálias, e acabam crescendo sem conhecer o próprio corpo, gerando uma resistência em se perceber.

Segundo Louro (1999, p. 15)

[...] treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas de como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam.

Assim, desde cedo estimulamos as meninas esconderem seus corpos, a sentarem de pernas fechadas, a serem delicadas e aos meninos ensinamos o oposto, a se aventurarem, explorarem sua virilidade, força, ao mesmo tempo esconder seus sentimentos, não chorar. A concepção de criança e sexualidade são criações sociais, portanto, sofrem influência do meio cultural, do período em que estão inseridas.

Segundo Oliveira (2011, p. 117), “a sexualidade não pode ser considerada somente biológica, pois será uma construção de acordo com o meio sociocultural, que não acontece de forma paralela, tampouco é alheia à formação do indivíduo”, nesse sentido, a sexualidade se constitui no âmbito das relações sociais, ao mesmo tempo em que influencia essas relações.

Nunes (1987, p. 17-18) complementa afirmando que:

[...] não se pode reduzir a sexualidade a um substrato único, imitável, eterno. A sexualidade, isto é, as qualidades, formas e significações da atividade sexual são históricas, processuais e mutáveis. Isto significa que a sexualidade está sempre aberta a novas significações, novas experiências de sentido.

Sendo assim, a sexualidade é de fundamental importância na formação da criança, por consequência, do adulto, da sociedade em geral. Uma criança que percebe sua sexualidade de forma espontânea poderá se tornar um adulto feliz, realizado, e muito bem decidido no aspecto pessoal e profissional.

Nunes e Silva (2006, p. 52) destacam que:

[...] a sexualidade infantil é muito mais autêntica porque as crianças em geral não precisam provar nada a ninguém e também não estão preocupadas com os padrões de “normalidade” que a sociedade impõe aos adultos. Reprimir a sexualidade da criança é reprimir seu corpo, que se constitui na base real de seu próprio ser, sua relação consigo mesma e sua personalidade. Porque, afinal, não existe uma separação entre a sexualidade infantil e a sexualidade adulta. Existe sim uma ligação única e uma continuidade entre elas, ou seja, são inseparáveis e consequentes.

Entretanto, é importante ressaltar que vivemos numa sociedade heteronormativa, portanto, mesmo que as crianças não tenham plena consciência, percebem que algo não está de acordo quando seus comportamentos, que destoam do instituído pela hegemonia, podemos observar nas falas dos participantes que muitas vezes dizem que sentiam que algo não era certo. Portanto, se faz necessário compreender a diferença entre orientação sexual e identidade de gênero, bem como, os elementos que compõe a sexualidade que pode ser melhor compreendida através da figura abaixo:

FIGURA 1: BISCOITO SEXUAL



Fonte: BORGES (2018, p.32)

Nesse sentido, observamos que o sexo biológico é descrito como fêmea e macho no fluxograma, sendo a somatória de características biológicas que, até o presente momento, não podem ser escolhidas durante o nascimento. São elas: órgãos genitais, aparelhos reprodutores, cromossomos e fisiologia. Entretanto, há, também, os Intersexuais, que representam cerca 1% da população; estes possuem características de ambos os sexos, sendo que essas características podem ser visíveis ou não (BORGES, 2018).

Há, ainda, a expressão de gênero, que podemos localizar no fluxograma como a classificação de uma pessoa como sendo homem ou mulher (BORGES, 2018). A orientação sexual está relacionada com os vínculos eróticos e/ou afetivos, com os quais o indivíduo irá manifestar seus desejos sexuais e/ou afetos, ao se relacionar com homens ou mulheres, ou até mesmo, sentir-se atraído por ambos.

Jurandir Freire Costa defende a ideia de que:

[...] nossos desejos eróticos nada têm de naturais. São apenas realidades linguísticas, arranjos culturais, que determinam aquilo que será o objeto da atração sexual. Cada cultura organiza estes desejos em códigos morais que dizem o que é aprovado e reprovado. [...] Nossa cultura é majoritariamente heteroerótica, o que não significa

que outros modos de ordenação do desejo não possam existir. Isso não quer dizer que tenho uma proposta para a reforma da sexualidade. Não creio que possamos escolher nossa sexualidade, assim como não podemos escolher nossa língua materna. Mas podemos, isto sim, redescrever moralmente, avaliar de novo, as consequências sociomorais de preferências sexuais que ninguém é livre para fazer (COSTA, 1995, p. 114-115).

Mott (2003, p. 13), por sua vez, faz menção à prática homossexual entre animais e ainda afirma que a homossexualidade é natural, pois existe na natureza. Continua dizendo que:

Segundo a Zoologia, mais de trezentas espécies, desde os percevejos, até as baleias, passando pelos veados e rolinhas, em todo o reino animal, existem relações sexuais de macho com macho e de fêmea com fêmea. Portanto, considerar que a homossexualidade é antinatural ou contra a natureza, é ignorância (MOTT, 2003, p. 13).

Nesse contexto, os dois autores apresentam argumentos diferentes: Costa (1995) defende a ideia da construção da homossexualidade como linguístico-cultural. Mott (2003), por sua vez, relata a naturalidade dela. Para ele, a homossexualidade é um fator comum, tanto em seres humanos, como no reino animal. No entanto, ambos concordam que não escolhamos a nossa a sexualidade (COSTA, 1995; MOTT, 2003).

Portanto, a expressão sexual de uma pessoa não deve ser vista apenas como uma categoria ou a aplicação de mais um rótulo, pois as pessoas se expressam sexualmente de maneiras diferentes e singulares.

Neste estudo, a homossexualidade não será compreendida como uma opção sexual, mas como uma orientação, uma vez que entendemos que as pessoas não escolhem sua sexualidade, e seus desejos se orientam para homens, mulheres, homens e mulheres, ou nenhum destes. Desse modo, não pretendemos buscar entender quais causas levam à homossexualidade, ou tentar justificá-la, dada a complexidade e singularidade de cada caminho trilhado.

Podemos dizer que, ao rotularmos uma pessoa apenas pelo aspecto sexual, deixamos de ver o indivíduo que está diante de nossos olhos, um ser que tem tantas outras potencialidades e características, além desta. Devemos levar em consideração os aspectos sociais e culturais que integram o indivíduo, além de compreender suas dificuldades, enfrentamentos e conquistas no âmbito interpessoal.

3.1 HOMOSSEXUALIDADE

A crise na família nuclear (monogâmica e heterossexual), a entrada da mulher no mercado de trabalho, a separação entre sexualidade e reprodução, e uma política de visibilidade do movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais ou transgênero, intersexuais, assexuados e outros (LGBTQIA+), constituem alguns dos fatores que vêm contribuindo para uma transformação na forma de compreensão da sexualidade.

Esses aspectos permeiam uma discussão ainda mais profunda relacionada à necessidade de uma desconstrução dos assuntos relacionados ao gênero, uma vez que o binarismo – classificação de gênero em duas formas distintas, opostas e desconectadas do masculino ou do feminino – é insuficiente para explicar as várias possibilidades do ser, e não podem ser reduzidas, simplesmente, em homem e mulher.

O termo homossexual foi instituído, por volta de 1870, quando os psiquiatras começaram a constituir o homossexualismo³ como objeto de análise médica, ou seja, passaram a entender o homossexual como sujeito desviante, e de acordo com Foucault “tornou-se o ponto de partida de uma série de intervenções e de novos controles” (1992, p. 233). Portanto, o homossexual é fruto de outro conjunto de diferenças sexuais baseado no senso de oposição dos seres humanos: de um lado está a heterossexualidade e de outro o homossexualismo. Esses termos foram criados em 1869, por Karl Kertbeny, um escritor austro-húngaro e foram idealizados em função de uma questão política na Alemanha: a revogação das leis “anti-sodomitas”. Assim, surge pela primeira vez o conceito de “homossexualismo” para referir-se a uma identidade sexual a ser vigiada e controlada, ou seja, a patologização da homossexualidade pelo viés da Medicina.

Ainda nos dias atuais, em decorrência desta herança cultural, o homossexual é entendido por alguns como sujeito “desviante”, ou seja, que precisa ser corrigido. Essa realidade pode ser observada nos dados do Relatório sobre a violência homofóbica no Brasil: “em 2012, foram registrados pelo poder público, 3.084 denúncias de 9.982 violações relacionadas à população LGBT [Lésbicas, Gays,

³ Nesse período utilizava-se o sufixo ismo para homossexualidade, por ser enquadrada como patologia.

Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros], envolvendo 4.851 vítimas e 4.784 suspeitos” (BRASIL, 2013, p. 18). Sendo que, esses dados apresentam apenas os atos de violência que são registrados pelo poder público; é importante considerar, também, que muitos atos de violência física e emocional não são devidamente registrados, portanto, não compõem as estatísticas.

Essas violências nos levam à reflexão acerca de como os homossexuais podem ou não exercer sua liberdade e como essas violências marcam suas vidas; e ao mesmo tempo, fomentam a necessidade de uma identidade posta, estabelecida, imutável, como se com a heterossexualidade assim o fosse. Essas inquietações podem ser ilustradas por alguns trechos de músicas que expressam as violências e preconceitos que enfrentamos em nosso cotidiano, como, por exemplo, os trechos: “Bicha estranha, louca, preta, da favela / Quando ela tá passando todos riem da cara dela” (MC LINN DA QUEBRADA, 2017) ou

Quero te apertar/ Quero te morder e já/ Quero, mas não posso, não, porque:/ - Rubens, não dá/ A gente é home/ O povo vai estranhar/ Rubens, para de rir/ Se a tua família descobre/ Eles vão querer nos engolir/ A sociedade não gosta/ O pessoal acha estranho/ Nós dois brincando de médico/ Nós dois com esse tamanho (CASSIA ELLER, 1990).

É importante ressaltar, que os trechos dessas duas músicas foram escolhidos para destacar, através da expressão artística, as angústias vividas por esses personagens. O primeiro apresenta o preconceito em relação à orientação sexual, etnia e gênero, a marginalização. O segundo relata o proibido, o que deve ser escondido, o preconceito quanto à orientação sexual, o preconceito interno e externo.

A música, de uma forma geral, representa um elemento importante de expressão cultural em várias sociedades, aparecendo sempre circunscrita a espaços sociais e políticos definidos, destacando assim sua relevância não só como arte, mas também, como um instrumento de educação ou como fator de disseminação e assimilação das ideias, tornando-se um elemento de manifestação de anseios sociais e políticos, que retratam suas perspectivas, sonhos, vivências, realidades, entre outros (DIAS, 2008).

A música como uma expressão artística, deve ser compreendida como uma metáfora, como uma expressão, que pode, de alguma forma, nos remeter a conteúdos pessoais ou coletivos. Segundo Conceição (2010, p. 58):

A arte é qualificada como uma das formas de consciência social [...], ou seja, [...] é também através da arte que os homens tomam consciência das transformações da base econômica e das alterações que eles promovem na superestrutura da sociedade. A arte não se coloca acima das relações sociais. Ela é inerente a essas relações. É um componente da superestrutura que pode contribuir para distintas funções e utilidades, conforme a interpretação e a posição do artista.

Para Fisher (1987), a arte pode levar o sujeito a compreender a realidade e transformá-la, uma vez que tem possibilidade de tirar o homem de um estado de fragmentação, consequência da divisão do trabalho no modo de produção capitalista e que causa a alienação do homem no/pelo trabalho. Nesse sentido, a música enquanto expressão de vida, representação de posicionamento político ou social, pode contribuir tanto para o cantor e/ou compositor, bem como, aos sujeitos que permitem de alguma forma serem “tocados” por ela. Dessa forma, ao se identificarem com a música podem conscientizar-se do seu papel na sociedade. Ao tomarmos essa consciência, podemos perceber o coletivo e a energia que nos cerca, e, assim, nossa voz parece ter mais força, o que nos torna mais aptos ao processo de tomada de consciência do nosso papel enquanto atores sociais.

3.2 A HOMOSSEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Na construção de uma linha de pensamento quanto à homossexualidade contemporânea, é importante realizar uma contextualização do conceito de gêneros, que pode ser observado sob a perspectiva biológica ou social. Na vertente biológica, o gênero é visto como uma determinação cromossômica. De acordo com Pedro (2005, p. 78):

Em português, como na maioria das línguas, todos os seres animados e inanimados têm gênero. Entretanto, somente alguns seres vivos têm sexo. Nem todas as espécies se reproduzem de forma sexuada; mesmo assim, as palavras que as designam, na nossa língua, lhes atribuem um gênero. E era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero, mas não têm sexo, que os movimentos feministas e de mulheres, nos anos oitenta, passaram a usar esta palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos

comportamentos de homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidos pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura.

Neste trabalho, o conceito de gêneros será empregado na vertente social. Nessa visão, o gênero é entendido como uma construção sócio-linguístico-cultural. Podemos ilustrar esse pensamento pela frase de Beauvoir (1980, p. 9): “ninguém nasce mulher; torna-se”. A teoria da sexualidade como construção social teve início nos anos 1970, e é desenvolvida por Foucault (2012) e outros autores desta década, sendo que o olhar para as questões relativas à sexualidade incluiu uma forte crítica à biologia, uma distinção entre sexo e gênero e uma oposição às teorias essencialistas.

Somente no século XIX, surge o conceito de dimorfismo sexual, que se caracteriza pelas variações na fisionomia entre machos e fêmeas. Assim, Laqueur (2001), sexólogo e historiador, não nega as novas descobertas da ciência, mas chama a atenção para a influência recíproca entre aquilo que vai sendo descoberto e a forma de olhar do cientista ou do biólogo, influenciados por paradigmas vigentes.

Dessa forma, nas raízes da psicanálise está o pensamento de que a percepção da diferença radical entre os corpos tem um papel de destaque na construção da subjetividade. Laqueur (2001) ressalta que existem corpos diferentes, existe um dimorfismo sexual, que se manifesta também na aparência externa dos indivíduos, mas isso não significa que os corpos devam ser compreendidos como opostos.

Laqueur (2001) destaca, ainda, que a partir das diferenças dos corpos podemos fazer leituras e classificações. Determinados contextos históricos propõem a redução das diferenças a uma oposição binária, sendo que essa redução imposta à compreensão social dos corpos e dos gêneros se depara com “gêneros não inteligíveis”. Portanto, a classificação binária é insuficiente para a definição de gêneros.

De acordo com Foucault (2012), nós atribuímos grande importância ao comportamento sexual influenciado pela sexologia do século XIX, que buscava descobrir as “leis da natureza” que governavam o mundo sexual, e ainda depositava na sexualidade uma influência particular sobre todos os aspectos da vida.

Já Weeks (2000), por sua vez, discorda do pensamento desses sexólogos. Para ele, a sexualidade tem tanto a ver com as nossas crenças, ideologias e imaginações, quanto com o nosso corpo físico. Dessa maneira, o melhor modo de compreender a sexualidade é como um construto histórico.

Foucault (2012) concebeu a ideia de que a sexualidade não é algo proibido ou reprimido, mas um assunto que perpassa o espaço dos discursos, da escritura, da investigação, da confissão, do testemunho e do conhecimento, integrando o conceito de “sociedade disciplinar”, ou seja, uma sociedade de vigilância e controle.

No período em que o termo homossexualismo foi inventado (1870), a atividade sexual entre pessoas do mesmo sexo biológico era tratada sob a categoria geral de “sodomia”⁴. No Ocidente, esses indivíduos eram vistos como potenciais pecadores. Em pouco tempo, as novas categorias são assimiladas como dados que demarcam uma divisão entre as pessoas: os “heterossexuais” e os “homossexuais”, dando origem a outro termo para aqueles que não se ajustam nessa divisão: os “bissexuais”.

Com o surgimento das patologias, inicia-se uma categorização das práticas sexuais e identidades sexuais, dando origem a uma distinção entre sexualidade normal e sexualidade anormal, como resultado dos esforços da sexologia do final do século XIX e começo do XX.

O homossexualismo tornou-se uma categoria científica, sociológica e psicológica. Levantou-se a hipótese de uma natureza exclusivamente homossexual, com uma identidade a ela associada (Weeks, 2000). Enquanto “identidade”, o homossexualismo gerou um preconceito em relação à prática sexual e o homossexual passou a ser discriminado. Sobre a história da homossexualidade, dirá Weeks (2001, p. 65, grifo do autor): “antes do século XIX a ‘homossexualidade’ existia, mas o/a ‘homossexual’ não”.

Nesse sentido, Foucault (2012) destaca a natureza mutuamente constitutiva dos discursos ocidentais da sexualidade e da biologia. A compreensão do

⁴ “A palavra tem sua origem no Antigo Testamento, a propósito da destruição divina de Sodoma narrada no Gênesis. A recusa de Lot em oferecer aos moradores da cidade os dois anjos que havia hospedado, e o suposto desejo sexual que a todos animava quando forçaram a porta daquele piedoso hebreu no encalço dos hóspedes, eis as raízes da associação entre o castigo de Sodoma e a condenação judaica das relações sexuais entre homens” (VAINFAS, 1989, p. 145)

sexo, como categoria unitária, é algo estabelecido através das práticas discursivas ocidentais, não podendo se estender às construções de gênero em todo o mundo. Portanto, é fato que as pessoas se relacionam de diferentes e diversas formas, além de existirem infinitas maneiras de se combinar o ato sexual e o afeto.

A segunda unidade de sentido da análise das entrevistas está associada com os rótulos que os participantes da pesquisa consideram mais confortáveis ao serem nomeados por eles, assim, na entrevista perguntamos como eles preferem ser chamados (gay, homossexual, homem que faz sexo com homem, bicha, viado, boiola, etc.).

Sendo que muitos preferem ser chamados de gay, pois entendem que este termo além de se referir à orientação sexual, traz em seu bojo a luta do movimento gay e a história do movimento, como podemos perceber nas falas de Thoth.

Eu prefiro a palavra gay, porque ela me dá, ahan... porque além dela esclarecer o aspecto da sexualidade, ela traz também a questão do movimento social, do gay que luta pela/por uma mudança na sociedade, por esse aspecto eu prefiro ser tratado pela palavra gay, não me incomoda de jeito nenhum (THOTH).

Há ainda os participantes que preferem ser tratados como homossexuais, por compreenderem que esse termo traduz melhor sua orientação sexual, podemos citar como exemplo, a fala de Chronos:

Acho que para mim é homossexual. Eu fico pensando que homem faz sexo com homem me parece que é algo que envolve dinheiro, e homossexual me deixa mais confortável (CHRONOS).

Alguns participantes ao relatarem como gostam de ser tratados, referindo-se ao termo que melhor descreve sua orientação sexual, apresentam o termo carregado de discriminação, assim, para eles não importa somente como estão sendo rotulados, mas a forma como é dito e o grupo que pronuncia, também gera aproximação ou desconforto. É importante ressaltar que os LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Transgêneros, Queer, Intersexual, Assexuados, e o + refere-se a inúmeras outras possibilidades de orientação sexual e identidade de gênero) sofrem de estigma social, exclusão e preconceito no trabalho, em casa, na escola, em instituições de saúde e em muitos outros aspectos de suas vidas. Estas pessoas podem ser demitidas de seus trabalhos, sofrer *bullying* na escola, ter negado

o acesso a tratamentos médicos, serem expulsas de suas próprias casas, deserdadas pelos seus pais, internadas à força em instituições psiquiátricas, dentre outra série de discriminação.

Nas falas de Kairós e de Hórus podemos perceber que eles passaram por algum enfrentamento ou discriminação:

[...] pra mim pode me chamar homossexual, de gay... eu não gosto do termo... eu não gosto muito do termo pejorativo... gay, boiola, bicha essas coisas... porque remete muito a questão da infância, entendeu? Remete àquelas pessoas por exemplo... mesmo no meio gay quando as pessoas fala é... “Ah, a bicha é tudo [...]” não ofende... quando criança sim... acredito que quando criança você não tem isto formado ainda, entendeu? Mas... agora enquanto adulto eu acredito assim... eu não gosto muito dessas expressões... porque você não chega perto de um hetero e fala assim... o hetero... “Ô alguma coisa”, entendeu? Acredito assim que a minha orientação sexual ela é gay, entendeu?... porém, eu não deixo de ser homem por causa disso (KAIRÓS).

[...] eu acho que gay, mas quando as pessoas falam eu sinto que algumas pessoas falam numa conotação pejorativa, então a entonação da voz também me incomoda, mas quando eu vou tratar de uma outra pessoa... é ... que seja homossexual eu falo gay... porque pra mim é a palavra mais tranquila e as outras eu sinto que fica carregado de algo que eu não gostaria de transmitir, mas a palavra gay quando algumas pessoas ao meu redor fala, eu sinto uma carga negativa, pejorativa, e aí eu também fico incomodado, então depende muito de quem tá falando e como quem tá falando... é... pra palavra se encaixar (HÓRUS).

Para Kairós e Hórus os termos gay, boiola ou bicha quando ditos de forma pejorativa geram sentimento de repulsa, é evidente que a maioria de nós não gosta de ser tratado de forma pejorativa, independente do rótulo utilizado. Ainda recorrendo à minha experiência pessoal, deduzo que estes termos ditos pejorativamente revelam a discriminação e a segregação que somos submetidos nessa sociedade que está arraigada a heteronormatividade.

Nesse sentido a fala de Hermes demonstra o quanto estes rótulos ainda geram incômodos, o quanto ele precisa se reconhecer e se reconectar consigo:

[...] Então depende muito assim do contexto... não tem uma palavra que eu não gosto muito... só não gosto tipo assim... quando a pessoa utiliza a palavra aí... e vem tipo meio que ofende... isso eu não curto mas tipo não tem uma palavra... que tipo, essa me define. Agora, quando eu fui falar pela primeira vez eu usei a palavra gay... tipo assim foi um pouco difícil? Foi, mas... mas foi essa palavra eu utilizei mesmo (HERMES).

Outra questão associada à discriminação refere-se ao Lugar de fala; têm sido uma expressão frequentemente utilizada nos movimentos identitários. O lugar de fala é um termo que aparece com frequência em conversas entre militantes de movimentos feministas, negros ou LGBTQIA+ e em debates na internet, Portanto, há praticamente um consenso em que o sujeito que vivencia o preconceito é quem fala por si, sendo, portanto, o único protagonista legítimo dessa luta.

O lugar de fala é um mecanismo que surgiu como contraponto ao silenciamento da voz de minorias sociais por grupos privilegiados em espaços de debate público. Assim, aqueles que historicamente tiveram (e continuam tendo) sua fala negada deveriam ter reconhecido esse direito e a legitimidade para falar sobre as opressões pelas quais sofrem, desta forma, negros têm o lugar de fala – ou seja, a legitimidade – para falar sobre o racismo, mulheres sobre o feminismo, transexuais sobre a transfobia e assim por diante (RIBEIRO, 2017).

A origem do termo “lugar de fala” não é precisa. Em geral, pesquisadores apontam que suas raízes estão no debate feminista americano, por volta dos anos 1980. Na prática, o conceito pode auxiliar pessoas a compreenderem o que falamos e como falamos, marca as relações de poder e reproduz, ainda que sem intenção, o racismo, o machismo, a lgbtfobia e os preconceitos de classe e religiosos.

Dois participantes falam da relação de poder ao rotular as pessoas, sendo que um deles ressalta o lugar de fala, como podemos observar:

[...] eu tenho muito familiaridade e eu brinco com os meus amigos mais assim e... o que eu ti digo... é... esse lugar de fala é meu... é... eu sou gay eu posso dizer o que eu gosto e o que eu não gosto, digamos assim e eu sou bem direto e gosto de ser tratado como gay, entendeu? Só que assim entre eu e os meus amigos, entre eu e a minha irmã, por exemplo, entre eu e meus primos que são as pessoas que eu dou liberdade pra isso... pessoas de fora, vindo com essa... como é que eu vou te dizer... com essa denominação isso pra mim já é uma ofensa, não é uma coisa que a pessoa vem no sentido de ser legal, eu acho que assim, ter que ter o respeito assim... tipo, só pode quem é do meio, só pode quem se entende, quem não faz parte dessa comunidade, não queira ter uma intimidade se você não foi liberado pra ter aquela intimidade com aquela pessoa, porque eu acho assim, a minha família tem liberdade comigo, eles não têm liberdade com os meus amigos, eles não têm liberdade com outras pessoas pra tratarem da mesma forma que eles me tratam, entendeu? É isso que eu quero dizer. Mas eu sou sempre uma gay porque é o que eu falo sempre pros meus amigos... eu sempre olho e falo: “Olha uma gay”, e aí eles: “Olha outra gay”, e a gente fica só nessa (QUIRON).

Então, depende de quem fala... né... depende da intenção...se for de um amigo meu que fala: “Oh viado...” eu brinco e aceito sabe... mas se for de uma pessoa a qual eu não tenho nenhuma afinidade eu não gostaria de ser chamado por rótulo que eu sou o [Prometeu] sabe... eu tenho um milhão de facetas e uma delas eu sou um cara com quem eu me relaciono... sei lá momento nenhum eu acredito que a sexualidade me define como um ser sabe ... tipo. Mas a palavra gay seria a que eu me apresentaria... com mais tranquilidade... acho que é um termo mais abrangente assim... e mais fácil até pra quem não entende... não conhece... tem até muita pessoa que tem até medo de falar né... acha que tá ofendendo (PROMETEU).

Nessa perspectiva, tanto Quiron como Prometeu, ressaltam a importância da intencionalidade e afetividade da fala, assim quando eles dão liberdade para as pessoas usarem os termos: gay e viado, não gera o sentimento de discriminação, mas ao contrário, de afetividade, de proximidade. Podemos chegar a essa conclusão pela fala apresentada acima, bem como a forma descontraída vista nas entrevistas, com que eles falam sobre este assunto, sorrindo espontaneamente.

Já o participante Rá, expressa que não tem problemas com a maioria dos termos que os outros utilizam para descrever sua orientação, no entanto, o termo homem que transa com homem deixa de revelar um sentimento de que ser gay é mais do que transar com outro homem. Como podemos observar em sua fala.

Olha... na verdade eu não tenho nenhum tipo de incômodo com questão de título assim... eu acho que a que menos pegaria pra mim é a homem que transa com homem... que eu acho que foca muito só na transa né... não é só... eu acredito que ser gay vai muito além só do sexo... então eu acho que ... eu me familiarizo com... me chama de gay ou homossexual... (RÁ).

Nas respostas dos participantes percebemos que em alguns momentos, os rótulos são utilizados como forma de discriminação, reforçando a visão heteronormativa. Em outros, reforçam o movimento LGBTQIA+, além de apresentar o lugar de fala, portanto, os rótulos não servem apenas para evidenciar a orientação sexual, mas de alguma forma servem para nos tornar específicos. E como seres específicos, somos silenciados pela hegemonia.

De acordo com Troiden (1985), a identidade é um rótulo que as pessoas aplicam e que as representa de forma social. Frequentemente, a identidade se refere à inserção em uma categoria social (baseada no gênero, raça, idade ou orientação sexual). Quando removida da situação social, essa identidade pode se tornar

irrelevante ou adormecida. Dessa forma, a identidade homossexual pode ser considerada como mais uma das “máscaras” incorporadas no autoconceito de um indivíduo. O autoconceito é compreendido por Troiden (1985) como a totalidade das identidades, estejam elas ativadas ou dormentes.

Pensando no aspecto sexual, a rotulação dos indivíduos sempre traz prejuízos para sua imagem, passando a serem vistos apenas por esses “rótulos”. A utilização de categorias sexuais muitas vezes reduz as pessoas a uma única característica, a da sexualidade, lembrando que cada pessoa pode vivenciar essa mesma característica de forma diferente.

Ao se pensar em categorias, queremos inicialmente pontuar que não existem categorias naturais para se perceber o mundo, como lembra Cardoso (2005, p. 421):

Não existem percepções certas ou erradas da realidade, e sim percepções mais próximas ou mais distantes da realidade observável. Por exemplo, as cores constituem um fenômeno físico percebido por todos; porém, as categorias que definem o amarelo, o vermelho e o azul são categorias culturais. Ou seja, embora as cores estejam presentes no meio ambiente, algumas culturas as distinguem e as denominam; outras não o fazem e outras ainda as distinguem, graduam e denominam de modo diferente.

Nesse sentido podemos dizer que as categorias de pensamento são socialmente construídas. Devemos ter o cuidado de contextualizar culturalmente o tempo e o espaço em que essas categorias foram concebidas, assim como a sua função social em um dado contexto histórico e cultural. Essas categorias foram apresentadas no sentido de compreender a diversidade e a infinidade de nomeações possíveis ao exercício da sexualidade em nossa cultura.

PRELÚDIO C

Ah, os armários! Sempre me senti assustado diante dos armários, aliás, em muitos momentos da minha vida me sentia claustrofóbico, simbolicamente me sentia cansado de estar preso num mundo, incapaz de ser quem eu era. Durante boa parte da minha vida fui trancafiado, por mim, pela minha família, pelo meu trabalho, pelos meus amigos, pelos meus relacionamentos, pela sociedade... “Chega! Quero sair...”

Dos meus 15 aos 18 anos eu fugia da minha própria realidade, principalmente, depois de tanta dor que havia passado. Recordo-me que aos 15 anos, após a tentativa de silenciar meu sentimento, eu consegui sublimar parte de mim. Nesta época, conheci uma menina, pela qual me apaixonei, ela era doce, engraçada, parecia que algo em mim tinha mudado, meus pensamentos passaram a girar em torno dela.

Namorei dos 15 anos até quase completar os 18 anos. Tínhamos muitos sonhos juntos, o relacionamento era harmonioso, se não fosse o fato de sentir a ausência de algo... Por alguns momentos tinha a impressão de estar sufocado. Rompemos próximo ao meu aniversário, pois, mesmo gostando muito dela, faltava algo.

Aos 18 anos, resolvi que iria ter minha primeira experiência consentida com outro homem, não sabia como isso iria acontecer, mas nessa idade tudo é possível, para tudo há uma saída mágica. Lembro-me de folhear uma revista com conteúdos eróticos e lá encontrar uma espécie de classificados de pessoas que buscavam por sexo, é preciso contextualizar, que nesse período a internet começava a se popularizar, entretanto, ainda não fazia parte da minha realidade.

No ímpeto, respondi aos anúncios de dois rapazes que moravam em cidades relativamente perto da minha. Trocamos cartas, telefonemas e fui conhecer um deles, acredito que esta tenha sido uma das maiores loucuras que fiz na vida: peguei o ônibus num domingo de manhã e fui para Bauru, uma cidade que fica a cerca de 100km da minha, lá ele me aguardava na rodoviária.

Ele tinha 28 anos, nos apresentamos, eu ainda assustado, percebo que ele estava armado, fiquei desesperado, imóvel, não sabia o que fazer, ele por sua vez,

me acalmou, revelando ser um policial e estar à paisana. Logo após me acalmar, nosso encontro transcorreu naturalmente.

Ao retornar para Marília, eu me sentia sujo, me sentia estranho, arrependido, percebi que não tinha gostado, não era isso que eu queria, ao sair do ônibus parecia que todos sabiam o que tinha ocorrido. O primeiro armário que eu tive que lidar foi a minha própria aceitação, lidar com meu preconceito, com meus medos e com meu próprio julgamento.

Naquele mesmo período, o outro rapaz que eu havia trocado correspondência voltou a se comunicar comigo, ele era de Botucatu, tinha 33 anos, se tornou meu amigo e me ajudou a atravessar essa fase, era a única pessoa que eu me abria, ainda que não nos conhecêssemos pessoalmente.

Depois de elaborar essa nova realidade, conheci outro rapaz, que vou chamar de Dionísio (nome fictício), por intermédio da internet. Nesse período, eu já estava na graduação em Biblioteconomia e tinha acesso à internet e ao “bate papo da uol”. Dionísio, por sua vez, era descolado, tinha 4 irmãos, sendo 1 homem e 3 mulheres, na sua família apenas uma de suas irmãs era heterossexual, ele me apresentou a todos, ficamos amigos, começamos a estabelecer um relacionamento.

Tempos depois, ele revelou que era casado com outro homem e moravam juntos há 5 anos, todos os seus familiares sabiam e ninguém havia me contado... Na hora eu fiquei assustado, embora tenha resolvido manter a amizade com aquela família, já que estava aprendendo uma porção de coisas novas, conheci o marido dele, e ficamos amigos.

Meses depois, Dionísio tenta me beijar, mas o fato dele ser casado, fez com que eu dissesse não, então ele ameaçou contar para os meus pais sobre a minha sexualidade, achei que fosse brincadeira, afinal aquele rapaz tão divertido, que tinha me apresentado sua família, seu marido, seus amigos não seriam capazes de uma atitude dessas. Porém, ele contou.

A segunda vez que eu saí do armário, eu estava com quase 19 anos, foi com um empurrão de Dionísio, ele havia exposto minha vida para meus pais e minha irmã. Era uma tarde de sábado, por volta das 17h recebo a ligação da minha mãe pedindo para eu não sair de casa, íamos conversar, senti um arrepio na espinha, mas fiquei lá esperando.

Minha mãe chegou a casa poucos minutos depois, transtornada de raiva, gritando comigo, perguntando se era verdade que eu era gay: “Edney, é verdade? Você é gay? Você está tendo um caso com aquele cara estranho? Me fala?”

Eu mal conseguia olhar para minha mãe. Minha irmã subiu para o quarto chorando e fechando a porta. Naquele momento, eu só queria ir embora, sem destino, corri para o quarto, para pegar uma troca de roupa, minha mãe foi atrás, meu quarto não tinha tranca na porta, aliás, eu nunca sequer deixei a porta encostada.

Quando peguei a minha mochila, minha mãe segurou meu braço e disse: “Seja homem, você não vai para lugar nenhum, seu pai já está chegando”, saiu do quarto e trancou as portas para eu não sair. Engoli seco, pensei numa alternativa e nada vinha à minha cabeça, não tinha para onde ir, naquela época eu era bolsista de Iniciação Científica e recebia uma bolsa, que mal daria para pagar as despesas de um hotel.

Pouco tempo depois meu pai entra pela sala, me gritando, extremamente vermelho, e faz a mesma pergunta: “Edney, você é gay, você é bicha?”, “Sim, eu sou”, ele sai de si, levanta a mão de uma forma que ele nunca fez, ameaça me bater: “Então é assim, vai me bater? Pode me bater”, falo tremendo, mas sem deixar nenhuma gota de lágrima escorrer dos meus olhos, nesse momento choro desesperado, meu pai, cai sentado no sofá e diz: “Eu te amo”, e seu coração acelera, sua mão começa a formigar e minha mãe o coloca dentro do carro e vai para o hospital.

Minha irmã acompanha tudo, chorando, e me olhando com um olhar de reprovação, e a partir dali eu tinha saído do armário para os meus pais, e junto com tudo isso, eu havia perdido toda minha credibilidade.

Meu pai, depois de algumas horas retorna para casa, entra no meu quarto e diz: “de hoje em diante, você não irá na esquina sem avisar, e me dê a chave do seu carro, você não precisa mais dele”. E foi assim, na mesma hora que saí do armário, meus pais entraram, ninguém tocava no assunto, mesmo porque ninguém falava comigo, a não ser o essencial.

Não podia atender ao telefone, não podia sair, apenas ia para a faculdade e, ainda assim, era ele quem me levava, sem falar comigo ou olhar para mim.

Durante meses, minha vida seguia desta forma: se eu estivesse na cozinha ele ia para sala, se eu chegasse a casa e ele estivesse sem camisa, ele corria para

vestir. Durante o dia, ele ou minha mãe sempre apareciam sem avisar, para ver se eu estava em casa e o que eu estava fazendo.

Os únicos amigos que eu tinha e podia falar eram os da faculdade, eu sentia muita vergonha de tudo que tinha acontecido, lembro-me de vários dias chegar à faculdade e uma amiga minha estar sentada na entrada me esperando, eu a abraçava e ela me deixava chorar em seu colo durante uns 20 minutos, sem perguntar nada, e isso me dava forças para continuar.

Depois de um tempo eu consegui comprar um celular, que naquela época não era tão comum, lembro-me que ao chegar a casa, todo feliz porque iria poder falar com as pessoas, minha mãe olhou nos meus olhos e perguntou: “Para que você quer um celular? Agora vai fazer programa também?”, “Sim eu vou, se for preciso”.

A partir daí, percebi que eu só teria o respeito de volta se eu lutasse por ele, então comecei. Aos poucos passei a sair de casa sem avisar, em seguida a falar com meus amigos por telefone e um tempo depois, a namorar. Foi meu primeiro namorado, eu o levei em casa e o apresentei aos meus pais como um amigo, eles sabiam que era mais que isso.

Para o resto da família eu fui saindo do armário aos poucos, na medida em que ia apresentando meu namorado, embora sempre o apresentasse como amigo e o resto eu deixava por conta da imaginação de cada um. E assim foi até o término da faculdade. Depois de 2 anos e 6 meses terminamos o namoro, poucos dias depois da minha formatura.

Nesse período, meus pais já lidavam melhor com essa questão, não falavam no assunto, mas também não havia mais brigas ou discriminação. Até eu prestar o concurso para trabalhar como Bibliotecário no Centro Universitário e vir morar em Franca.

Aqui, eu entrei novamente para o armário, cidade nova, eu sabia que queria fazer tudo diferente, eu mesmo me apelidei de Édý, senti que seria uma nova chance de fazer tudo diferente, criei uma nova identidade, recomeço ou fuga, não sei dizer.

Em Franca, faço novos amigos, no trabalho ninguém sabe da minha orientação. Aqui, tive outros três relacionamentos com mulheres, é importante ressaltar, que em todos esses relacionamentos haviam sentimentos envolvidos, em toda relação me sentia, realmente, apaixonado.

Entre os anos de 2007 a 2011, me graduo em Psicologia, faculdade que sempre sonhei em cursar. Em 2009, conheço o Daniel, que se tornou o meu alicerce. Nesse mesmo ano, início a análise pessoal. Também em 2009, descobro que meu melhor amigo de Marília, havia contraído o vírus do HIV, e eu fui a primeira pessoa com quem ele compartilhou essa notícia. Essa descoberta me faz querer entender melhor a estrutura psíquica de homens homossexuais portadores de HIV, e ao mesmo tempo, comecei a ler sobre a homossexualidade, percebi que quanto mais eu lia sobre o assunto, mais à vontade eu me sentia para sair dos vários “armários” que a heteronormatividade insistia em me colocar.

E através dos estudos, da análise, do apoio do Daniel, fui me libertando das amarras que insistiam em me colocar de volta no armário, mesmo trabalhando em uma Instituição composta de pessoas conservadoras, fui me reafirmando, me reconhecendo e estudando sobre o assunto.

Assim, posso dizer que os “armários” serviram como verdadeiros casulos, e sempre que eu não me sentia pronto me permitia voltar para ele, e esperar o momento em que eu estivesse me sentindo seguro para sair novamente, crescer e enfrentar o mundo.

4 “SAIR DO ARMÁRIO” – COMING OUT

O armário se constitui um *lôcus*, onde guardamos nossas máscaras, nossos desejos, nossas roupas, nossas fantasias. Metaforicamente, onde escondemos aquilo que a sociedade nos tolhe, sendo que há “coisas” dentro do armário que até nós mesmos desconhecemos. Como apresentado, anteriormente, nossos papéis sociais se misturam com a pessoa privada e nos perdemos mergulhados nessa “conserva cultural”⁵.

De acordo com Sedgwick (2007, p.21), o armário é importante para pessoas não heterossexuais, no sentido de que para muitas delas, o armário ainda “é a característica fundamental da vida social”; nesse sentido, estar dentro do armário (não revelar sua sexualidade) ou fora dele (revelar-se), acabam sendo posições cujas condições de habitá-las estão sendo a todo tempo contabilizadas, medidas e pesadas pelos indivíduos. É nesse sentido que “há poucas pessoas gays [...] em cujas vidas o armário não seja ainda uma presença formadora” (SEDGWICK, 2007, p. 21).

Tal proposição implica considerar o processo de “sair do armário”, ou a decisão de permanecer dentro dele, como elementos constituidores das subjetividades de pessoas não heterossexuais. É nessa direção que se deve entender a metáfora do armário como algo decisivo para a experiência das sexualidades não heterossexuais, em que o processo de saída do armário, se articula a atravessamentos morais e políticos que estão em jogo ao revelar-se homem gay, por exemplo.

Sedgwick (2007, p.21) sugere que “o armário não é uma característica somente de pessoas gays”, pois, segundo a autora, o armário está ligado a um conjunto de binômios que organiza (e opõe) verdadeiro/falso, segredo/revelação, mostrar/esconder. Assim, o armário não seria algo estritamente vinculado à decisão de revelar uma sexualidade não heterossexual.

Nesse sentido, para compreender o processo de “sair do armário” é necessário refletir acerca de como se constituiu esse “armário”.

⁵ Expressão empregada por Jacob Levy Moreno para representar os padrões de comportamento estereotipados que o ser humano assume, com vistas aos valores sociais em que vive, e que acabam por automatizar respostas nos indivíduos (RAMALHO, 2002).

Antes dos anos 1960 [a expressão sair do armário] não aparecia em lugar nenhum, nem no movimento gay, nem nos romances, diários ou cartas de gays ou lésbicas [...] Como a maioria das expressões da terminologia gay, “sair do armário” era parte do vocabulário da cultura feminina – neste caso, a expressão era usada para se referir ao ritual da debutante que é formalmente convidada a “sair do armário” e penetrar na sociedade de seus pares culturais [...]. Os gays de anos antes da Guerra, então, não falavam sobre sair do que chamamos de armário gay, mas sim de sair e penetrar naquilo que chamavam de “sociedade homossexual” ou “mundo gay” (CHAUNCEY, 1994, p. 6-7, grifos do autor).

Nesse sentido, é necessário compreender de que forma essa “sociedade gay” foi construída, como esse armário foi sendo produzido, porque esta distinção de uma “sociedade heterossexual”. Sabemos que a diversidade sexual sempre existiu, mas foi na era cristã no Ocidente, que o “homossexualismo” se tornou uma forma de pecado, crime e loucura; portanto foi nos discursos institucionais religiosos, jurídicos e médicos que o homossexual passou a ser julgado pela sua orientação sexual (SZASZ, 1977).

Nos Estados Unidos da América houve uma perseguição aos LGBTQIA+, e, em 1969, resultou em uma invasão policial à casa noturna *Stonewall* (WORTHINGTON; REYNOLDS, 2009), dando origem a uma série de manifestações violentas e espontâneas do movimento LGBTQIA+. Esses acontecimentos contribuíram para a passagem da homossexualidade vivida na clandestinidade para a luta sociopolítica por direitos civis de gays e lésbicas, promovendo um salto das comunidades em direção à multiplicação de movimentos dessas minorias inspirados nas ações afirmativas de movimentos feministas e negros (MURRAY, 2007).

Stonewall não é o ponto inicial da história do movimento gay contemporânea, mas se tornou o mito fundador de uma nova era para identidades sexuais, as quais passaram a se revelar publicamente (GAGNON, 1990), vindo a influenciar outros contextos, como o Brasil.

FIGURA 2: IMAGEM DE STONEWALL INN – APÓS MANIFESTAÇÕES EM 1969



Fonte: Imagem de Stonewall Inn após manifestações de 1969; a entrada do bar foi fechada com madeiras e foi pintada do lado de fora: “Nós, homossexuais, imploramos às pessoas que ajudem a manter uma conduta pacífica e tranquila nas ruas da vila” (MCDARRAH, 2019, p.30).

Nesse sentido, se faz necessário compreender a história do movimento LGBTQIA+, no Brasil, que influencia a construção dos nossos “armários” e enfrentamentos.

4.1 MOVIMENTO LGBTQIA+

Antes de pensar o momento LGBTIA+, é importante compreender que o movimento marca as necessidades internas de uma minoria, que a priori buscava apenas ser respeitada, e, atualmente, almeja construir ou ter reconhecido seu espaço na sociedade, além de promover a desconstrução da visão binária, esta que reduz as possibilidades das pessoas de serem e estarem no mundo; nesse sentido, é importante conhecermos o surgimento do movimento LGBTQIA+, no mundo, bem como, entender de que modo essas categorias ou grupos estão articulados.

De acordo com Ilse Scherer-Warren (1987), a categoria de “movimentos sociais” surgiu por volta de 1840, com o advento do movimento operário europeu. Os movimentos sociais receberam vários nomes, como movimentos populares, movimentos sociais urbanos, novos movimentos sociais, movimentos contemporâneos, antigos movimentos sociais, movimentos baseados nas lutas de classe, movimentos alternativos, movimentos literários, associações civis, entre outros, que traduziam a variedade empírica, bem como as mudanças conjunturais do período em que surgiam.

Os movimentos sociais refletem às reivindicações de uma minoria, ou seja, um estrato da conjuntura; para Gohn (2010, p. 12) “os movimentos transitam, fluem e acontecem em espaços não consolidados das estruturas e organizações sociais. Na maioria das vezes, eles estão questionando estas estruturas e propondo novas formas de organização à sociedade política”.

De acordo com Machado e Prado (2005, p. 36):

Os movimentos sociais têm oferecido às sociedades novas alternativas societárias, por meio de experiências concretas. No Brasil, essas formas de atuação política têm contribuído muito para a democratização da sociedade, abrindo portas para a participação das minorias na vida pública.

Um movimento social não é motivado, simplesmente, pela existência das relações de opressão que excluem indivíduos, mas também pela intenção da construção social de uma nova realidade, constituída de novos elementos sociais (MACHADO; PRADO, 2001).

Sendo que, o 1968 foi marcado pelos movimentos estudantis contra a ditadura militar, fortalecendo o sentimento de otimismo quanto ao estabelecimento de um governo democrático, embora nesse mesmo ano, surja o “Ato Institucional, AI-5, decretando o fechamento do congresso, suspensão dos direitos constitucionais e cassação de inúmeros mandatos” (GREEN, 2000, p. 391). Como resposta ao Ato Institucional AI-5, membros de organizações de esquerda partiram para a luta armada e sequestraram, em setembro de 1969, o embaixador americano no Brasil.

Nesse contexto, o AI-5 interfere na formação de possíveis grupos de afirmação homossexual, conforme afirma Facchini (2005, p. 91):

Todavia, parece claro que se o governo militar não tivesse deslanchado uma onda de repressão, ampliando a censura e restringindo os direitos democráticos, em fins de 1968 com a imposição do AI-5 além de outras medidas, um movimento politizado pelos direitos de gays e lésbicas possivelmente teria surgido já no início dos anos 70.

O modelo econômico militar e as políticas de financiamento favoreceram a concentração de rendas das classes médias e altas urbanas e criaram um mercado de expansão de bens domésticos duráveis, além de ter sido um período de desenvolvimento econômico, conhecido como “o milagre econômico”, com uma taxa anual de crescimento de 8,6%, no início da década de 70; como resultado, o Brasil se transformou na maior nação devedora do final da década de 1970 (GREEN, 2000).

A distribuição dos resultados do crescimento econômico foi bastante desigual, a concentração de renda também aumentou muito no período, especialmente entre a população que possuía um grau maior de instrução. Isso fez com que a desigualdade social conhecesse níveis nunca vistos antes.

Nesse período, se verifica também um crescimento sem precedentes na produção de estudos sobre atividades associativas, que recebeu o nome de “movimentos sociais”; de acordo com Green (2000). Perto do fim de 1972, essas associações haviam se desfeito, e seus membros estavam mortos, presos ou exilados, embora existissem pequenos grupos esquerdistas de guerrilheiros urbanos.

Para Facchini (2011), a trajetória do movimento homossexual brasileiro é dividida em três momentos chamados de “ondas”: 1) a primeira onda tem início no final do regime militar, no período de abertura política, precisamente em 1978, com a fundação do grupo Somos como marco para o ativismo; 2) a segunda onda está compreendida durante a redemocratização dos anos 1980 e a mobilização em torno da Assembleia Nacional Constituinte, coincidindo com a eclosão do movimento; e 3) a terceira onda, a partir de meados de 1990, em que se multiplicam os grupos de ativistas, e houve diversificação dos vários sujeitos do movimento; criam-se as redes regionais e nacionais de articulação e se consolidam as tradicionais Paradas do Orgulho LGBTQIA+.

É importante ressaltar, que **a primeira onda do movimento homossexual, ocorreu de forma aliada** ao movimento feminista e ao movimento

negro, sendo que o movimento homossexual continha propostas de transformação para o conjunto da sociedade, no sentido de abolir vários tipos de hierarquias sociais, especialmente às relacionadas ao gênero e à sexualidade.

O início do Movimento Gay brasileiro teve início na década 1970, e foi marcado pela opressão da ditadura militar, assim, os homossexuais que compartilhavam sua orientação sexual, buscavam uma forma de escapar do contexto da época, sendo que havia inúmeras dificuldades para se organizarem; e, ainda assim, lutavam contra as heteronormas.

De acordo com Facchini (2003), este início do movimento é marcado com a formação de um conjunto de associações e entidades, mais ou menos institucionalizadas, constituídas com o objetivo de defender e garantir direitos relacionados à livre orientação sexual e/ou reunir indivíduos que se reconheçam a partir de qualquer identidade do movimento.

A primeira onda teve como principal característica as iniciativas que estiveram bastante concentradas no eixo Rio-São Paulo; tinham um caráter antiautoritário e comunitarista, pela relação com propostas de transformação para o conjunto da sociedade e esses movimentos sociais eram considerados até então como alternativos ou libertários, e somente após este enquadramento passaram a ser reconhecidos como movimentos sociais.

Pertenceram a essa fase o grupo Somos, de São Paulo, e o jornal Lampião da Esquina, editado no Rio de Janeiro, que promoviam a reflexão em torno da sujeição do indivíduo às convenções de uma sociedade sexista, gerando espaços em que a diversidade sexual podia ser afirmada (FACCHINI, 2011).

Sendo que, os primeiros grupos militantes homossexuais surgiram em meio à ditadura militar (1964-1985). A partir desse período, as publicações alternativas LGBTQIA+ tiveram um papel fundamental: o jornal O Lampião da Esquina, fundado em 1978, era abertamente homossexual, e embora, também, abordasse outras questões sociais, tinha o objetivo de denunciar as violências sofridas pelos LGBTQIA+. De acordo com Green (2000, p. 395):

Em 1978, um pequeno grupo de intelectuais do Rio de Janeiro e de São Paulo fundou o Lampião da Esquina, um tabloide mensal de ampla circulação dirigido ao público gay. Muitos meses depois, um grupo de homens em São Paulo formou o Somos, a primeira organização pelos direitos gays do país.

O processo de produção da identidade coletiva trazia em seu bojo a visão de uma “comunidade de iguais”, assim, a diferença não era ressaltada. Nesse sentido, a proposta marcante desse grupo era o esvaziamento do caráter pejorativo das palavras “bicha” e “lésbica”. A visão desse período era uma visão machista em que o “bofe” estava associado ao masculino ativo, e a “bicha” ou mulher estava associada ao papel de passivos sexuais; essa visão gerava contestação por remeter a relações desiguais e aos estereótipos que associavam homossexualidade a "masculinizados" e a "efeminados" (FACCHINI, 2011).

A partir de 1980, inicia-se a segunda onda, na qual a valorização de relações com o Movimento em âmbito internacional é um traço distintivo dos militantes dessa fase. No ano de 1980, surge o primeiro grupo exclusivamente lésbico, a partir de uma cisão no grupo Somos. Esse mesmo período foi marcado pela perseguição da população LGBTQIA+, as chamadas “operações de limpeza”. Em São Paulo, essa operação foi conduzida pelo delegado Richetti; de acordo com Green (2003), muitos espetáculos de travestis e transformistas – termos empregados nos anos 1980, atualmente, o termo utilizado é *drag queen* – dos principais salões do eixo Rio-São Paulo foram fechados e houve a detenção de homossexuais que buscavam encontros casuais nas ruas; sendo que havia uma perseguição apenas pelo fato de serem homossexuais. Em decorrência disso, acontece, em 13 de junho de 1980, a primeira passeata que o Movimento Gay organizou: o ato público contra a violência policial e a atuação levada a cabo pelo delegado Richetti na região central de São Paulo (FACCHINI, 2011).

A fundação do “Somos: Grupo de Afirmação Homossexual” é associada ao movimento homossexual no Brasil, não por ter sido o primeiro grupo brasileiro, mas por ter se tornado um modelo, tanto para as outras organizações sociais, como, também, para os pesquisadores do tema, sendo que a primeira ação desse grupo foi em fevereiro de 1979, com um debate sobre as minorias, promovido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FACCHINI, 2005).

FIGURA 3: MEMBROS DO SOMOS – GRUPO DE AFIRMAÇÃO HOMOSSEXUAL DEPOIS DE UMA REUNIÃO GERAL NAS CIÊNCIAS SOCIAIS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP), 1980.



Fonte: Botelho (2020, p. 1)

O Jornal Lampião também foi de grande importância na medida que abordava a questão homossexual nos seus aspectos políticos, existenciais e culturais. Este jornal enfrentou acusações de infringir a Lei de Imprensa por contrariar a “moral e os bons costumes”, embora a homossexualidade não estivesse presente no Código Penal Brasileiro (FACCHINI, 2005).

FIGURA 4: JORNAL LAMPIÃO (JANEIRO DE 1981)



Fonte: Botelho (2020, p.1)

Em 1980, segundo Péret (2011), em decorrência da emergência do feminismo e diante das lutas em prol da liberdade sexual feminina, o Jornal Lampião convidou algumas integrantes do grupo Somos no sentido de produzirem matérias sobre lesbianismo, e a partir disso, foi criado o Grupo Lésbico Feminista, responsável pela produção do primeiro jornal lésbico do Brasil, o “Chana com Chana”, lançado em 1981.

No início a produção do jornal era feita ainda de forma artesanal, de modo que o “Chana com Chana” chegava às mãos de poucas pessoas, mais precisamente um pequeno grupo de lésbicas, residentes em São Paulo. Em janeiro de 1981, o Grupo Lésbico Feminista acabou. Entretanto, a produção do jornal foi retomada em 1982, quando Miriam Martinho, Rosely Roth e Eliana Galti – militantes importantes para o movimento LGBT brasileiro – fundaram o Grupo de Ação Lésbico-feminista (Galf).

De acordo com Péret (2011), um acontecimento envolvendo a distribuição do periódico tornou-se marcante para o ativismo LGBTQIA+, no Brasil. No dia 23 de julho de 1983, o “Chana com Chana”, que era distribuído em diversos pontos lésbicos, da cidade São Paulo, entre eles, o Ferro’s Bar, localizado nas proximidades da praça Roosevelt, foi censurado: seguranças do estabelecimento tentaram colocar as integrantes do jornal para fora e impedir a distribuição da publicação. Conforme Péret (2011), em agosto de 1983, uma manifestação em protesto às represálias foi

convocada e dezenas de pessoas invadiram o bar. O episódio ficou conhecido como *Stonewall* brasileiro. A mídia deu grande atenção ao fato e, ironicamente, o número de clientes do bar aumentou. Com isso, o “Chana com Chana” continuou sendo distribuído no local e circulou até 1987, quando o Galf virou uma Organização não-governamental, denominada Um outro Olhar.

FIGURA 5: JORNAL “CHANACOMCHANA” (19 DE AGOSTO DE 1983)



Fonte: Botelho (2020, p.1)

De acordo com Parker (2002, p. 294):

Embora a experiência da homossexualidade pareça muito distante e distinta da organização da produção econômica ou das estruturas do poder político, é impossível compreender plenamente os acontecimentos das últimas décadas sem alguma referência à natureza do desenvolvimento que depente na medida em que ele determinou os processos de industrialização e urbanização, ou na história em evolução de políticas autoritárias, redemocratização e consolidação na sociedade civil que ocorreram a partir da década de 1970.

Assim, o surgimento do movimento homossexual desempenha um papel crucial num processo de disputa entre dois modos de perceber a sexualidade no Brasil que, de acordo com Facchini (2011, p. 12) são:

[...] o tradicional – em que os parceiros numa relação homossexual são hierarquizados e respectivamente relacionados a papéis sociais e sexuais relativos aos dois sexos biológicos (*bicha-bofe*, *fancha-lady*) – e o moderno – em que os parceiros são vistos a partir de uma lógica igualitária e a orientação do desejo se torna mais importante para

nomeá-los do que os papéis sociais relativos a noções de masculino e feminino ou a atividade e passividade sexual (homossexual-homossexual, entendido(a)-entendido(a) ou gay-gay). (grifos do autor).

Em 1983, ocorre a dissolução do grupo Somos de São Paulo. É, também, nesse momento que eclode a epidemia do Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) e Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS), reduzindo, consideravelmente, a quantidade de grupos homossexuais, especialmente, em São Paulo, onde o foco passou a ser o/a HIV/AIDS.

Neste período, o/a HIV/AIDS é apresentado como “peste gay” ou “câncer gay”. Os homossexuais eram tidos como culpados pelo novo vírus, o que contribuía para que os mesmos não saíssem do armário, além de intensificar a discriminação.

Em decorrência do vírus HIV, surgiram novos grupos e associações, que se fortaleceram e ganharam visibilidade, se aproximando do cenário Nacional, por meio de políticas públicas direcionadas à contenção do vírus.

Ante a exigência de se organizar contra a doença, os movimentos gays reafirmaram a importância da educação como a melhor arma nessa guerra sem tréguas, dando origem a diferentes cursos de prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST)/AIDS, assim como trabalhos e projetos de assistência a pessoas infectadas pelo HIV (FERRARI, 2004, p. 3).

Os homossexuais foram considerados responsáveis pelas primeiras mobilizações contra a epidemia, tanto no âmbito da assistência solidária à comunidade, quanto na formulação de demandas para o Poder Público.

De acordo com Facchini (2011, p. 15):

As características mais marcantes desse período incluem: um menor envolvimento com projetos de transformação social como um todo; e uma ação mais pragmática e voltada para a garantia dos direitos civis e ações contra discriminações e violência. A tendência é ter organizações mais formais, não há mais rotatividade de direções, mas diretorias com cargo e funções definidas.

Outro marco foi a mudança do termo “opção sexual” para “orientação sexual”, o que implica afirmar que não se trata de escolha individual, racional e voluntária, mas não se trata também de uma determinação simples, sendo considerado então que vários fatores influenciam na construção da orientação sexual.

No Encontro Nacional de Ativistas que ocorreu na Bahia em 1984, apresentaram-se várias pautas de reivindicação, naquele momento: a luta pela despatologização da homossexualidade; legislação antidiscriminatória; legalização do que na época se denominava como "casamento gay".

No entanto, foi só a partir do Encontro Nacional, realizado em 1989, que a AIDS passa a ter um lugar privilegiado na agenda do movimento, havendo ainda a preocupação com a questão da violência, com a discriminação religiosa e a necessidade de estimular a formação de grupos.

No início dos anos 1990, o movimento homossexual cresceu como forma de solução para essa situação, tornando o Brasil pioneiro na resposta comunitária e governamental ao HIV/AIDS.

É importante ressaltar, que o surgimento HIV/AIDS abriu espaço para a visibilidade homossexual, devido à forma como foi divulgada e às políticas públicas de enfrentamento à epidemia que foram sendo construídas, proporcionando uma grande evidência à homossexualidade e ao modelo de classificação da sexualidade (FACCHINI, 2011). Ainda que se tenha, inicialmente, refreado as tentativas de mobilizar setores do movimento, a doença foi considerada como principal responsável pelo alavancamento com que (re)emergiu, na década de 1990

Com base no acúmulo de experiência e no conhecimento e acesso à comunidade, os grupos passaram a coordenar projetos de prevenção, financiados por programas estatais de combate ao HIV/AIDS, os quais permitiram que alguns grupos se estabelecessem no formato de organização não-governamental (ONG). A entrada das pautas do movimento nas políticas públicas não se deu, portanto, pelo reconhecimento das demandas de cidadania de LGBTQIA+ ou pela criação de conselhos de direitos, mas pela política de saúde e, mais especificamente, a política de combate às DSTs e AIDS.

Houve um aumento do número de grupos e a expansão do movimento por todos os estados do país, acompanhado por uma diversificação de tipos de organizações: não havia apenas grupos comunitários, mas também ONGs, setoriais de partidos, grupos religiosos, acadêmicos, as chamadas igrejas inclusivas, que trabalham diretamente com a questão LGBT. Surgia, então, uma terceira onda do movimento.

Uma das características desse período é a diferenciação de vários sujeitos políticos internos ao movimento: lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais com foco em demandas específicas de cada um desses coletivos.

A 1ª. Parada do Orgulho Gay aconteceu na cidade de São Paulo, em 1997, com a participação de duas mil pessoas; já no ano de 2007, a 11ª foi considerada a maior manifestação do país, alcançando o número de um milhão e meio de pessoas.

Molina (2011, p. 25) faz referência ao movimento gay relatando que este:

[...] objetiva a construção do sujeito, responsável pelas mudanças na visão, nas posturas, nos hábitos e na transformação das pessoas a partir de um conhecimento de si e do mundo. De forma consciente, o movimento gay surgiu a partir de uma preocupação com o entendimento do mundo, com a tentativa de esclarecer e dominar parâmetros de sua organização e de classificação da homossexualidade e com a demanda de desconstruir as identidades homossexuais cristalizadas em busca de possibilidades de vivências mais positivas.

Trevisan (2011) descreve a importância dos eventos relacionados ao público LGBTQIA+ citando a 3ª Parada da Diversidade, que antes era chamada parada Orgulho Gay, e teve seu nome alterado para abarcar outras minorias que não tinham visibilidade no movimento que aconteceu em São Paulo e teve uma grande repercussão na mídia, atraindo a sociedade e empresários que perceberam no evento uma forma de investimento cultural e comercial, resultando na inserção do Dia do Orgulho LGBTQIA+ e da Parada no Calendário oficial da cidade de São Paulo. Com um público de mais de 20 mil pessoas, a comunidade LGBTQIA+ passou a ter visibilidade, dando sentido político ao movimento, afirmando assim, a existência de uma parcela da sociedade que passou anos vivendo nos guetos, ou seja, dentro de armários.

Dessa forma, Trevisan (2011) reafirma que tal evento parece ser a conquista mais importante na luta pelos direitos homossexuais, do Brasil, nos últimos anos. Os políticos conservadores, religiosos fundamentalistas e homofóbicos, que insultavam pessoas anônimas, agora se deparam com uma multidão LGBTQIA+, que tem forma, rosto e identidade e que luta pelos seus direitos.

Os LGBTQIA+ muitas vezes são percebidos à margem da sociedade, como seres desviantes da norma, pessoas que recebem marcas que os torna específicos, portanto, são enquadrados enquanto minorias, a nosso ver segue o sentido contrário

proposto pela Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, que afirma que “todos são iguais perante a lei”, se todos somos iguais, por que não posso expressar meu afeto da mesma forma que os heterossexuais? Se todos são iguais porque os “armários” existem para nós homossexuais?

Nessa perspectiva, Bourdieu (2001) apresenta em seu discurso que os movimentos sociais, por mais diversos que sejam por suas origens, seus objetivos e seus projetos, possuem um conjunto de traços comuns, que lhe dá uma aparência de uma grande família, que se reconhecem na marginalização e na recusa das formas tradicionais de mobilização política.

De uma forma geral, as principais pautas que os movimentos sociais LGBTQIA+, dentro do contexto político e social, têm, atualmente, no Brasil e no mundo, dizem respeito à criminalização da homolebóbítrofobia: ao fim das punições previstas pelas leis de alguns países à homossexualidade; ao reconhecimento de gênero, incluindo a questão do nome social – que no Brasil já está sendo utilizado no poder público baseado no decreto federal nº .8.727 de 28 de abril de 2016, e no decreto estadual nº. 55.588 de São Paulo; à despatologização das identidades trans – as quais a Organização Mundial da Saúde (OMS) já retirou da lista de transtornos mentais, como fez com a homossexualidade desde 1990; ao fim da “cura gay”; ao casamento civil igualitário; à permissão da adoção para casais homoafetivos; à laicidade do Estado e ao fim da influência da religião na política; à leis e políticas públicas que garantam a proibição de discriminação em lugares públicos, como escolas e empresas; ao fim da estereotipação da comunidade LGBTQIA+ na mídia, e sua real representatividade nela.

É importante ressaltar, que no Brasil, a primeira Parada do Orgulho LGBTQIA+ foi em São Paulo, em 1997, na Avenida Paulista – área comercial nobre da cidade, com o tema: “Somos muitos, e estamos em várias profissões”. E a cada ano é apresentado um tema relevante para inserir a temática LGBTQIA+ a esse protagonismo social, conforme a relação dos anos subsequentes:

- ✓ 1998 – Os direitos de gays, lésbicas e travestis são direitos humanos;
- ✓ 1999 – Orgulho gay no Brasil, rumo ao ano 2000;
- ✓ 2000 – Celebrando o Orgulho de Viver a Diversidade;
- ✓ 2001 – Abraçando a Diversidade;
- ✓ 2002 – Educando a Diversidade;

- ✓ 2003 – Construindo Políticas Homossexuais;
- ✓ 2004 – Temos Família e Orgulho;
- ✓ 2005 – Parceria civil, já. Direitos iguais! Nem mais nem menos;
- ✓ 2007 – Por um mundo sem Racismo, Machismo e Homofobia;
- ✓ 2008 – Homofobia Mata – Por um Estado Laico de Fato;
- ✓ 2009 – Sem homofobia, mais cidadania pela isonomia dos direitos;
- ✓ 2010 – Vote contra a homofobia: defenda a cidadania;
- ✓ 2011 – Amai-vos uns aos outros: basta de homofobia!;
- ✓ 2012 – Homofobia tem cura: educação e criminalização;
- ✓ 2013 – Para o armário nunca mais – União e conscientização na luta contra a homofobia;
- ✓ 2014 – País vencedor é país sem homolesbotransfobia: chega de mortes! Criminalização já!;
- ✓ 2015 – “Eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim”: respeitem-me!;
- ✓ 2016 – Lei de identidade de gênero, já! – Todas as pessoas juntas contra a transfobia!;
- ✓ 2017 – Independente de nossas crenças, nenhuma religião é lei! Todas e todos por um Estado Laico;
- ✓ 2018 – Poder pra LGBTI+, Nosso Voto, Nossa Voz;
- ✓ 2019 – 50 anos de *Stonewall*;
- ✓ 2020 – Democracia (Foi realizada virtualmente em decorrência da Pandemia).

Nesse sentido, observamos um movimento que luta por direitos, e ao longo da história foi cerceado das mais diversas possibilidades, dentre elas, a de igualdade/equidade. Portanto, os “armários” se constroem a partir da discriminação, preconceito, perseguição, desigualdade. Metaforicamente, podemos dizer que guardamos nossas singularidades nos “armários” que a heteronormatividade vai nos apresentando.

4.2 OS VÁRIOS “ARMÁRIOS” DA NOSSA VIDA

A metáfora da saída do armário (“*coming out of the closet*” ou simplesmente “*coming out*”) se difundiu, tanto no cotidiano como na linguagem científica, tendo uma ligação original com as minorias sexuais, que sofrem um tipo de dominação simbólica

e são condenadas à invisibilidade pública pela classe dominante, além de serem estigmatizadas (BOURDIEU, 2012); nesse sentido, a imagem do armário representa a homofobia.

O “sair do armário” indica um processo significativo para as pessoas LGBTQIA+, de reconhecimento e revelação da sua orientação sexual ou identidade. Nesse sentido, se pensarmos pela perspectiva da teoria moreniana, podemos dizer que ao exercermos um papel social e ao mesmo tempo mantivermos em segredo nossa vida privada, estabeleceríamos uma vida dupla, resultando num obstáculo à construção de vínculos reais, originando relações superficiais, sem profundidade.

De acordo com McQueen (2015), a vida dentro do armário é descrita como muito difícil, e sua saída se daria com a percepção de si mesmo e dos próprios desejos como diferentes e não condizentes em relação aos demais, até chegar o momento de revelar isso para outra pessoa, resultando na sensação de alívio e completude, quando o autoconhecimento se alinha ao reconhecimento social.

Ressaltamos também que as pessoas LGBTQIA+ vivem em um mundo cujas normas se pautam pela heterossexualidade, portanto, repetidas vezes em nossas rotinas deparamos com situações nas quais é preciso decidir sobre revelar ou não nossas orientações sexuais, e assim “sair do armário” acaba sendo um contínuo. A exemplo disso: quando um casal de pessoas LGBTQIA+ se hospeda em um hotel, precisa pensar se irá solicitar cama de casal e, assim, “sair do armário” na recepção do estabelecimento; outro exemplo, quando uma pessoa é contratada por uma empresa, precisa pensar se irá revelar sua sexualidade aos seus pares de trabalho, dentre várias outras situações que englobam a sua vida cotidiana.

Todos os dias as pessoas LGBTQIA+ precisam decidir o que revelar e a quem revelar – uma experiência que não estabelece um paralelo exato com aqueles que têm identidades/orientações sexuais heterossexuais, que não necessitam revelar na comunidade. Nesse sentido, esse pensamento nos leva a refletir sobre este dilema que aflige a grande maioria da população LGBTQIA+ e como lidar com o silêncio que habita o armário.

Os “armários” gays se relacionam com histórias de afirmação, de política das orientações sexuais, assim, "para fazer parte da comunidade homossexual, seria indispensável, antes de tudo, que o indivíduo se assumisse, isto é, revelasse seu

segredo, tornando pública sua condição" (LOURO, 2004, p. 32). É como se não houvesse possibilidade de vida dentro "armário", ou seja, a única possibilidade de vida está fora do "armário" (ZAGO, 2013), uma vez que dentro do "armário" não se pode ser, pois em todo momento, estamos habitando uma vida que não é nossa, mas que está de acordo com a expectativa da sociedade heteronormativa.

O "armário gay", como metáfora de visibilidade político-espacial, é profundamente ambíguo: estar dentro ou fora do "armário", revelar-se enquanto gay ou permanecer com a sua orientação sexual oculta, nunca são movimentos únicos, unilaterais, politicamente isolados ou culturalmente individuais. "Assumir-se não acaba com a relação de ninguém com o armário, inclusive, de maneira turbulenta, com o armário do outro" (SEDGWICK, 2007, p.40).

Nesse sentido, a cada novo convívio social, somos levados a construir novos "armários", ocupando espaços dos quais temos de decidir qual o melhor momento e se estamos à vontade para sair dele. Mesmo uma pessoa gay declarada lida, diariamente, com interlocutores que ela não sabe se sabem ou não, acerca de sua orientação sexual. É igualmente difícil adivinhar, no caso de cada interlocutor, se, sabendo, considerariam a informação importante, "tampouco é inexplicável que alguém [...] possa escolher deliberadamente entre ficar ou voltar para o armário em algum ou em todos os segmentos de sua vida" (SEDGWICK, 2007, p.22).

Ainda que "sair do armário" possa ajudar na integração social, em um amplo sentido, diferenças de personalidade, assim como dinâmicas culturais e familiares, exercem diferentes papéis e aparecem de várias formas se, e quando, a pessoa LGBTQIA+ decidir "sair do armário". Em outras palavras, simplesmente se declarar LGBTQIA+ não leva de modo algum à integração. Cada experiência individual envolvendo "sair do armário" é única. "sair do armário" para si mesmo é uma transição de um processo de autoconsciência, descrito com frequência em memórias e autobiografias de pessoas LGBTQIA+, como uma experiência subjetiva de reconhecimento da própria identidade.

Sendo assim, cada participante da pesquisa relata alguns dos vários "armários" que têm de lidar diariamente, dentre eles a escolha de falar sobre sua sexualidade no trabalho, na religião, no convívio com os amigos, na família. Eros nos traz como exemplo o seu trabalho:

[...] sexualidade é uma coisa que fica mais ali entre quatro paredes e o respeito fora... porque eu e meu namorado, a gente respeita muito todo mundo ao nosso redor... por exemplo, eu trabalho com muitas pessoas, e no meu trabalho existe o contato físico, eu não me importo que as pessoas saibam da minha sexualidade, mas eu não falo dela para meus clientes (EROS).

É importante reforçar que Eros trabalha como massoterapeuta, nesse sentido, ele não se sente à vontade em “sair do armário” no trabalho, porque segundo ele, alguns de seus clientes poderiam manifestar algum tipo de preconceito ou até mesmo confundir-se em relação às técnicas que a massoterapia utiliza. Assim, podemos refletir como a pessoa LGBTQIA+ precisa pensar para quem e como sai do “armário”.

Este aspecto nos leva inclusive à discussão sobre se a sexualidade deve ser encarada como algo particular, reservada à individualidade, ou se ela deve ser compreendida pelo coletivo, pois de certa forma estamos conectados uns aos outros, ou seja, ao grupo ao qual pertencemos. Na minha perspectiva, quando tornamos público nossa identidade nos fortalecemos enquanto grupo, quando mantemos nossa sexualidade na vida privada, somos levados a seguir a visão hegemônica, já que na individualidade não temos força para lutar contra a heteronormatividade. Vamos apresentar um trecho da fala de Baco, a esse respeito:

[...] até com clientes da depilação já aconteceu [de transar] e me causou muitos danos, porque teve um que... era até casado ele espalhou pra cidade inteira que a gente ficou, isso me queimou bastante... ele é amigo de um amigo meu, ele não sabia que eu era amigo dele, e meu amigo chegou em mim e me contou... no entanto tem gente que me procura porque associou o meu trabalho a alguma coisa sexual é não é, com esse cara em si aconteceu, rolou, os dois queriam, mas aí muita gente me procura já achando que... vamos dizer assim, que vai ter um final feliz [...] os héteros que me associa, se eu pudesse atender só gay atenderia, porque nenhum gay nunca me faltou com respeito, porque assim, tem hétero que já me procura com esse intuito, gay não, todos os gays que eu atendi sempre vieram no profissionalismo, agora hétero a maioria já quer uma coisa a mais, não todos, mas a maioria (BACO).

Baco é depilador e relata a dificuldade de quando saiu do “armário” para um cliente e em seguida eles transam e o mesmo revelou para outros homens a sua orientação sexual. Ele sente que, de alguma forma, os clientes heterossexuais procuram por seus serviços, apenas para terem uma possibilidade de transar com ele,

desta forma, ser gay, nesta perspectiva que Baco apresenta, é ter de lidar com o assédio de outros homens que acreditam que se você é um profissional gay, logo terá vontade de transar com qualquer homem que lhe apresente.

Portanto, “sair do armário” também representa lidar com uma série de assédio, que muitas vezes é menosprezada apenas pelo fato de a pessoa ser gay. Como se ser gay nos colocasse numa subcategoria pela qual deixássemos de sentir atração por tipos específicos de pessoas e passássemos a generalizar nossos desejos em função de qualquer outra pessoa do mesmo sexo.

Outro entrevistado diz:

Eu não tenho dificuldade de me assumir, depois que eu falei para minha família eu posso enfrentar qualquer coisa. Na faculdade quando eu falei da minha sexualidade fui muito acolhido, na escola pública também [...] (THOTH).

Algumas pessoas se sentem mais livres para “sair do armário” a todo o momento, talvez isso ocorra porque encontraram tanta resistência em casa, que no momento em que lidam com a família sentem-se fortes para lidar com o mundo, entretanto, outros pensam muito para “sair do armário” ou demonstrar afeto em público, com medo do impacto que isso pode trazer no ambiente de trabalho e outros. É o caso de Rá:

[...] eu sou muito limitado a questões por exemplo... de demonstrar afeto em público principalmente se for em locais que eu vou ter algum tipo de aluno meu próximo... porque isso me causa muito transtorno dentro do meu campo de trabalho como já causou esse ano e existem pessoas que até por saber que, posteriormente, que a gente é homossexual começa ter um olhar meio assim... então assim... eu demonstro carinho em público não tenho problema... se tiver que beijar eu beijo... se tiver que abraçar eu abraço, mas é eu sou muito cuidadoso com o que eu vou demonstra... e, principalmente, quem está ao redor (RÁ)

É importante ressaltar, que Rá faz parte do movimento LBGTQIA+, da cidade de Franca, e, ainda assim, quando vai demonstrar afeto em público, julga necessário avaliar se algum de seus alunos estará presente, ou seja, precisa avaliar se pode ou não “sair do armário” e qual a consequência deste ato em sua vida.

De acordo com as respostas dos participantes da pesquisa realizada por Oliveira e Finco⁶ (2020, p. 591):

A conquista de uma “confiança moral” faz parte do ritual de passagem dos professores a fim de que eles possam seguir na carreira, permanecendo na docência. As falas revelam, ainda, um complexo jogo de resistência e de luta pela conquista do espaço e do direito de permanecer exercendo a profissão. Eles carregam os medos e as incertezas de terem de reiniciar novamente todo o processo de aprovação pelo qual tiveram que passar.

Segundo esta mesma pesquisa, o homem quando decide seguir a carreira de educação infantil precisa ser aceito, portanto, ser aprovado pela comunidade para permanecer na Instituição de Ensino. Nessa perspectiva, o homossexual tem de lidar, também, com a ideia conservadora de que ele não será um pervertido, portanto, sua idoneidade passa pelo julgamento dos pais.

Nesse sentido, Louro (2000) ressalta que a Instituição de Educação, é ainda, um dos espaços mais resistente ao debate sobre a diversidade sexual, legitimando apenas a heterossexualidade como “normal”, ignorando, desta forma, a homossexualidade, não ofertando espaços para discussão aberta sobre este tema.

Sayão (2005, p.189) ainda problematiza a ideia de que “o que capacita as mulheres a tocarem nos corpos das crianças e gera a desconfiança quanto ao abuso dos homens é que as primeiras controlariam sua sexualidade, enquanto os homens seriam incontroláveis”. Louro (2000) salienta que o lugar de desconhecimento e ignorância contribui para a construção ou fortalecimento de comportamentos homofóbicos presentes em nossa sociedade.

Nessa perspectiva, Kairós entende como uma vantagem ser homossexual e professor de educação infantil:

[...] eu tive uma certa dificuldade em relação a isso... agora, em relação ao meu trabalho, por outro lado, por exemplo, o homossexual é muita mais bem visto no meio como professor né do que... seria como, por exemplo, se fosse um vendedor... um vendedor homossexual ele é... entre aspas... ele é mais bem aceito do que o hétero entendeu? Pela questão da desenvoltura, pela questão da forma de falar e tudo... então, eu acredito assim profissionalmente o fato de ser homossexual me ajudou muito, entendeu? Porque o fato, por exemplo... seu eu

⁶ Pesquisa realizada por Vinícius Expedito Mena Oliveira e Daniela Finco que tinha como objetivo a discussão acerca da construção da identidade docente a partir de experiências de professores da Educação Infantil.

fosse hétero como eu trabalho com criança... infelizmente, as pessoas ligam muito o homem à pedofilia... então, o fato de ser homossexual me ajudou a não passar por algumas situações que eu passaria se eu fosse hétero, entendeu? Por exemplo, como eu trabalho com criança e tudo, o fato de ser homossexual é mais tranquilo do que um hétero, trabalhar com criança, você entendeu? Querendo ou não as pessoas vão é... mães confiam muito... não digo os pais... mas, as mães confiam muito mais num homossexual do que num professor hétero (KAIRÓS).

Kairós reproduz uma visão hegemônica que compreende alguns trabalhos como pertencentes ao feminino, associando o cuidado, a educação, como uma responsabilidade da mulher, novamente reforçando uma visão que enquadra as pessoas de acordo com o gênero e não com suas habilidades. Outro aspecto, que esta fala ilustra é o abuso sexual, como se o homem, em todo o momento, fosse abusar de alguém, pelo simples fato de ser homem.

Butler (2012) ressalta que o ato performático do gênero é a reprodução de um sistema de regras que produzem culturalmente o masculino e feminino, sendo que, os sujeitos são generificados por meio da norma; dessa maneira, para que uma pessoa seja considerada e construída socialmente como mulher ou homem, ela deve se expressar de uma forma específica por meio de gestos, comportamentos e atitudes que sejam concebidas como femininas ou masculinas.

Portanto, a visão hegemônica se baseia num pensamento que entende que a ideia de que passividade, delicadeza e, principalmente, submissão são características das mulheres, ou seja, do feminino, já quando diz respeito ao homem, tudo se resume apenas a uma palavra: masculinidade. Ao longo de sua formação, o homem foi levado a acreditar nisso, por exemplo, se uma criança, um menino, estiver brincando com uma boneca e um adulto falar “Isso é coisa de menina”, e esse menino perguntar “Por quê?”, esse mesmo adulto não saberá o motivo e, provavelmente, vá responder “Porque sim”. Toda essa ideia de masculinidade foi passada adiante sem ao menos ser questionada: “Por que devo agir assim?”

Francis e Dinis (2007, p. 249) afirmam que os próprios homens, que se encaixam nesse padrão de masculinidade, cobram de si mesmo essas atitudes masculinas e “[...] esperam de seus colegas atitudes ‘dignas de homens’”. Para (BOURDIEU, 2012, p. 65), a virilidade tem que ser validada pelos outros homens, em

sua verdade de violência real ou potencial, e atestada pelo reconhecimento de fazer parte de um grupo de "verdadeiros homens".

“O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade” (BOURDIEU, 2012, p. 64). Desde os anos iniciais de formação, são impostas, ao homem, ações de como se portar, como se vestir e do que gostar.

Conforme Bourdieu (2012, p. 67), “a virilidade, como se vê, é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo”.

Portanto, se o gay é compreendido como o homem que desvia da norma, ele é visto como o contrário disso, aproximado de uma atitude mais próxima do feminino, conforme a perspectiva de Kairós. Embora, discordamos, afinal nossa orientação e nosso gênero são construções sociais, mas não são determinações absolutas, cada pessoa age de maneira singular, e está associada com a forma como a pessoa foi criada, como percebeu o mundo, quais as pessoas que foram as matrizes para a construção de sua personalidade, seu contexto amplo, entre outros aspectos.

Assim, retornamos à **quarta unidade de significado** que consiste na “Saída do armário para os amigos”, sendo que os participantes Hórus, Chronos e Baco buscaram revelar sua orientação sexual, num primeiro momento, aos amigos:

Foi com uma amiga de escola, ela era dois anos mais velha do que eu, mas a gente tinha uma convivência dentro da igreja, é uma proximidade dentro da igreja, e aí sempre que tinha assim alguma coisa, ou da escola ou da própria igreja a gente saía e ia pra casa dela conversava... tinha também um outro amigo meu, também... e é desse mesmo nível de convivência assim, igreja e escola, ... é que, também, quando eu comecei a ter coragem de falar sobre a minha sexualidade, foram os primeiros que conversei, tanto é que foram eles que me levaram para as *lan houses*, para as salas de bate papo e pro msn, então foram essas duas pessoas, assim, que eu consegui me abrir e me expor primeiro (HÓRUS).

Compartilhei com as pessoas mais próximo, assim, as primeiras foi tudo amigos, colegas, pessoas mais próximo, agora com os parentes mais ou menos, alguns assim, tipo assim, de casa pai, mãe, sabe, mas o resto não. Não defino, eu não comento nada (CHRONOS).

Eu lembro que quando eu tinha... acho que uns 10 anos eu contei pra uma amiguinha de escola e... só que assim... foi uma coisa bem casual só contei pra ela, eu lembro que na hora o olho dela até encheu de lágrima até porque ela nunca tinha tido esse contato direto com alguém assim né, mas depois de muito tempo com 15 anos eu comecei a contar pros meus amigos... 15, 16 anos (BACO).

Nesse sentido, Hórus e Chronos buscaram revelar-se aos amigos; pela minha experiência, acredito que ao revelar, primeiramente para pessoas que não irão te julgar, pode trazer uma tranquilidade maior, e pode ajudar no processo de enfrentamento das discriminações que possam surgir com a saída do “armário”.

Já Baco contou sobre sua orientação sexual pela primeira vez aos 10 anos e, apesar de relatar que não houve discriminação por parte de sua amiga, ele ressalta que ela se emocionou, pela forma dele falar e pela linguagem que ele usou; a impressão que me passa é que sua amiguinha se emocionou por ele ter coragem de revelar para ela um segredo tão precioso como este.

Entre os participantes há também aqueles que buscaram conversar com pessoas que já vivenciaram este processo de “sair do armário” ou que demonstram, também, serem homossexuais, como, por exemplo, Prometeu e Eros.

A primeira pessoa com quem eu compartilhei foi meu melhor amigo que chama Apolo (nome fictício), ele também é gay... e ele já tinha se aceitado bem antes de mim assim sabe... e... quando eu senti essa necessidade... foi com a primeira pessoa com quem eu quis conversar sobre e falar o que eu estava sentindo e eu falei com ele... E comecei a me abrir mais sabe sobre isso (PROMETEU).

Falei primeiramente com uma amiga... uma amiga que ela também é homossexual e foi a que eu me identifiquei... ela não sabia que eu era até então... bom, não assim....descaradamente né... ela já imaginava, mas foi uma pessoa que eu senti confiança porque eu também imaginei que ela fosse, ela também não era assumida assim publicamente... ela já tinha seu relacionamento, mas eu me senti confortável porque eu percebi que ela também poderia ser, eu senti uma... segurança nela... [...] Foi por *WhatsApp* ela falou assim: “Nossa, tô muito feliz por você e tal...” Ela não chegou a dizer eu já imaginava... ela disse que estava muito feliz e que fosse o que o destino tivesse que me trazer... que eu fosse muito feliz com a minha decisão (EROS).

O fato de contar com pessoas que passaram ou passam por situações parecidas ajuda a elaborar os enfrentamentos da saída do “armário”, e, também, traz

conforto pela representatividade, e por sentir que não somos únicos, que existem outras pessoas que sentem e são como nós.

Portanto, “sair do armário”” consiste num processo de desconstrução do princípio heterossexual natural e essencialista; desta forma, não há categorias naturais, como já dito anteriormente, somos frutos de construções sociais. É importante, também, que questionemos o estereótipo de homossexualidade, afinal somos seres singulares e não há uma fórmula que determine a maneira que devemos nos expressar, e, ainda, é necessário conhecer a cultura LGBTQIA+, saber qual a história daqueles que vieram antes e que nos proporcionaram a oportunidade de escolha da saída do “armário”. Para reconhecer o avanço que o movimento LGBTQIA+ conquistou e, conseqüentemente, nos garantiu alguns direitos, dentre eles o casamento, a união estável, o nome social.

Para Miskolci (2009), a homossexualidade foi inventada, um segredo criado para controle da sociedade, assim, nessa perspectiva, são inseridos no “armário” aqueles que nutrem interesses por pessoas do mesmo sexo. Portanto, o “armário” não é uma escolha individual, muito menos, a decisão de sair dele depende de coragem ou capacidade individual. Existem várias determinantes que irá interferir nas políticas de saída do “armário”, dentre eles, a percepção se o ambiente é favorável, o apoio, a autoconsciência da sua orientação sexual, a desconstrução de um modelo hegemônico que determina e cria raízes dentro de nós sem que saibamos, e direciona nossos comportamentos.

Desta forma, em contextos heterossexistas, revelar-se pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessava por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhe legava uma sensação de ser único e viver o fardo de um desejo secreto, sem ter com quem compartilhar temores e sofrimentos.

Nesse sentido, “sair do armário” significa romper com a expectativa de que todas as identidades sexuais são heterossexuais. Para Magee e Miller (1994), passar anos preso dentro do “armário”, pode contribuir para que a pessoa sinta-se em desconexão com sua identidade LGBTQIA+, provocando desgastes emocionais.

Pensando nas questões psicológicas, ficar dentro do “armário” impacta na autoestima do indivíduo, tornando difícil identificar suas conquistas atuais com as

próprias habilidades. Consequentemente, “sair do armário” envolve a integração não só da identidade sexual de alguém, como também, de outros aspectos da personalidade e dos afetos dessa pessoa (MAGEE; MILLER, 1994).

As pessoas LGBTQIA+, no mundo heteronormativo, se deparam repetidas vezes, com situações nas quais precisam decidir sobre revelar ou não suas orientações sexuais, “sair do armário” acaba sendo um processo que, potencialmente, nunca acaba.

Portanto, simplesmente se declarar LGBTQIA+ não leva de modo irrefutável à integração. Cada experiência individual envolvendo “sair do armário” é única. “Sair do armário” para si mesmo é uma transição de uma subjetividade fechada, para um estágio de autoconsciência homossexual, descrito com frequência em memórias e autobiografias de pessoas LGBTQIA+ como uma experiência subjetiva de reconhecimento interior (DRESCHER, 1998).

Depois de “sair do armário” para si mesmo, o indivíduo em geral “sai do armário” para os outros, ou seja, contar a um amigo, a um membro da família, ao professor, a um líder religioso ou um colega de trabalho. A revelação para alguém de confiança nem sempre é recebida com entusiasmo, particularmente, em contextos nos quais a homossexualidade é compreendida como um tabu.

Nessa perspectiva, nos deparamos com a **quinta unidade de significado**, o processo de saída do “armário” para a família. Para isso, precisamos compreender o conceito de família nos dias atuais.

4.3 O “ARMÁRIO” E AS FAMÍLIAS

A família, enquanto instituição que sustenta a sociedade, composta por diversos arranjos é uma construção social (ZAMBRANO, 2006), sendo que esta sofreu diversas mudanças ao longo do tempo e não se pode pensar na existência de um único modelo de família.

Pensar no processo de “saída do armário” de homens gays para as suas famílias de origem, nos levam a considerar que, atualmente, lidamos com famílias no

plural, apesar da insistência ideológica de se fixar a família nuclear como único e válido modelo.

Desde o século XVI até os dias atuais, a noção de família vem sofrendo importantes modificações em sua forma e em sua estrutura, assim como nas funções de cada um de seus membros, de acordo com os estudos já referidos acima da família (ARIÈS, 1981; FOUCAULT, 2012).

Nesse sentido, a família pré-moderna define-se pelo sistema do patriarcado, no qual predomina o poder do pai sobre a família, bem como o poder do Estado sobre a sociedade. Neste contexto, era esperado que a mulher de classes abastadas se restringisse ao trabalho doméstico e à maternidade.

O pai era compreendido como o líder da família, portanto, a ele cabia o poder e a decisão de como conduzi-la; segundo Roudinesco (2003), a família deste período tinha como função principal transmitir o patrimônio, não levando em consideração a vida sexual e afetiva do casal.

No século XVIII, o âmbito público tornou-se coisa do Estado e o privado foi valorizado, ressaltando o sentido familiar, nesta última esfera. Diferenciaram-se os papéis sexuais, estabelecendo-se a oposição entre homem (público) e mulher (mundo privado). Assim, às mulheres das classes privilegiadas eram reservados os espaços privados, enquanto ao homem, o espaço público. Nesse sentido, a ocupação das mulheres limitava-se aos serviços domésticos, aos cuidados com a casa, e sua vocação era ser mãe e esposa, papel esperado pela Igreja e pela sociedade civil. Portanto, ela exercia o papel apenas de reprodutora, ocupando um lugar submisso e desqualificado, em que o masculino era superior e englobava o feminino.

Em decorrência da Revolução Francesa (1789–1799), a questão do patriarcado é questionada. O pai, ainda como líder da família, passa a exercer a função paterna (ROUDINESCO, 2003). Nesse momento, legitima-se a denominação de família nuclear. As famílias se tornam mais restrita, na qual os avós já não fazem mais parte desse contexto e não habitam no mesmo espaço. Neste período histórico-social, a família nuclear burguesa torna-se uma das estruturas de base da sociedade.

No século XVIII, a família apresenta um perfil mais fechado e adquire mais privacidade, restrita a pais e filhos, sendo separados dos criados. Ariès (2015) ressalta que a mudança da família medieval para a família moderna, por muito tempo se

restringiu aos nobres, aos burgueses e aos artesãos abastados. As famílias mais pobres, até o século XIX, viveram como as medievais e as crianças permaneciam vivendo longe da casa dos pais.

Poster (1979) destaca que a família moderna nasceu no seio da burguesia na Europa, em relevante contraste com a estrutura familiar anterior ao séc. XVIII. A família nuclear na classe média nasceu antes mesmo da industrialização, mas não existia no início para a classe proletária. Sendo assim, muitas famílias burguesas, com a perda do controle sobre sua propriedade, também tornaram-se mão de obra assalariada, da mesma forma que a classe trabalhadora.

Segundo Bruschini (1995), a família moderna se constituirá a partir de laços afetivos cada vez mais sólidos. Ela dá ao homem o *status* de chefe de família, colocando a função de ser pai num lugar privilegiado no contexto social. “O pai de família torna-se uma figura moral que inspira respeito a toda sociedade.” (BRUSCHINI, 1995, p. 52).

Outra característica da família burguesa é que esta se dá com a união da família pelo sentimento (ARIÈS, 2015). Esse modelo se desenvolveu junto ao sistema capitalista para servir aos interesses da classe burguesa. De acordo com Soares (2002), nesse modelo, as funções eram bem delimitadas, sendo o marido responsável por suprir as necessidades econômicas da família através do seu trabalho e a esposa com sua atenção voltada aos cuidados da casa e dos filhos, totalmente submissa ao marido.

É importante ressaltar, que no Brasil colonial tivemos vários tipos de configurações familiares, devido à diversidade étnico-cultural de origem indígena, africana e europeia. Por exemplo, se formam famílias chefiadas por mulheres, já que os homens adentravam os sertões do Brasil, para desbravá-los. Entretanto, em decorrência da colonização europeia e, posteriormente, do início da industrialização, no período da República, houve a exaltação da família nuclear e patriarcal.

De acordo com Soares (2002, p.77), a origem da identidade do brasileiro é bastante “diversificada em raças e, conseqüentemente, em costumes, não podendo ser descrita tomando-se por base a existência de um único tipo de arranjo familiar e muito menos de uma única fonte bibliográfica”.

No Brasil do período colonial, a sociedade se caracterizava por uma economia tipicamente rural, agrária, sendo a família demarcada pelo parentesco. Com a emergência da modernidade, a sociedade brasileira se caracterizará como urbana, tendo uma sociedade fundada em relações de classes e a família pautada nas relações de produção.

É possível dizer, que o modelo de família conjugal moderna do século XIX – que surge a partir da decadência do modelo patriarcal do século XVIII – é herdeira de um modelo de família de camadas sociais dominantes, tendo o homem, pai de família, a posse sobre todos os bens, ou seja, esposa, filhos e as riquezas de família.

A família conjugal moderna – a família burguesa – caracterizava-se por uma ênfase na dicotomia público/privado, relativa às atividades do homem e da mulher, distinguindo o trabalho produtivo – remunerado – do improdutivo – não remunerado, doméstico, invisível. Essa família intimista excluía a mulher da produção e reforçava-a no papel de esposa e mãe, centrado na esfera doméstica (SOARES, 2002).

Segundo Soares (2002), ocorreram mudanças significativas para a família “o pai passa a participar dos assuntos familiares, como problemas domésticos, questões educacionais e cerimoniais relacionadas aos filhos, antes direcionadas somente a mulher” (SOARES, 2002, p. 79).

Segundo Therborn (2006), o patriarcado é uma antiga e constante forma que tem duas dimensões básicas, a dominação do pai e a dominação do marido, o que corresponde a uma relação de geração e de gênero. Desta forma, em qualquer uma das duas dimensões, as mulheres continuam no papel de subordinação, seja como filhas ou como esposas, e o masculino se sobrepõe, mantendo a disparidade de poder entre os sexos.

Essa disparidade se mantém por muito tempo, com as mulheres obedientes a seus pais e maridos, e foi somente na década de 1960 que elas deram início a um processo de busca por seus direitos.

Na década de 1960, nos Estados Unidos, surge o movimento social feminista; ressaltamos que este teve início com um grupo de mulheres da classe média, brancas e heterossexuais que saiu das suas casas em busca da inserção no

mercado de trabalho, embora, nas camadas mais baixas, as mulheres já trabalhassem fora e o mesmo já ocorria com as mulheres negras (NICHOLSON, 2000).

A “primeira onda” do movimento feminista ou “sufragista”, ocorreu no fim do século XIX até meados do século XX, em todo o mundo, em particular em países como França, Reino Unido, Canadá, Países Baixos e Estados Unidos, e teve como principal objetivo a luta das mulheres pelo direito ao voto, direito de serem consideradas cidadãs, aptas a tomarem decisões, juntamente com os homens. Nesse sentido, teve relevância o questionamento sobre as mulheres possuírem a mesma moral que os homens, assunto bastante debatido durante essa “primeira onda” do movimento (NYE, 1995).

É importante ressaltar, que nas camadas sociais mais baixas, as mulheres já eram consideradas chefes de família, uma vez que, só o salário do marido era insuficiente para atender as necessidades do lar. Essas mulheres eram vistas com desprezo, sendo que o padrão de mulher da época definia que a mulher ideal deveria cuidar somente dos trabalhos domésticos e de seus filhos (SOARES, 2002).

A segunda onda tem seu início em meados dos anos 50 e se estende até meados dos anos 90 do século XX. Nessa época, foi iniciada uma série de estudos focados na condição da mulher, onde se começou a construir uma teoria-base, uma teoria raiz sobre a opressão feminina, ou seja, o feminismo radical, no qual se encontrava a luta pelo direito a sexualidade. O movimento teve seu ápice nas décadas de 60 e de 70, pois toda a movimentação feminista, daquela época, foi pautada na teoria radical que versa sobre a condição de exploração feminina e das funções de reprodução. A segunda onda se caracterizou por uma fase de luta por direitos reprodutivos e discussões acerca da sexualidade.

É neste período que os estudos começam a fazer distinção entre sexo e gênero, sendo que o sexo passa a ser entendido como uma característica biológica, e o gênero como uma construção social, um conjunto de características e de papéis imposto à pessoa de acordo com seu sexo biológico (FRANCHINI, 2017).

Segundo Franchini (2017, p.1):

A segunda onda tem seu início marcado por protestos contra os concursos de Miss Estados Unidos nos anos de 1968 e 1969. Vários

grupos bastante significativos, como o The Redstockings e o New York Radical Feminists, protestaram para demonstrar que os concursos de beleza tratavam as mulheres como objetos, perpetuando a noção de que a aparência tem mais valor do que o que a mulher pensa.

O movimento social lésbico aparece no mundo ocidental, inclusive no Brasil no final dos anos 1970. Esse movimento nasce em uma atmosfera de prosperidade econômica e de trocas políticas e sociais, que incluem o desenvolvimento da sociedade de consumo, a descolonização e várias perspectivas revolucionárias. Seu desenvolvimento está vinculado ao movimento feminista da “segunda onda” e, também, ao movimento gay (FALQUET, 2006).

Segundo Falquet (2006), há uma cisão entre o movimento lésbico e o movimento feminista, uma vez que, muitas lésbicas não se sentiram plenamente identificadas com o movimento feminista; apesar de lutarem juntas contra a opressão das mulheres, o direito da pílula anticoncepcional e o aborto, as lésbicas não sentiam que o movimento feminista tinha grande preocupação com suas reivindicações.

Já a terceira onda do feminismo teve início na década de 1990, como uma resposta às supostas falhas da segunda onda, e também como uma retaliação a iniciativas e movimentos criados pela segunda onda. Esta terceira onda teve sua origem no meio da década de 1980; líderes feministas com raízes na segunda onda, como Gloria Anzaldua, Bell Hooks, Cherrie Moraga, Audre Lorde, Maxine Hong Kingston, e diversas outras feministas negras, procuraram negociar um espaço dentro da esfera feminista para a consideração de subjetividades relacionadas à raça.

Em 1989, Kimberlé Creenshaw introduziu o conceito de *interseccionalidade* enquanto uma ferramenta para que mulheres atingidas por vários tipos diferentes de opressão (raça, classe, sexualidade) pudessem analisar sua condição. Lembra que foi no final da segunda onda que o feminismo identitário começou a se fortalecer? Pois agora as feministas de terceira onda continuariam a desenvolver a ideia inicial de Creenshaw — de forma a evitar universalizar o conceito de mulher e reconhecer as diferentes variedades de identidades e experiências de mulheres. Termos e conceitos como *sisterhood* (irmandade entre mulheres) agora eram evitados, quando não problematizados e desconstruídos, justamente porque agora eram considerados excludentes com a imensa variedade de mulheres que existe (para essas feministas, a ideia de união/unidade defendida pela segunda onda implicava necessariamente numa anulação das especificidades de cada grupo de mulher) (FRANCHINI, 2017, p. 1. Grifos da autora).

As mulheres negras e as mulheres lésbicas se organizaram em um movimento que cresceu e tomou uma grande proporção, uma vez que não se sentiam representadas pelo movimento feminista que a princípio era composto, primordialmente, por mulheres brancas e heterossexuais. Assim, não somente o direito de um grupo de mulheres específicas estaria assegurado, mas o da maioria.

É no seio da terceira onda que Judith Butler desenvolve, em sua tese de doutorado *Problemas de gênero* (1990), sua teoria de gênero enquanto performance/performatividade (que rompe o paradigma da divisão entre natural e social, sexo e gênero), lançando as sementes para a teoria *queer* que se desenvolveria mais profundamente ao longo da década de 90. É, também, nesse contexto, que Donna Haraway lança o *Manifesto Ciborgue*, que, com base no marco teórico do pós-estruturalismo, buscou embasar as distinções entre humanos, animais e máquinas — sociedade e sujeito, agência e estrutura, material e social, carne e mente.

É importante ressaltar, que as três gerações do feminismo, tanto em seus aspectos políticos, quanto nos teóricos-epistemológicos, não podem ser entendidas historicamente como lineares, já que as propostas presentes em cada momento coexistiram e estão presentes até nos dias atuais.

Muitos paradigmas se rompem com o surgimento dos movimentos sociais, gerando questionamentos acerca do futuro da família e da composição familiar, afinal a sociedade está num processo de transformação continua (BELLINI, 2002).

Em meio a tantas transformações, há, também, novas configurações familiares.

4.3.1 O “ARMÁRIO” E AS FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS

As famílias, ao longo da história, vão se transformando de acordo com a cultura e o momento histórico, portanto, as novas configurações familiares estão vinculadas a um debate acerca do que entendemos por família, hoje. Nesse sentido, fazem parte de uma construção histórica e social imbuída de valores e contradições presentes na sociedade de maneira geral.

Com o desenvolvimento da sociedade, a família foi se reconfigurando em novas composições, acarretando no surgimento de diferentes tipos de famílias, além do modelo tradicional socialmente aceito e tido como modelo ideal. O conceito de família não é um conceito natural e imutável, ao contrário é uma construção social. Desta forma, a consolidação do pensamento sobre família faz parte de influências de processos históricos que se modificam, de acordo com a necessidade do contexto no qual se estabelecem.

As transformações existentes na família apresentam uma diversidade enquanto formação, número de membros, organização, renda, o que confirma a plasticidade e pluralidade na organização dos grupos domésticos (SARTI, 2011). Há uma pluralidade de famílias: monoparental, reconstituída, extensas, unifamiliares, união estável ou informal, homoafetiva, paralelas, poliafetiva, parental, anaparental, substituta, entre outras.

Atualmente, há um debate em relação ao conceito de família, nesse sentido é importante salientar que recasamentos e famílias monoparentais sempre existiram, mas, por questões morais ou culturais, eles não eram evidenciados, o divórcio não era tolerado, sendo um dos motivos que levavam muitos casais a evitarem o casamento legal (FONSECA, 1997).

Em alguns casos, o homem abandonava a casa e deixava o sustento do lar para a mulher, que ficava em desvantagem, já que não recebia salários compatíveis com o sexo masculino. Existiam, também, famílias em que a mulher sustentava a casa, juntamente com as crianças. A família monoparental teve seu reconhecimento e proteção jurídica, somente em 1988, no artigo 226, que assim definia: “entende-se, também, como entidade familiar, a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRAUNER, 2006, p. 303).

De tal maneira, a família monoparental é constituída, na maior parte das vezes, por mulheres, salvo casos de adoção em que um homem resolve adotar uma criança, pois, na grande maioria dos casos de separação judicial, os juízes são favoráveis a que os filhos permaneçam com suas mães.

Dentre a família monoparental, há a família de mães solteiras, definida por Marin e Piccini (2009) como aquela constituída de uma mulher não casada, que desde o início da gestação assumiu a responsabilidade de ter um filho sem a presença do pai biológico ou de alguém que o substituísse.

Já os recasamentos eram extremamente comuns no século XVII. Com o alto índice de mortalidade em virtude da falta de higiene e do atraso da Medicina, muitas mães e pais acabavam morrendo, fazendo com que a(o) viúva(o) buscasse outra pessoa para formar uma família. Então, essas (ex) viúvas(os) levavam os filhos e as filhas dos casamentos anteriores e constituíam nova união conjugal, muitas vezes com a presença de primos(as) e outros parentes, pois, a noção da família nuclear ainda não havia sido criada (FONSECA, 2006).

Nesse sentido, as novas constituições familiares sempre existiram, como é o caso de famílias gays e lésbicas, de acordo com Lombado e Wagner (2009). Dados históricos comprovam que na Grécia Antiga as relações entre homens eram consideradas de maior valia do que as relações entre homens e mulheres, pois as mulheres não possuíam nenhum poder e equivaliam aos escravos. Normalmente, essas relações ocorriam entre mestres e pupilos, sendo os mestres homens mais velhos e experientes.

Entendemos como união homoafetiva, quando uma pessoa gosta e sente atração por outra do mesmo sexo e, por estes laços se une uma com a outra. Dias (2009) afirma que as famílias homossexuais existem desde os primeiros séculos, porém, a partir do momento em que a Igreja sacralizou o conceito de família, conferindo-lhe uma finalidade de reprodução, as relações homossexuais se tornaram alvo do preconceito e do repúdio social. Nesse sentido, aspectos discriminatórios contribuíram para que muitas famílias fossem invisíveis aos olhos sociais por muitos anos.

É importante ressaltar, que há um processo de tentativa de normatização da família, há um processo hegemônico que busca instituir um exemplo a ser seguido e tudo que foge dele é considerado desviante, logo, à margem da “normalidade”. Na sociedade, as instituições sociais produzem e reproduzem discursos e todo discurso tem uma história. Aquilo que se aprende é ensinado e construído pelas instituições e a família, como uma delas, é responsável por disseminar tais discursos. Pode-se identificar em Foucault que todo saber é poder e a verdade depende do poder contido nesse saber. (FOUCAULT, 2004).

Assim, é importante perceber e identificar quais os discursos que estão sendo construídos em torno de novas configurações familiares, podem ser reconstruídos, e vão alimentando novas formas de se pensar a família.

A família, de fato, tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução social e das relações sociais. Ela é o sujeito principal das estratégias de reprodução (BOURDIEU, 1930). As novas configurações familiares podem transcender o pensamento hegemônico e podem vir a ser uma forma de superar a instituição tradicional. Por outro lado, podem refletir valores morais pré-estabelecidos, aceitando o argumento de que se consolidam enquanto famílias “desestruturadas”, por estarem fora do modelo ideal.

É importante ressaltar, que conforme Sarti (2011, p.86), a família não se define enquanto instituição, mas sim como “um tipo de relação, na qual as obrigações morais são a base fundamental” tornando-se uma referência simbólica fundamental, através da linguagem.

Assim, quando nos debruçamos sobre o estudo das famílias, passamos a também compreender o “papel” das pessoas nas relações. Atualmente, não podemos mais empregar o termo família como um modelo pronto e acabado, a família é um processo de construção e transformação, portanto não existem mais papéis e lugares fixos.

Contudo revelar para a família sua orientação sexual, seja qual for a sua configuração, não é um processo fácil; exige, primeiramente, que a pessoa saia do “armário” para si própria, para depois revelar a sua orientação sexual para a família. Como podemos observar no relato de Baco:

Meu primeiro namoro foi aos 18... 19 anos... Contar para a família foi tranquilo porque, eu tenho um irmão do meio que também é gay e minha mãe tava num relacionamento lésbico também, ela ainda tá né... o primeiro dela... eu contei primeiro para a namorada dela... e ela perguntou: “Você quer que eu conto pra sua mãe?” Eu falei: “Conta...” porque eu já tava namorando né... aí ela contou pra minha mãe, aí a minha mãe... foi aonde eu tava na sala me abraçou e falou que me ama do jeito que eu sou. [...] Eu tive o privilégio de não sofrer homofobia dentro de casa (BACO).

Nesse trecho, Baco relata que foi tranquilo falar para a mãe sobre a sua sexualidade, entretanto, ele conta primeiro para a namorada da mãe e pede para ela revelar, é importante lembrar que dentre os participantes, Baco foi o primeiro a perceber sua sexualidade, e, ainda sim, só revelou para sua família aos 18, 19 anos, de acordo com seu relato; em outro momento da entrevista ele fala que tinha

dificuldade de aceitar a sexualidade da mãe, o que talvez possa ter contribuído para ele não revelar a sua própria sexualidade mais cedo.

É importante ressaltar, ainda que para algumas pessoas heterossexuais a experiência de “sair do armário” de pessoas LGBTQIA+ é vista como uma quebra de tabu social, entendendo o anúncio como um comentário sobre a vida social dessas pessoas. O processo de “sair do armário”, muitas vezes é encarado como um ritual público de passagem, que diz tanto sobre a vida sexual de uma pessoa LGBTQIA+ quanto as cerimônias de casamento revelam sobre a vida sexual dos casais heterossexuais. É uma espécie de tentativa de reivindicar uma identidade normativa, “sair do armário” é uma forma de explicar aos outros que a vida pública da pessoa irá se desenrolar de modo diferente dos amigos e familiares heterossexuais.

[...] pra minha mãe foi um drama... sabe [...] eu tava num período muito difícil... eu tava muito chato dentro de casa... eu tava com muita dificuldade de viver mesmo sabe [...] a gente tem uma relação muito madura entre eu e ela e eu tava percebendo que tava indo pra um lado esquisito... ai eu precisava contar [...] eu vivia saindo e não falava pra onde ia... eu tava, sei lá, cansei de mentir num certo ponto... ai eu chamei ela pra conversar [...] a resposta que eu tive dela foi muito ... até que tranquila sabe... falou que pra mim que tava tudo bem que não era muito bem o que ela esperava, mas que ela tava comigo com tudo que acontecesse, que ela não tinha que esperar nada mesmo e foi sabe... minha mãe me surpreendeu muito [...] com [...] os meus irmãos mais novos: “Nossa”, tipo, “Bacana” não mudou nada sabe... foi literalmente essa reação e... eu tenho uma irmã mais nova que a gente... eu sou padrinho dela e eu sou muito presente na vida dela... e eu não comentei com ela.. não falei... não verbalizei... ai só um dia ela falou pra mim: “Avisa o Osiris que eu quero um sobrinho”, então não precisou... só aconteceu... ela é de uma geraçãozinha... tem 12... 13 anos agora... então é de uma geraçãozinha bem diferente da minha já... (PROMETEU).

Para a pessoa LGBTQIA+ a aprovação da família, de uma forma geral, é muito importante, e, ainda, fortalece a autoestima; Prometeu evidencia o sofrimento de revelar para a família sua sexualidade, contudo, espera-se que a pessoa LGBTQIA+ sempre esteja preparado para compreender e aceitar a reação do outro diante de quem ele é, portanto, mesmo que a reação da mãe não seja a mais acolhedora, ele precisa compreender que foi positiva já que ela é religiosa, e que sua mãe está num processo de desconstrução, mas que é comum por se tratar do desconhecido, e leva algum tempo para reorganizar os pensamentos, as perspectivas. Já os seus irmãos o acolhem e a orientação sexual de Prometeu não interfere na relação com deles. Prometeu ainda relata como foi a experiência com seu pai:

[...] Para o meu pai nem tanto... eu já tava com o Osiris que é meu namorado atual... e... ele percebeu uma movimentação estranha né... porque eu nunca tinha levado uma pessoa pra participar dentro de casa... ele começou perceber assim, que o Osiris tava mais junto, sempre... e meu pai decidiu entrar no meu facebook na época e viu e quis me chamar pra conversar... eu nem sei... meu pai tá com depressão... não foi causada por essa questão, mas[...] ele falou tipo coisas bem pesadas... falou que ia cometer suicídio... e tava colocando a culpa em mim... de certa maneira... pedi na época pra eu viver minha sexualidade, mais escondido... sabe... sem postar foto.. sem ser o que eu sou... mas, eu literalmente ignorei... e ... hoje é de boa... hoje convive com a gente super bem... quando a gente vai na chácara ele conversa comigo... conversa com o Osiris super normal... brinca... e... tudo bem... mas meu pai não anda bem sabe... da cabeça... eu não julgo... mesmo julgando...mas eu não levei muito em consideração porque eu e meu pai temos uma relação um pouco assim afastada sabe... meio fria.

Neste relato, ainda que Prometeu diga que está tudo bem, é muito difícil para um indivíduo LGBTQIA+ se sentir responsável pela saúde mental do pai, portanto, além de lidar com os enfrentamentos que a sexualidade lhe apresenta, ele precisou compreender que o pai atribuiu a depressão a essa situação, mas que de fato não foi este o processo que desencadeou a depressão. Em todo momento, a sociedade cobra da pessoa LGBTQIA+ uma postura de docilização, de empatia com o tempo do outro, e se esquece das feridas que estas situações causam em nossas vidas. Por que em algum momento eu tenho que explicar quem eu sou e qual minha orientação e compreender que o outro me julgue, me condene ou me aprove?

Ainda que não haja violência, a pessoa LGBTQIA+ tem de esperar, avaliar esta situação como sendo positiva, mas quem olha para o que ela está sentindo? Dentre a família, quem considera a sua dor? Quem se coloca em seu lugar? São questões que precisamos pensar.

Toda situação em que a pessoa LGBTQIA+ “sai do armário” pode ser associada com ansiedade, alívio, ou ambos, ou outros sentimentos. O processo pode ainda ser complicado devido a medos de rejeição. Tais medos, frequentemente, desempenham um papel significativo na decisão da pessoa LGBTQIA+ sobre para quem ela deve ou não contar sobre sua orientação sexual. Em alguns casos, a relutância em “sair do armário” reflete uma avaliação precisa das reações de crítica ou rejeição advindas de amigos ou membros da família. Em outras palavras, se esta

avaliação for imprecisa, oportunidades de aproximação acabam sendo perdidas. Hórus assim se refere sobre este aspecto:

Falar para a família foi péssimo, bom eu como te falei, sempre fiquei preocupado quando era o momento que eu ia começar a gostar de meninas, pra corresponder aí uma expectativa familiar e social e passei a minha infância inteira nisso, tentando me masturbar pensando em meninas, tentando ver vídeos de meninas, tentando ficar com meninas, mas não tinha sentimento, no final das contas eu acabei namorando uma menina por quatro meses e assim eu comecei o namoro pensando: “Quando é que eu ia terminar?” (HÓRUS).

Hórus fala sobre o sofrimento do LGBTQIA+ em tentar se ajustar nas expectativas e o reflexo delas em seu dia a dia; buscamos construir desejos e afetos enquadrados na heteronormatividade para sermos aceitos pela nossa família e, conseqüentemente, para nos sentirmos bem conosco. Ele ainda continua relatando o processo de revelação para a sua família:

[...] minha irmã mexeu no meu celular e viu uma mensagem do meu namorado, e aí a minha mãe brigou com ela, falou que ela tava mentindo, que ela estava escondendo as coisas, “Onde já se viu isso!” e tudo mais... e aí a minha irmã falou assim... “Ah, você acha que o Hórus é santo, que é tudo certinho, ele tá ficando com homem...” e aí foi o momento da revelação... eu tinha certeza de que a minha mãe já sabia, sabe aquela coisa assim... a mãe sabe, só tá esperando a gente falar... pra mim era isso que tava acontecendo ali e minha irmã foi lá e me caguetou... falou desse meu relacionamento, só que a minha mãe não sabia, não desconfiava, sei lá o que que ela arrumava da vida e meu pai muito menos e aí foi assim, a noite, a pior noite que eu tive da minha vida, porque eu cheguei da faculdade, tarde, quase meia noite, minha mãe me arrancou do quarto, me botou no quarto dela, em frente do meu pai e começou a fazer um monte de questionamentos e ela chorando pra caralho e meio que gritando comigo e perguntando o porquê disso e... assim meu pai até hoje acha que isso é sem vergonhisse, de que é uma escolha, de que eu posso optar, mas hoje não implica, não fala assim... aceita né, ou suporta, ou tolera... não sei, mas não fica de implicância, mas ele sempre falou isso... “Isso é sem vergonhisse”, que não sei o que, e a minha mãe a mesma coisa, a minha mãe faleceu recentemente né, não sei se você sabe, e mesmo assim com esses anos de ter assim... me aberto, me exposto, mesmo assim, ainda tinha na fala dela algumas falas de preconceito que é muito daquilo que ela aprendeu quando criança e permaneceu... (HÓRUS).

Mesmo com a intimidade que Hórus tinha com mãe, revelar a sexualidade para os pais nunca é algo fácil, e precisamos compreender que cada pessoa LGBTQIA+ tem de perceber por si só o momento que sente-se confortável para “sair

do armário”, afinal ela terá de lidar, na maioria das vezes, com o desconhecido, que nem sempre será agradável. Hórus, numa conversa após a entrevista, revela ainda que sentia muito ter perdido sua mãe e sentia muito por ela ainda ter preconceito quanto a sua sexualidade. Disse que se a irmã não tivesse revelado a seus pais, muito provavelmente, ele não revelaria, não teria coragem de contar.

Hermes relata o seu processo de “saída do armário”, para sua família:

[...] a primeira vez que tipo assim eu decidi falar... minha mãe até sabia já... quem veio a primeira vez perguntar foi minha mãe... muitas vezes ela vinha me perguntado e perguntando, eu falava “não... não... não...” aí na véspera, uma semana antes do meu aniversário de 18 anos ela me parou e falou: “Hermes se eu descobrir que você é gay... pode ter certeza, pela boca de outra pessoa que eu não falo mais com você...” Eu fiquei muito apreensivo com isso né... Aí pensei será que falo... será que não falo... aí eu falei né... ela falo assim: “Então... foi bom ter ouvido de você, mas foi tipo como um choque pra mim... mas já que é o que você gosta fazer o que, né? Não era o que eu queria pra você.” Tipo assim, ela ficou sentida, mas ela não chegou a fazer pouco caso de mim diretamente... lógico que ela não gosta, mas... ela aceita... ela é até assim de boa com essa questão... Ela não aceita... tipo assim... que... eu.... leve alguém pra dentro de casa, mesmo que não seja namorado ou qualquer outra pessoa... tipo sem... que ela não conhece...

Hermes demonstra como a família pode pressionar a pessoa LGBTQIA+ a “sair do armário”, quando ele fala da mãe demonstra nervosismo, seus olhos enchem de lágrimas; ele namora Hórus, e eles foram entrevistados em momentos distintos. A mãe de Hermes faz algumas tentativas de aceitar o filho, mas não percebe que ao pressionar o magoa, pelo menos na entrevista foi esta impressão que ele passou, ele é um rapaz muito tímido, muitas vezes desviava seu olhar ao falar de sua mãe. Ela, por sua vez, deixa claro sua autoridade, através do relato de Hermes. Para o seu pai ele não conseguiu revelar, o pai de Hermes faleceu antes, mas ele acredita que seu pai não teria uma boa reação, devido a não aceitação do seu irmão:

Eu tenho um irmão por parte de pai ele é mais velho do que eu... mas, no passado... ele meio que... tipo ele se vendia pra sair com homens... vamos dizer assim... então, tipo assim eu ficava com receio disso porque meu pai... tipo assim, meu pai é morto... mas antigamente meu pai era muito preconceituoso né... Meu pai não soube da minha sexualidade antes de morrer, se ele soubesse ele tinha me posto pra fora de casa... até porque ele não curtia muito a ideia do meu irmão fazer essas coisas mesmo (HERMES).

O “sair do armário”, nessa perspectiva refere-se a um dispositivo da sexualidade gerida pelo biopoder, poder esse que, por meio de seus mecanismos, influência nas formas de como lidar com o armário. Para Foucault (2012), o conceito de biopoder serve para trazer à tona um campo composto por tentativas mais ou menos racionalizadas de intervir sobre as características vitais da existência humana. As características vitais dos seres humanos, seres vivos que nascem, crescem, habitam um corpo que é docilizado e treinado a responder as expectativas da hegemonia, e, por fim, adoecem e morrem. Portanto, quando a pessoa LGBTQIA+ é levada a “sair do armário”, para de alguma forma responder a expectativa do outro, ela se permite ter seu corpo docilizado.

É de suma importância para toda pessoa LGBTQIA+ respeitar seu próprio tempo, respeitar a seu amadurecimento e o momento em que considera pronto para “sair do armário”, não devemos ceder as necessidades do outro, afinal quem poderá lidar com as consequências de “sair do armário” que não o LGBTQIA+?

Drescher (2014) relata que antropólogos e cientistas sociais descreveram o fenômeno de “sair do armário” como um ritual de passagem que requer que uma pessoa LGBTQIA+: 1) desaprenda os princípios da heterossexualidade natural ou essencialista; 2) desaprenda os estereótipos de homossexualidade; e 3) aprenda sobre a cultura LGBTQIA+ na qual está adentrando. “Sair do armário” significa romper com a expectativa de que todas as identidades sexuais são heterossexuais.

Nesse sentido, como há impacto psicológico em “sair do armário”, o seu oposto ficar “dentro do armário”, também têm impacto na autoestima do indivíduo. Consequentemente, “sair do armário” envolve a integração não só da identidade sexual de alguém, como também de outros aspectos da personalidade e dos afetos dessa pessoa. Quiron relata este processo, ao contar para sua família:

[...] um dia eu estava no meu quarto, eu tinha acabado de sair do banho e aí minha mãe entrou no meu quarto e falou: “Você é gay?” E como eu estava numa fase muito rebelde, [...] eu falei: “Sou”. Ela saiu do quarto, daí 5 minutos ela volta, [risos], aí o negócio ficou feio, pensa que eu acho que a família inteira descobriu naquele dia que eu era gay, porque morávamos toda a família no mesmo condomínio e... e... ela gritou e ela gritou muito e alto, querendo ou não todo mundo ouvia, porque dava para escutar, então eu acho que foi mais ou menos por isso, mas todo mundo fingiu demência, [...] eu lembro que na época ela me tirou do trabalho, ela começou a racionar tudo, eu não podia sair minha vida começou a ficar um pouco controlada demais. [...] eu vivia sempre vigiado. [...] depois de seis anos que ela já sabia que eu

era gay, a minha irmã sentou com a minha mãe e falou pra ela... falou: “Ó, é o seguinte, tô saindo de casa, vai ficar só você e o Quiron, você tem que conversar com ele... você tem que entender o mundo dele, senão você vai perder o seu filho” [...] a gente tava indo ver as flores, da decoração da igreja, do casamento da minha irmã, ela parou o carro no meio da rua virou pra mim e falou assim... “A mamãe não entende, a mamãe quer entender, a mamãe te ama, e a mamãe quer fazer parte do seu mundo” e acabou o assunto, ela continuou dirigindo e ok, eu entendi o recado... sabe assim tipo ó... tô aberta a descobrir quem você é.

Na vivência de Quiron percebemos o sofrimento de não ser aceito, de passar por uma série de privações, inclusive de liberdade, de ter seus direitos suprimidos, devido a sua sexualidade; sua mãe, numa tentativa de mudar sua sexualidade, passa a controlar sua vida, mas a orientação sexual não é uma escolha, é uma construção, portanto, não temos poder sobre sua transformação. Levou 6 anos para Quiron ouvir de sua mãe que ela queria tentar conhecer o seu mundo, demonstrando a longa espera de ser minimamente aceito em seu lar.

Quiron continua relatando seu processo de revelação, com muita emoção:

[...] o meu avô é [...] pensa num homem bravo... eu lembro que eu fui no escritório dele, ele me chamou na sala dele, olhou pra mim e falou assim... “Senta aí”, aí eu falei, ai, fudeu né... sentei, aí ele começou... “Ó sua irmã tá casando, vai sair de casa, é um passo importante pra vida dela, mas isso é a ordem natural das coisas...” aí começou “...porque o seu tio vai arrumar uma mulher pra ele e vai casar com ela, sua tia vai arrumar um homem decente pra ela e vai casar com ele, você vai arrumar sua pessoa e vai casar com ela e vai ser feliz”, ali eu entendi que eu nunca precisei falar nada pra ele e que o mesmo respeito que eu tinha por ele, ele tinha por mim, independente de qualquer coisa, porque ele não desenhou o sexo, tipo assim, ele deixou neutro, a sua pessoa... [nesse momento ele se emociona e chora] perdão, mas é porque ele é muito meu exemplo, ele é muito meu exemplo, então é uma pessoa que eu sempre admirei muito e que falar aquilo pra mim foi ...uau, sabe tipo assim, vai ser feliz, sabe...e ali eu passei a entender que eu tava tranquilo, que eu não precisava falar mais nada pra ninguém, que já tava tudo certo, aí mais pra frente só que eu fui contar pros meus primos, porque eles eram mais novos, [...] a gente tava tomando uma e eles sentaram comigo e me perguntaram e nisso eu comecei a chorar porque eu fiquei com muito medo deles se afastarem de mim, por serem ainda querendo ou não, molecotes e tal, cara foi uma reação assim sensacional, deles virem me abraçar e me encherem de beijos e foi isso assim (QUIRON).

É difícil não sentir a emoção de Quiron quando ele fala do cuidado que seu avô teve com ele, respeitou o tempo dele; já seu avô fala do futuro, do relacionamento sem atribuir um gênero para a pessoa que constituiria a família de Quiron, penso que o processo de aceitação real se faz presente nesta fala, não enaltece nem desmerece,

apenas consente, sendo um processo respeitoso. Naquele momento, era tudo que ele precisava, nessa perspectiva, muitas vezes o indivíduo LGBTQIA+ não precisa de incentivo, ao mesmo tempo que ele não precisa do julgamento, só precisa que reconheçam seus direitos, de ser e existir, como qualquer pessoa. Chronos, por sua vez, nos conta que:

Quando eu contei para os meus pais, foi assim, eu cheguei em casa, tava os dois sentados e tal, e aí eles começou a falar do nada: “Quando você vai arrumar uma namorada?” Eu falei assim: “Não vou arrumar uma namorada, eu vou arrumar um namorado, eu não quero namorar uma mulher, eu tenho meu lado assim... que... eu gosto de mulher mas, eu acho que eu não vou arrumar uma namorada, eu acho que vai ser mais fácil eu arrumar um namorado”, aí todo mundo arregalou as batatas do olho, e aí ficou aquele clima, ninguém falou nada... aí depois foi voltando a conversar normal, eu acho que eles passou o pano por cima e fingiu que aconteceu nada... Eu tinha 17 quase 18 anos, me sentia invisível, como se eu não pudesse existir (CHRONOS).

Nessa perspectiva, Chronos revela sua sexualidade, mas não vivencia a negação e nem a aceitação da família, pois, quando ele revela sua sexualidade, a família não reage de maneira negativa, porém não reage de maneira positiva, já que não conversam sobre o assunto. Após a entrevista, ele revela que não sabe se teria coragem de apresentar um namorado para os seus pais, já que não é claro para ele como é essa questão da sua sexualidade, portanto, a impressão que temos é que Chronos “saiu do armário” ao mesmo tempo em que seus pais entraram, dificultando, assim, um diálogo aberto e livre sobre as questões que constituem Chronos.

Algumas pessoas LGBTQIA+ são privilegiadas por serem aceitas por suas famílias pelo que são e não serem julgadas como desviantes da heteronormalidade. Há, também, a possibilidade de que a pessoa LGBTQIA+ demonstre uma insegurança, por desconhecer o mundo “fora do armário”, como nos relata Eros:

Eu contei para meus pais há 4 anos, assim que eu conheci meu namorado... que na verdade eu conheci ele e ele chegou pra mim e disse que não dava pra manter um relacionamento com ele se eu não fosse assumido que ele já era do meio e que todo mundo conhecia e eu andando com ele todo mundo ia saber... aí depois de quase um mês né que eu tava conhecendo ele eu resolvi contar para os meus pais... cheguei... chamei e sentei com eles e expliquei toda a situação.. pra eles foi bem simples... meu pai foi muito tranquilo... ele ficou preocupado porque na época eu queria comprar um apartamento... eu estava atrás já... ele ficou com medo de estar comprando o apartamento para sair de casa... a minha mãe ela é um pouquinho mais firme... ela só perguntou desde quando... aí eu falei “Ó... desde

quando eu me entendo por gente... lá pelos meus 12 anos...” mas fora isso foi muito tranquilo... foi assim mais tenso do meu lado... que eu me sentia estranho, que eu fugia deles... foi mais um bloqueio meu mesmo (EROS).

Dentre os vários processos de “saída do armário”, os participantes foram demonstrando a importância que a religião teve em suas vidas, ainda que não houvesse no roteiro de entrevista, nenhuma pergunta diretamente associada à esta questão, muitos falaram como sendo um dos “armários” a ser enfrentados, constituindo-se, então, na **sexta unidade de significado**: Sexualidade e Religião.

4.4 SEXUALIDADE E RELIGIÃO

A religiosidade é de significativa importância para alguns seres humanos, sendo assim, se faz necessário compreender as noções de sexualidade do ponto de vista religioso, bem como, seu contexto histórico e social.

Podemos relatar que nas sociedades modernas ocidentais, as religiões cristãs produziram e produzem a grande maioria dos discursos sobre o sexo e as sexualidades, além de possuírem diversos argumentos no plano moral e religioso que legitimam a relação heterossexual monogâmica como sendo o único tipo de relação aceita, em contrapartida condenam todas as outras. Destacamos que a monogamia surge, segundo Engels (1984), a partir da consolidação da propriedade privada, sendo este “regime de comunhão”, exigido somente da mulher, já que esta teria o controle sobre a paternidade do filho. Há uma preocupação inicial de ordem econômica, então, com a herança dos bens acumulados.

Segundo Foucault (1988), com surgimento da era moderna e o desenvolvimento do capitalismo, as sexualidades passaram a ser controladas e reprimidas por uma série de dispositivos de poder: a psicologia, a psiquiatria, a pedagogia, o direito e as religiões cristãs. Sendo assim, as sexualidades passaram a

ser banidas para a vida privada, ao mesmo tempo em que eram guiadas por rígidas normas de conduta. Assim, no contexto do século XVII e o com início das repressões burguesas, Foucault (1988) relata que:

A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. No espaço social, como no coração de cada moradia, um único lugar de sexualidade reconhecida, mas utilitário e fecundo: o quarto dos pais. Ao que sobra só resta encobrir-se; o decoro das atitudes esconde os corpos, a decência das palavras limpa os discursos. E se o estéril insiste, e se mostra demasiadamente, vira anormal: receberá este status e deverá pagar as sanções (FOUCAULT, 1988, p, 9).

Desta forma, tanto o sexo como a sexualidade foram banidos para a vida privada, não sendo permitido inclusive falar sobre eles, gerando, assim, a proibição desses assuntos para as crianças, e o sexo, por sua vez, fora colocado no lugar de procriação e tudo que fugia deste padrão, era compreendido como anomalia, portanto, indesejável (FOUCAULT, 1998). Assim, essa forma de perceber a sexualidade atravessa o tempo e se insere no mecanismo de controle, regulação dos corpos e dos desejos sexuais. Resultando na patologização e normalização de algumas práticas sexuais, se tornando sinônimos de pecado, como é o caso da homossexualidade, conforme já referido (FOUCAULT, 1988).

Poder-se-iam citar outros focos que, a partir do século XVIII ou do século XIX, entraram em atividade para suscitar os discursos sobre o sexo. Inicialmente, a medicina, por intermédio das "doenças dos nervos"; em seguida, a psiquiatria, quando começa a procurar — do lado da "extravagância", depois do onanismo, mais tarde da insatisfação e das "fraudes contra a procriação", a etiologia das doenças mentais e, sobretudo, quando anexa ao seu domínio exclusivo, o conjunto das perversões sexuais; também a justiça penal, que por muito tempo ocupou-se da sexualidade, sobretudo sob a forma de crimes "crapulosos" e antinaturais, mas que, aproximadamente na metade do século XIX se abriu à jurisdição miúda dos pequenos atentados, dos ultrajes de pouca monta, das perversões sem importância, enfim, todos esses controles sociais que se desenvolveram no final do século passado e filtram a sexualidade dos casais, dos pais e dos filhos, dos adolescentes perigosos e em perigo — tratando de proteger, separar e prevenir, assinalando perigos em toda parte, despertando as atenções, solicitando diagnósticos, acumulando relatórios, organizando terapêuticas; em torno do sexo eles irradiaram os discursos, intensificando a consciência de um

perigo incessante que constitui, por sua vez, incitação a se falar dele (FOUCAULT, 1988, p. 32. Grifos do autor)

Dessa forma, Foucault (1988) relata que os que não se adequassem aos padrões normativos, socialmente impostos acerca da sexualidade que a hegemonia considera aceitável, estariam sujeitos a repressões e sansões.

Isso seria próprio da repressão e é o que a distingue das interdições mantidas pela simples lei penal: a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber. Assim marcharia, com sua lógica capenga, a hipocrisia de nossas sociedades burguesas. Porém, forçada a algumas concessões. Se for mesmo preciso dar lugar às sexualidades ilegítimas, que vão incomodar noutra lugar: que incomodem lá onde possam ser reinscritas, senão nos circuitos da produção, pelo menos nos do lucro (FOUCAULT, 1988, p. 10).

As instituições (Igreja, família, escola) que detinham o domínio do plano discursivo, se apropriaram de argumentos para utilizar do dispositivo de controle, no sentido de vigiar e conduzir as falas sobre o sexo, determinando, inclusive, quem, onde e como falar.

Segundo Foucault (1988), foi a Pastoral Católica Cristã, a partir do Concílio de Trento 46 (1545-1563), que representou a expansão da Reforma Protestante durante o século XVI; convocado pelo Papa Paulo III (1534-1549), o Concílio buscava reformular a disciplina eclesiástica e reafirmar dogmas da doutrina católica que haviam sido contestados pelos protestantes, além do resgate da fé, instituindo o manual do sacramento e da confissão, no qual apresentava prescrições em torno das posturas que um verdadeiro cristão deveria seguir.

Entre as prescrições, tinham a de não se masturbar e não fazer sexo com outros homens, e o não cumprimento dessas regras implicava no pecado que deveria ser confessado a um sacerdote encarregado de sentenciar as penitências. E, ainda, no que diz respeito ao sexo, o fiel deveria confessar com riquezas de detalhes suas falhas e possíveis pecados provenientes do ato.

O sexo, segundo a nova Pastoral, não deve mais ser mencionado sem prudência; mas seus aspectos, suas correlações, seus efeitos devem ser seguidos até as mais finas ramificações: uma sombra num devaneio, uma imagem expulsa com demasiada lentidão, uma

cumplicidade mal afastada entre a mecânica do corpo e a complacência do espírito: tudo deve ser dito. Uma dupla evolução tende a fazer da carne, a origem de todos os pecados e a deslocar o momento mais importante do ato em si para a inquietação do desejo, tão difícil de perceber e formular; pois que é um mal que atinge todo o homem e sob as mais secretas formas [...]. Examinai, ainda, todos os vossos pensamentos, todas as vossas palavras e todas as vossas ações. Examinai, mesmo, até os vossos sonhos para saber se, acordados, não lhes teríeis dado o vosso consentimento (FOUCAULT, 1988, p. 22).

Nessa perspectiva, o cristão produziu discursos sobre o sexo estritamente pautados em valores confessionais, utilizados como primeiras técnicas para a produção de verdades associadas à penitência (FOUCAULT, 1988). Assim, toda e qualquer conduta sexual, de acordo com os princípios cristãos, não deveria romper o código moral singular nas escrituras e o fiel seria condenado por Deus. Embora o arrependimento do pecado implicasse num acordo com Deus, evitando a todo custo voltar a cometer os mesmos pecados.

Nesse interim, nos deparamos com as bases da construção do preconceito na perspectiva religiosa, sendo que a visão de mundo, pelo prisma cristão, prevaleceu durante os séculos, e a influência da Igreja na vida da maioria das pessoas era e é inevitável.

Assim, podemos afirmar que o cristianismo é a filosofia de vida que mais influenciou a sociedade ocidental. O cristianismo, no Brasil, se difundiu mais fortemente através de três vertentes: católicos, denominações evangélicas e espíritas (kardecistas) que, embora espiritualistas, fundamentam-se em pressupostos da liturgia cristã (DUARTE, 2017).

Em relação à sexualidade, a Bíblia se destaca por fazer diversas inferências, sendo que essas vão desde o primeiro capítulo “Gênese”, do Antigo Testamento, até o último capítulo “Apocalipse”, do Novo Testamento. As orientações sexuais abrangem uma gama de temáticas que envolvem assuntos como sexo e casamento, poligamia, incesto, sedução, violência sexual de homens e mulheres, adultério, masturbação, prostituição, zoofilia, travestilidade, homossexualidade, coito interrompido, poluções noturnas, doenças sexualmente transmissíveis, nudez, circuncisão, afrodisíacos, virgindade, bem como contos e poemas de amor.

De acordo com Duarte (2017), cada religião cristã interpreta essas passagens de acordo com seus dogmas, às vezes de forma literal, outras de forma simbólica.

Nesse sentido, cabe apresentar algumas vertentes sem o devido aprofundamento, tendo em vista que este não é o foco da pesquisa. Segundo Duarte (2017), o catolicismo é uma religião dogmática, sendo que seu embasamento se encontra nos textos bíblicos, e sua hierarquia é composta pelo papa, bispos e padres. Gaarder et. al. (2010) relatam que há cerca de um bilhão de cristãos no mundo, aproximadamente a metade deles pertencem ao catolicismo, sendo assim, o catolicismo é uma das religiões mais influentes do mundo.

Segundo Gaarder et. al. (2010), a Igreja Católica, enquanto tradição cristã, é orientada pela noção de pecado. Nestes termos, o pecado consiste na quebra das leis dogmáticas da Igreja, que por si só se considera santa e representante da vontade máxima de Deus. Portanto, o pecado, nessa perspectiva, é o que separa o homem de Deus. Assim, para viver no reino dos céus (paraíso), o homem deve “negar a si mesmo” e se voltar para Deus, dentro de uma vida de obediência, humildade e amor.

A Igreja Católica moderna, frente à homossexualidade, se posiciona de forma menos rígida. A Igreja passou a considerar o homossexual enquanto pessoa humana e dotada de valores intrínsecos. Entretanto, considera a homossexualidade um desvio da natureza, um pecado aos olhos de Deus. Todavia, alguns líderes religiosos questionam se a homossexualidade é reversível, enquanto outros acreditam que somente o celibato levará o homossexual à absolvição de seus pecados. Os homossexuais são aceitos nas cerimônias da Igreja enquanto pessoas humanas, ainda que suas práticas sexuais não sejam aceitas (DANTAS, 2010).

Tais posturas não diferem muito da dos evangélicos⁷, desta forma, muitas igrejas aceitam a entrada de homossexuais nas cerimônias e reuniões, no entanto, essa liberdade de participação não está de forma alguma associada a uma posição de aceitação, pelo contrário, a participação do sujeito nos cultos destina-se à salvação e conversão dos mesmos. A maioria das igrejas evangélicas considera a

⁷ Sabemos que existem diferenças entre as igrejas evangélicas, mas como não é o foco desta pesquisa não as abordaremos.

homossexualidade como desvio da conduta humana ou uma patologia espiritual, passível de cura e/ou libertação (NATIVIDADE, 2006).

Segundo Natividade (2006), nas igrejas evangélicas o importante não é se a pessoa tem desejos ou é homossexual, o importante é a prática, ou seja, se ela realmente estabelece relações afetivas/sexuais com outras pessoas do mesmo sexo, assim, essas pessoas podem encontrar a salvação na renúncia de seus desejos e pensamentos.

A doutrina espírita, por sua vez, foi apresentada, inicialmente, por Allan Kardec, e introduzida, no Brasil, em 1870. É considerada por seus seguidores ciência, filosofia e religião. Concebe a sobrevivência do espírito após a morte e acredita na reencarnação das almas. Baseia-se nos ensinamentos de Jesus Cristo, no entanto, tem por princípio fundamental a relação do mundo dos vivos (encarnados) com o mundo dos mortos (desencarnados). A codificação da doutrina espírita é atribuída às supostas revelações trazida pelos espíritos, os quais se comunicam com o mundo material através dos médiuns (SIMÕES NETO et al., 2009).

Concebem a sexualidade como uma expressão da matéria, uma vez que entendem que não há sexo no mundo espiritual. Não se nega o valor e a importância do sexo, entretanto, o sexo é algo que um dia deve ser superado através da evolução espiritual, já que pertence a vida material (SIMÕES NETO et al., 2009).

Em relação à homossexualidade, há entre os espíritas uma maior aceitação. Buscam entendê-la através do fenômeno da reencarnação, acreditam que a homossexualidade é uma condição imposta a alguns espíritos como forma de alcançar um estado de crescimento e elevação espiritual (SIMÕES NETO et al., 2009).

Em outros casos, considera-se a homossexualidade fruto da bissexualidade espiritual, isso porque, de acordo com as obras básicas de Allan Kardec, os espíritos, por não terem sexo podem hora encarnar como homens hora como mulheres. Nessa perspectiva, a homossexualidade muitas vezes é entendida como um choque de identidade sexual após sucessivas encarnações do espírito em um sexo oposto.

Independentemente de ser tradicional ou liberal, a compreensão espírita sobre o comportamento sexual está ancorada no livre-arbítrio, situação em que os sujeitos devem ser responsáveis e conscientes de suas ações. Para que ocorra o

progresso espiritual é necessário que os indivíduos encarnados atuem no campo da sexualidade com compromisso e responsabilidade sobre si mesmos (SIMÕES NETO et al., 2009).

Desta forma, é importante perceber que a religião pode contribuir para que a pessoa LGBTQIA+ tenha conforto para revelar sua sexualidade, como é o caso de Quiron:

Eu sou espírita [...] em termos de religião nunca tive problema para me assumir (QUIRON).

Enquanto para outras pessoas LGBTQIA+, a religião pode representar mais um sistema de controle, para que a pessoa não expresse livremente quem ela é, se esconda atrás dos preceitos religiosos, ou negue seus sentimentos e desejos, como nos relata Rá:

[...] foi quando eu conheci a igreja evangélica... e isso me machucava muito né... porque que falava: "Isso não é normal, né..." [...] eu fiquei [...] lutando contra essa homossexualidade... [...] a igreja falava que era homossexualismo... e aí eu fiquei lutando contra isso fiz vários tipos de ritos... rituais... nossa fiz de tudo... e aí eu não conseguia porque eu reprimia o desejo eu não tinha aliás... até o período dos 18 anos eu não tinha nenhum tipo de contato com o sexo masculino nunca tinha feito sexo né... eu apenas reprimia aquilo dentro de mim... só que quando eu chegava nos próprios cultos da igreja eu olhava pros meninos na igreja... eu fiquei um ano indo toda sexta-feira no monte pedindo a mesma coisa, que eu queria que Deus me curasse disso, eu queria ser normal e aí em cima disso os irmãos falavam que eu tinha que perseverar... eu já tava ficando louco eu chorava de madrugada... eu acordava de madrugada... eu saía de noite... porque eu queria ser curado... eu queria dormir gostando de meninos e acordar gostando de menina como qualquer outro garoto pra ser normal na visão das outras pessoas...(RÁ).

No relato de Rá, percebemos o sofrimento de sentir-se doente, como se realmente pudesse ser curado, como se houvesse cura, para ser quem ele é. Muitas vezes a religião, além de incentivar a discriminação causa profundos sofrimentos às pessoas LGBTQIA+; estas são levadas aos seus próprios limites, de uma forma que lhes restam poucas opções ou se anular enquanto pessoa, se condenando a viver num estado de vigília ou rompendo com a Igreja. Embora outros LGBTQIA+ busquem abertura na religião para professar sua fé sem anular seus desejos, como expressa Hórus:

[...] eu sempre conversei isso com eles, né, de que às vezes um menino vai ficar com outro menino e não vai gostar, às vezes uma menina vai ficar com outra menina e não vai gostar, às vezes uma menina vai ficar com um menino e não vai gostar e de que esse é o momento deles se conhecerem, deles se permitirem e no final das contas eles vão ser aquilo que eles tem que ser [...] os Franciscanos, sempre tiveram uma vertente muito mais progressiva [...] grupo que eu participo né, em 2014 houve uma proposta de reformulação do nosso material base de formação pra esses jovens e aí uma das coisas que foram colocadas dentro desse material reformulado foi falar sobre a afetividade e sexualidade e nele dentro falar sobre homossexualidade dentro dos nossos grupos né... não foi nem falar de homossexualidade, foi falar de gênero mesmo né, de entender que existem muitas formas de... muitas interações né, da sexualidade ali dentro da natureza humana né, independente de... da religião [...] (HÓRUS)

Hórus, além de falar abertamente na Igreja acerca da sua orientação sexual, relata que coordena um grupo de jovens, e que na formação desses jovens eles trabalham a questão de gênero, e dentro dessa temática, falam sobre a homossexualidade; de acordo com ele até 2014 ele falava abertamente por iniciativa própria, e a partir disso, recebeu um novo material que indicava que eles deveriam abordar o assunto, não só em Franca, mas em todas as cidades que a ordem Franciscana atua.

Nesse sentido, percebemos que a sexualidade vai ganhando espaço dentro da religião, ainda que numa ordem específica, mas é o início de uma grande transformação, muito embora, nem todos tenham tido a oportunidade de conversar com católicos progressistas como os Franciscanos; a exemplo disso, podemos citar Kairós:

[...] não que eu tenha me assumido enquanto a prática homossexual, porque eu não tinha nenhuma prática naquele momento.... porém assumir que os meus desejos eram homossexuais, eram homoafetivos foi mais fácil diante do pessoal da Igreja... nesse ponto eles me ajudaram muito a questão de autoconhecimento... a questão de... embora assim... fosse aquele autoconhecimento guiado [...] de uma certa forma se eu optasse pelo que eles achavam errado eu não seria tão acolhido... porém sempre teve bem claro na minha cabeça... o ser gay... mesmo estando dentro da igreja... o ser gay não era errado... o errado talvez era alguma prática que eu tivesse, mas, isso diante deles então demorou um pouquinho pra eu me libertar dessa questão assim... (KAIRÓS)

Desta forma, Kairós ilustra que o grupo que ele frequentava da Igreja católica até acolhe os homossexuais, desde que estes estejam dispostos a reprimir seus desejos, e, ainda, relata que perdeu seus pais aos 16 anos, encontrando na Igreja o acolhimento que precisava, lá o ajudaram no seu autoconhecimento, no sentido de tomar consciência de quem era, desde que não praticasse relações afetivas/sexuais. Nesse sentido, Kairós afirma que a Igreja tem uma posição contraditória porque você pode se descobrir com desejos homossexuais, e tem o apoio para que haja autoconhecimento, mas não pode exercer, não pode colocar sua sexualidade em prática, lhe restando o celibato ou rompimento com a Igreja. Thoth, por sua vez, sentiu ainda mais forte a discriminação, por parte da Igreja católica, conforme seu relato:

[...] eu era muito ligado à Igreja católica, fiz catecismo, né... eu era um católico praticante eu realmente acreditava no que é que a Igreja falava, né... e aquilo criava um conflito imenso dentro de mim, eu queria continuar sendo um católico, um devoto... e ao mesmo tempo encontrar alguém do mesmo sexo, só que o que eu ouvia na Igreja católica não permitia isso... porque falavam que era do demônio, né que não era permitindo [...] (THOTH).

Thoth relata que ele vivia um conflito, uma vez que seu sonho era vivenciar um amor romântico com alguém do mesmo sexo e ao mesmo tempo queria continuar a frequentar a Igreja, participar dos grupos e não queria ser julgado por quem ele é. Muitas vezes, a pessoa LGBTQIA+ encontra-se fragilizada por diversos encontros, e, ainda assim, sente-se levada a reprimir seus desejos afetivos/sexuais em decorrência da sua crença religiosa; os comentários dos líderes religiosos podem ser cruéis, levando a um sofrimento ainda maior. Thoth ainda teve a possibilidade de recorrer à outra religião, mas ali, também se deparou com alguns preconceitos:

[...] eu também mudei de religião quando [...] a Igreja católica não tinha respostas para as perguntas que eu fazia [...] existe preconceito contra o homossexual no Centro Espírita, existe, mas é menor que o ambiente católico. E eu comecei a encontrar também livros escritos por médiuns que fala da questão da homossexualidade de uma forma positiva, e eu comecei a encontrar argumentos pro povo que vinha me falar abobrinha no Centro e eu debatia, não, eu falava: "Mas Jesus nunca falou sobre os homossexuais em si, e se o espiritismo acredita em Jesus como o espírito mais evoluído da Terra nós temos que seguir ele como guia não os outros", e aí de lá para cá sempre foi assim (THOTH).

Em outros momentos, conversando com Thoth ele falava: “Eu sou gay, por isso, eu sou o demônio encarnado?”, nesse sentido, percebemos como a questão da religião atravessou sua vida, deixando profundas marcas, das quais ele ainda precisa repetir que ele não é o demônio encarnado. É bem contraditório o sentimento de afeto e de amor ao mesmo tempo representar o mal; Thoth não se silencia na religião, quando ele fala que a Igreja Católica não responde as suas perguntas, ele faz menção ao fato de não conseguir entender: se é pecado gostar de homens, por que Deus o fez assim? Enquanto o Centro Espírita, na sua visão, proporciona um debate maior sobre essa questão. Ele consegue conversar e até enfrentar o preconceito de outras pessoas.

Baco, por sua vez, experienciou a religião católica e a evangélica, em ambas sentiu-se discriminado, e buscou acolhimento também no espiritismo:

[...] já fui católico, já fui evangélico, tentei ser evangélico, nas duas religiões já fui muito discriminado, agora na religião espírita, pra mim de todas que eu já conheci foi a mais acolhedora, foi a mais me abraçou... (BACO)

Sabemos que a religião não é natural, é uma construção social, que tem o papel de conectar o ser humano com ele mesmo e com as pessoas que o cercam, entretanto, quando a religião não consegue minimamente acolher os seus seguidores, ela os coloca no lugar de julgamento, condenação, inadequação, o que os leva a se sentirem sós e culpados, “errados” e fora dos padrões “normais”.

A atitude religiosa constitui um núcleo importante no modo de ser no mundo das pessoas participantes da pesquisa, que pode proporcionar uma maior sensação de valor na vida, ou pode levar ao seu oposto. Portanto, a religião se torna um “armário” difícil de enfrentar para as pessoas LGBTQIA+, por poder representar uma exclusão, ou ainda pior, uma condenação.

Temos ainda de levar em conta que para muitos, a religião é lugar que promove o contato social com outras pessoas, nesse sentido, devemos pensar como é para os participantes da pesquisa “sair do armário” em lugares de sociabilidade, o que nos leva para a **sétima unidade de significado da pesquisa: Ser gay na cidade de Franca.**

4.5 SER GAY NA CIDADE DE FRANCA

“Sair do armário” já um processo que demanda muitas reflexões e percepções por parte da pessoa LGBTQIA+, e se considerarmos o local em que se vive, este pode contribuir para uma melhor aceitação, como pode trazer agravamentos das cobranças hegemônicas. Portanto, acreditamos ser necessário compreender as características da cidade em que se irá “sair do armário” para avaliar quais os recursos que ela lhe oferece. É importante pensar que Franca é uma cidade conservadora, ligada a muitos preceitos religiosos; outro indicativo desta condição são os resultados das eleições municipais que, raramente, são diferentes ao longo do tempo.

Portanto, é importante ressaltar, que Franca constitui-se em uma cidade média do interior paulista, encontra-se na região nordeste do estado de São Paulo, distante 400 Km da capital. A área total do município é de 609 Km² e sua área urbanizada perfaz 84 Km². É, simultaneamente, um centro sub-regional subordinado a Ribeirão Preto e um centro industrial especializado na produção de calçados masculinos, conhecida como a capital nacional do calçado masculino.

De acordo com Barbosa (2006), no final da década de 1920, Franca era a cidade do interior paulista com maior número de estabelecimentos produtores de calçados, contando com mão de obra de trabalhadores imigrantes. E Franca se mantém até os dias atuais como sendo a capital do calçado masculino.

Recebe grande influência da cultura mineira por ser uma cidade localizada na divisa do estado de São Paulo com Minas Gerais. E possui uma cultura católica muito forte, que se apresenta através dos rituais católicos como quermesses, procissões, folia de Reis etc.

Fundada em 28 de novembro de 1824; o município se estende num território de 605,7 km² e tem uma população estimada de 355.901 pessoas (IBGE, 2017). Sua economia gira em torno da Indústria Calçadista, de acordo com o site da Prefeitura da cidade (2017):

A região compreendida entre os rios Pardo e Grande, embora desbravada no século XVI, foi povoada somente a partir das descobertas das minas de Goiás por Anhangüera II no início do século XVIII. Com a abertura das estradas de Goiás em 1722 e do Desemboque algumas décadas após, foram se formando vários pousos que se constituíram nos primeiros núcleos povoadores desta

região. Um pequeno fluxo populacional das últimas décadas do século XVIII permite a formação do povoado disperso, que ficou conhecido como Bairro das Canoas, abrangendo os pousos: das Covas, Alto e Alegre, além de outras paragens. Covas foi pouso eminente de comerciantes e transportadores de sal, além de servir de arraial temporário da região. Em função do crescente número de moradores dispersos, foi ali criada uma Companhia de Ordenanças e nomeado Capitão, a pessoa de Manoel Almeida em 1791. Pertencia à freguesia de Caconde e Município de Moji Mirim. (PREFEITURA MUNICIPAL DE FRANCA, 2017, p. 1).

Sendo uma cidade de médio porte, em decorrência disso, Franca oferece um número restrito de possibilidades de socialização se comparado com as grandes metrópoles, que dispõem de maiores possibilidades de expressão afetiva dos homossexuais. De acordo com o estudo realizado por Simões, França e Macedo (2010), São Paulo, por exemplo, oferece locais em que as pessoas podem expressar sua liberdade, embora estes territórios sejam considerados como guetos. O estudo aponta, também, que no centro da cidade, mais especificamente a Vieira é um espaço procurado por muitos moradores de bairros longes e estigmatizados, seja pelas suas condições financeiras, moradia, ou outros atributos depreciativos, portanto, é um espaço democrático que acolhe essas pessoas em suas diferenças, mas que está longe de ser o espaço ideal por também estigmatizar e promover a vulnerabilidade.

Este espaço restrito concentra uma variedade de estabelecimentos comerciais destinados ao lazer noturno, espaço este que os homossexuais dividem com áreas de:

prostituição de rapazes, garotas e travestis, pontos de comércio de drogas ilícitas, boates de prostituição de garotas, casas de strip-tease e sexo explícito, danceterias direcionadas ao público homossexual, saunas gays, cinemas "de pegação", sex shoppings, lan houses, bares, ruas e praças públicas onde ocorrem paquera e "caça" (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO, 2010, p. 50 – Grifos do autor).

Simões, França e Macedo (2010, p. 50) continuam relatando que os estabelecimentos comerciais de lazer noturno da Vieira reúnem um público que se distribui de maneira relativamente segmentada, público este que se distingue pela faixa etária, que vai desde homens mais velhos até os jovens; barzinhos e comércios que se diferenciam também pela categoria de seus frequentadores, categorias estas, relatadas pelos autores como os grupos dos homens com características femininas:

as *drag-queens*, as travestis, os garotos de programas, entre outros. De acordo com os autores:

A diversidade de pessoas e a razoável convivência são características recorrentemente apontadas pelos frequentadores da Vieira. Apesar das menções a alguns episódios de violência, é comum ouvir dos frequentadores uma visão positiva e harmônica da diversidade presente: a Vieira é "legal", porque "é democrática", "tem de tudo", "não tem preconceito". Como disse um jovem frequentador que se identificou como gay e negro: "É um lugar aberto, você anda de mão dada, você beija na rua, não tem pra se preocupar não, aqui você tá liberal, é um lugar que você se sente até feliz".

[...] os frequentadores afirmam que na Vieira também se sente menos pressão e constrangimento para se adequar aos padrões e estilos de corpo e de vestimenta mais valorizados na cena gay de maior visibilidade: lá não se encontram exclusivamente "os homens musculosos, esculturais", nem apenas os "garotos descolados com a calça mostrando a cueca, ou com a camisinha apertada, magros e definidos".

A diversidade presente abre espaço para parcerias entre diferentes, seja em termos de idade, cor/raça ou performance de gênero. É recorrente, por conta disso, a representação da Vieira como um lugar onde se pode encontrar a companhia de homens para sexo homossexual casual com grande facilidade. A visibilidade dos rapazes "da periferia" dentre os frequentadores da Vieira e a percepção que combina a predominância de classes populares com a alta oferta de possibilidades de encontros sexuais parecem se alimentar mutuamente. Na cena dos bares e boates gays paulistanos da moda paira um estigma em relação à região da Vieira e sua população, que as associa a um desvalorizado juízo moral, comportamental e estilístico (SIMÕES; FRANÇA; MACEDO 2010, p. 51-52 – Grifos do autor).

Ainda de acordo com os autores Simões, França e Macedo (2010) esses dados sugerem que os pertencimentos em termos de cor/raça, gênero e sexualidade, mesmo informando uma escala de prestígio e desigualdade, mostram-se também instáveis, contingentes e situacionais. Ao que parece, estamos num terreno de múltiplas retóricas classificatórias, múltiplas negociações e múltiplos agonismos.

Nesse sentido, é importante ver o gueto como um local de apoio aos homossexuais, no qual podem exercer com mais segurança sua identidade social, como aponta MacRae (1983, p.56-57):

Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores sociais que o levam a se ocultar, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte de amigos e familiares.

O gueto é um lugar onde tais pressões são momentaneamente afastadas e, portanto, onde o homossexual tem mais condições de se assumir e de testar uma nova identidade social. Uma vez construída a nova identidade, ele adquire coragem para assumi-la em âmbitos menos restritos e, em muitos casos, pode vir a ser conhecido como homossexual em todos os meios que frequenta. Por isso é da maior importância a existência do gueto. Mais cedo ou mais tarde, acaba afetando outras áreas da sociedade.

O gueto nem sempre está localizado na região periférica da cidade, no caso de São Paulo, o gueto está localizado no centro histórico, local de maior facilidade e acesso a todos os bairros.

De acordo com Puccinelli (2010), em São Paulo encontramos o shopping gay, a rua gay, o gueto gay. Nesse sentido, a cidade de São Paulo concentra cerca de quinze milhões de habitantes que se identificam e se separam pelas mais diferentes razões: gostos, poder aquisitivo, local de moradia, etc. A cidade também é conhecida pelas desigualdades sociais. E há cerca de dez anos ficou conhecida por possuir a maior Parada do Orgulho LGBT do mundo, que ocorre na Avenida Paulista.

O shopping considerado gay, de acordo com o Puccinelli (2010, p. 2), é o Shopping & Convention Center Frei Caneca, inaugurado em maio de 2001 por ser muito frequentado pela população LGBTQIA+:

Desde 2003, pelo menos, pode-se contextualizar uma maior divulgação de tal frequência devido a alguns acontecimentos relativos a descontinuidades da administração do shopping com seu público “peculiar”: neste ano, um casal de homens foi convidado a se retirar do shopping por um segurança por estar trocando beijos em público, fazendo com que o local fosse alvo de processo com base em lei antidiscriminatória do estado de São Paulo e um protesto público na sua praça de alimentação intitulado beijaço. A partir de então o local passou a ser conhecido pela presença de gays, principalmente, ganhando apelidos que faziam referência a isso, como Frei Boneca e Gay Caneca.

Essa atitude demonstra ações que podem gerar o desenvolvimento enquanto processo, no sentido de que os homossexuais conquistaram um local para exercer sua afetividade. Este shopping está localizado numa região muito frequentada por homossexuais, principalmente, por ser uma região de lazer com estabelecimentos comerciais destinados a um público LGBTQIA+ ou *gay-friendly*, termo utilizado pelo

autor que justifica que a *gay-friendly* é uma expressão, amplamente usada nos Estados Unidos, para designar estabelecimentos que não discriminam homossexuais.

De acordo com Puccinelli (2010), a Rua Frei Caneca também ficou conhecida pela prevalência de gays, incluindo também fluxos significativos na Rua Augusta, uma de suas paralelas, dotada de públicos diversificados, seja no poder aquisitivo, seja nas classificações por gênero, sexualidade e estilos de vida marcadamente diferentes (VEGA, 2008), o que se convencionou chamar marcadores sociais da diferença.

Segundo Puccinelli (2010, p. 3 – Grifo do autor):

[...] recentemente a Rua Frei Caneca tem ganhado destaque devido à polêmica criada em torno do projeto de oficializá-la como uma rua temática gay, apresentado por uma associação GLS, a qual pretende, além deste projeto (que inclui a “revitalização” do logradouro), destinar parte de seus trabalhos para a área de saúde e acolhimento de pessoas em situação de rua, todos direcionados à comunidade homossexual. Essa é uma questão que se mostrou importante de ser explorada, e que até hoje gera discussões: a polêmica criada em torno do projeto de tornar a Rua Frei Caneca oficialmente gay.

Desta forma, percebe-se um empenho muito grande dos grupos e/ou movimentos gays na organização e reivindicação de espaço, de identidade, de reconhecimento e liberdade. Ainda de acordo com o autor, a Rua Frei Caneca não foi oficialmente considerada uma rua temática e nem mesmo o Shopping Frei Caneca, entretanto, é um local em que as pessoas sentem-se livres para andar e ser quem são, demonstrar afetividade e ter um gueto como referência.

Outros estudos demonstram que a cidade de São Paulo oferece locais em que os homossexuais podem sentir-se livre, espaços conquistados a partir dos grupos e/ou movimentos gays da cidade.

De acordo com Antunes e Paiva (2013, p.1130 – Grifo do autor):

O Centro [da cidade de São Paulo] foi o primeiro "gueto" homossexual que se estabeleceu. A partir de 1970, como o estudo apurou, outras regiões típicas de classe média da cidade, como a região perto da Av. Paulista, e dos bairros Jardins, Pinheiros, Vila Madalena e Moema passaram a contar com locais de sociabilidade homossexual. A região central, também concentra há mais tempo uma maior ocorrência de moradia de homossexuais e com aluguéis mais baixos; apenas a partir de 1990 a região de classe média em torno do eixo Paulista – V. Madalena/Pinheiros também passou a ser escolhida. Essas concentrações, é importante notar, não podem ser caracterizadas

como em outras grandes cidades (Nova York ou São Francisco, por exemplo) onde os bairros residenciais se transformaram também em espaços de resistência.

Os bares do Centro eram visivelmente menos requintados, alguns tinham estilo "boteco", com balcão e mesas de ferro, paredes azulejadas e pouca iluminação. Observou-se maior frequência de homens mais velhos, vindos da periferia e muitos migrantes de outras regiões do país. Também era visível uma concentração maior de negros e mulatos. Observou-se que a escolha dos locais se dava também pela rede relacional e pela identificação com as subculturas vigentes, o que explicaria a escolha dessa região por homens que possuíam uma renda maior e que afirmaram que preferiam o Centro em função do tipo de pessoas que lá encontravam. Muitos homens relataram que não gostavam de frequentar bares dos Jardins, por não se identificarem com o clima de "ostentação", de "aparências". Alguns diziam que não se sentiam à vontade nesses locais em função da diferença de status socioeconômico – a discriminação vivida por homossexuais está atravessada no gueto por outros marcadores. Os bares centrais possuíam uma característica peculiar, compondo um ambiente quase "familiar", evidente ponto de encontro de velhos amigos e para fazer novos amigos com base na identificação. A violência era também mais presente no cotidiano dessa região e alguns locais tinham seu próprio esquema de "segurança".

O estudo de Antunes e Paiva (2013) evidencia também os guetos que se distinguem sob diferentes aspectos, a partir das subculturas existentes em determinados locais; nos estudos apresentados demonstram que os bares e pontos comerciais da região do Jardins são destinados a pessoas LGBTQIA+ com maior poder aquisitivo, enquanto o centro é destinado os indivíduos LGBTQIA+ de menor poder aquisitivo. Além das características apresentadas, como, por exemplo, a simplicidade dos estabelecimentos da região central, fornecem um espaço de mais intimidade, ainda de acordo com esta pesquisa.

Antunes e Paiva (2013) apontam também que os valores e normas referentes à moda, ao consumo, conhecimento cultural e aos papéis de gênero eram diferentes entre as duas regiões, onde algo como uma subcultura se expressava na interação social e nos locais de sociabilidade. Desta forma, nos dois territórios, diferentes papéis interagiam nas redes sociométricas.

A linguagem nativa dos frequentadores dos bares e boates do Centro nomeava TRAVESTIS, MICHÊS, BICHA VELHA ou TIAS, EXECUTIVOS e BOYS. A grande concentração de casas de prostituição e boates de sexo explícito fazia do Centro de São Paulo um espaço de convivência de homossexuais com prostitutas, michês, travestis, além de moradores de rua, que se mostrava pacífica, paz interrompida por furtos e garotos de rua (ANTUNES; PAIVA, 2013, p.1131 – Grifo do autor).

Desta forma, os autores relatam que as minorias conviviam pacificamente, e eles até observaram comportamentos mais desinibidos, exagerados ou mais afetados, de travestis ou de homens mais afeminados – e essa reprodução de papéis afeminados era bem mais visível entre os homens do Centro que buscavam parceiros masculinizados, bofes, indicando a complementação de papel. E ainda ressaltam que as boates das duas regiões mantinham shows que animavam a noite dos frequentadores. As travestis tinham seu espaço garantido no Centro, o que não acontecia nos Jardins. Algumas boates e bares nos Jardins não permitiam a entrada de travestis.

De acordo com a pesquisa de Antunes e Paiva (2013), nas boates e bares do Centro era também possível encontrar os *bears* – homens peludos e barrigudos – que eram o anti-protótipo do gay e outros tipos distantes dos chamados *barbies* do Jardins.

Para pensarmos numa sociedade livre e justa é importante refletir a relação da política da alteridade⁸, a qual tem um sentido moderno e outro pós-moderno. Desta forma, no sentido moderno, essa política visa à identidade nacional do Estado-Nação, reconhecendo ao mesmo tempo a existência das chamadas "subculturas" no interior desse Estado. Portanto, partindo deste ideal da identidade nacional que permanece até hoje como a busca de um imaginário capaz de nos reconduzir às nossas raízes, seja para esclarecer a nossa história, seja para dizer qual é o nosso lugar, as "subculturas" permaneceram à margem das identidades nacionais, reconhecidas, sem dúvida, mas marginais, sem maior valor.

Já na pós-modernidade, pelo advento da globalização, predominam as identidades supranacionais, com o subsequente deslocamento das identidades nacionais para um segundo plano.

⁸ **Alteridade** é o reconhecimento de que existem pessoas e culturas singulares e subjetivas que pensam, agem e entendem o mundo de suas próprias maneiras. Segundo Brandão (1986, p. 7): "O diferente é o outro, e o reconhecimento da diferença é a consciência da alteridade: a descoberta do sentimento que se arma dos símbolos da cultura para dizer que nem tudo é o que eu sou e nem todos são como eu sou. Homem e mulher, branco e negro, senhor e servo, civilizado e índio... O outro é um diferente e por isso atrai e atemoriza. [...] Por isso o outro deve ser compreendido de algum modo [...] O outro sugere ser decifrado, para que lados mais difíceis de meu eu, do meu mundo, de minha cultura sejam traduzidos também através dele, de seu mundo e de sua cultura. Através do que há de meu nele, quando, então, o outro reflete a minha imagem espelhada e é às vezes ali onde eu melhor me vejo. Através do que ele afirma e torna claro em mim, na diferença que há entre ele e eu".

A identidade nacional tornou-se local, uma posição antes ocupada pelas "subculturas". A busca por identidades gradualmente mais amplas, as identidades nacionais na modernidade e supranacionais na pós-modernidade, tendem a apagar diferenças, e por isso mesmo ocorre uma *reação*: as diferenças tornam-se aguçadas no seu esforço para não submergir em universos progressivamente mais abstratos e mais formais. Mas não é tão-somente disso que se trata. As diferenças tendem a proliferar. No sentido pós-moderno, a política da alteridade traz as diferenças para o plano principal do debate, as diferenças saem da sombra, das margens, do sem-valor, do que só a custo se tolera (ABIB, 2008, p. 424 – Grifos do autor).

Foi através do movimento feminista que a política da alteridade veio à tona. São exemplos dessa política, a política de gênero do feminismo, a política sexual de gays e de lésbicas, a política de grupos perseguidos por sua cor ou por suas crenças religiosas, entre outros. Desta forma, os movimentos sociais são prévios à pós-modernidade.

O sentido especificamente pós-moderno desses movimentos é a constatação de que o Estado falhou na defesa dos *direitos dos excluídos* e que também não é competente para promover os direitos às diferenças. É nesse exato sentido que a política da alteridade na pós-modernidade é *vontade de incluir* e de se aventurar pelos universos desconhecidos que herdamos da modernidade, uma cultura que, com suas *grandes narrativas* sobre o sentido e o destino da história do homem, transformou a razão em opressão do outro e em preguiça de pensar radicalmente o diferente. O sentido pós-moderno dos movimentos sociais só vem refletir e fortalecer a ideia de que uma política pós-moderna da alteridade se apoia em solo propício para aguçar e fazer proliferar diferenças (ABIB, 2008, p. 225 – Grifo do autor).

O que nos leva a refletir a importância de uma ética de alteridade; de acordo com Abib (2008, p. 424):

[...] a sensibilidade estética tem por base a percepção de que o outro é estranho, é a tomada de consciência de que ele é desconhecido. A partir daí é possível um deslocamento do olhar para este outro, buscando o gosto pela novidade, pelo incomum. A sensibilidade hermenêutica forma-se no diálogo, na escuta da voz do outro, na pesquisa sobre o outro e na percepção da estranheza de si. Já a sensibilidade política se dá pela resistência aos poderes circulantes do cotidiano.

Pensar a inclusão dessas subculturas ou dar voz para estes indivíduos é buscar uma visão pós-moderna da alteridade, ou seja, uma política de direitos humanos. Nesse sentido, se faz necessária uma defesa da diversidade, seja ela qual

for, não no sentido de adequação, mas respeitando o próprio princípio de alteridade, dando voz às diferenças.

Nos estudos apresentados, observa-se que ser gay em São Paulo, é diferente de ser gay no interior, uma vez que a metrópole oferece diferentes guetos e oportunidades de liberdades para a comunidade LGBTQIA+, mesmo que ainda estigmatizada. São pontos de referência nos quais os homossexuais podem se espelhar e buscar a liberdade ou a expressão da sua sexualidade.

Nesse sentido, o Brasil tem avançado muito, entretanto, a diversidade de oportunidades e desenvolvimento ocorre de forma diferente em cada região do país. É no cenário franco que os participantes da pesquisa vivem e ao mesmo tempo analisam em que locais podem “sair do armário”; nesse sentido, Chronos que é de uma cidade pequena no interior de São Paulo, considera Franca um lugar propício para expressar sua sexualidade:

[...] o pouco tempo que moro em Franca eu percebi algo que todo mundo já me dizia, que Franca realmente é uma cidade bem elitizada comparada com a minha [...] aqui eu consigo até expressar afeto em público, [...] acho que é até mais fácil que na cidade dos meus pais, [...] apesar que eu fiquei sempre ali na parte do Campus Universitário, quando muito, ia no shopping, então, tipo assim... mas os ambientes que eu frequentei, pra mim foi já relativamente tranquilo, certo... sempre existe alguém que olhe torto pra você, mas nada demais (CHRONOS).

Chronos considera Franca uma cidade elitizada, exatamente por apenas ter tido contato com os moradores do Campus Universitário, composta na maioria por universitários das faculdades particulares de Franca/SP. Temos como hipótese que a liberdade que ele relata possuir ao demonstrar sua sexualidade está relacionada com os lugares que frequenta no próprio campus, ainda que ele relate que as pessoas olham de uma maneira diferente, ele nunca teve problema para expressar sua sexualidade, sentindo-se livre para ser quem é. Baco por sua vez relata:

[...] acho Franca uma cidade tranquila, embora quando eu quero conhecer alguém, geralmente, eu conheço pela internet [...] humm, meu primeiro namorado, numa balada que teve no Castelinho [clube da cidade] [...] eu acho que foi uma festa gay [...] e meu segundo namorado foi pelo Grinder.... o terceiro pelo Tinder... (BACO).

Baco considera Franca uma cidade tranquila, embora ele não se sinta à vontade para expressar afeto em público, ainda relata que sai muito pouco para festas

LGBTQIA+, embora seu primeiro relacionamento, ele tenha conhecido numa festa que teve no Clube Castelinho, que, antigamente, uma vez por ano, sediava uma festa direcionada ao público LGBTQIA+. Os demais relacionamentos que ele teve foram através de aplicativos de relacionamento (Grindr, Tinder) ou pela rede social como Facebook. Baco ainda sente medo do julgamento das pessoas, portanto, “sair do armário”, em alguns locais, para ele é muito difícil.

Para Rá, Franca é uma cidade conservadora, ainda que ele faça parte do movimento LGBTQIA+ de Franca, mesmo assim, não se sente livre para expressar em público seus sentimentos com medo de que alguém do seu trabalho, algum dos seus alunos ou pais de seus alunos, o vejam.

[...] Franca é uma cidade muito conversadora, mas quando quero me expressar vou nas festas com temática LGBTQIA+, as vezes eu até consigo ficar em público desde que não tenha ninguém do trabalho próximo (RÁ).

A pessoa LGBTQIA+ vive à margem da sociedade, embora tenhamos conquistado alguns direitos que a meu ver são básicos, como o direito ao casamento, união estável, ainda assim, temos de estar a todo momento analisando se seremos julgados, condenados, ou apontados por sermos quem somos, e quando se trata de uma cidade conservadora este comportamento deve ser redobrado.

A maioria dos participantes disse que não consegue demonstrar afeto em público, como se nos fosse negado o direito de amar. Na minha experiência, quando achamos um lugar que permita a expressão do nosso afeto ele deve seguir os moldes heteronormativos, bem como as pessoas devem estabelecer relações monogâmicas; além disso, não é incomum perguntar quem é a mulher da relação, pergunta que evidencia o preconceito contra a mulher, que deve apresentar comportamentos pré-estabelecidos, deve ser feminina, dócil, sensível.

Prometeu e Eros se referem a esta questão da seguinte forma:

[...] Afeto em público é uma questão que é bem difícil sabe... nunca... cheguei a demonstrar [...] sabe... tipo... quando tava solteiro já fiquei com gente em festa ou alguma coisa... mas... sei lá... tava numa festa que só tinha gente gay [...] (PROMETEU).

Em Franca, eu falo que pra mim é bem normal [...] eu acho que a sexualidade é uma coisa que fica mais ali entre 4 paredes e o respeito

fora... Por isso, não acho necessário demonstração de afeto em público (EROS).

Por meio dos relatos de Prometeu e Eros, observamos que ambos apresentam experiências diferentes; Prometeu até consegue demonstrar afeto, desde que seja numa festa destinada a pessoas LGBTQIA+, enquanto Eros ressalta que as demonstrações de afetos devem ficar reservadas para a privacidade do casal, refletindo a cultura de que não se deve demonstrar afetividade em público. Outro aspecto é que eles vislumbram a cultura da cidade, uma vez que Franca é uma cidade conservadora. Como já dito por outros participantes, eles são levados a acreditar que os afetos são contatos que devem ocorrer só na intimidade, quando muito, podem ocorrer em festas destinadas aos LGBTQIA+, como se nossos sentimentos e nossas demonstrações de carinho fossem diferentes da hegemonia. Sendo assim, gostaria que refletíssemos por que nós pessoas LGBTQIA+ somos levadas a acreditar que nossa demonstração de carinho é algo íntimo, a ponto de não ser realizada em público? Ao andar pelo shopping me deparo com vários casais heterossexuais de mãos dadas, por que não posso também segurar as mãos dos(as) meus(minhas) parceiros(as)?

Estamos o tempo todo sendo bombardeados com verdades normativas que nos colocam cada vez mais à margem da sociedade, que entende que a demonstração de afeto de uma pessoa LGBTQIA+ deve ficar reservada ao privado, que nossos beijos são mais sexualizados ou impuros que as demonstrações de afetos de pessoas heterossexuais.

Kairós corrobora este pensamento, afirmando:

Eu acredito assim... que viver aqui o que é padrãozinho... não temos muitas opções aqui em Franca... nós não temos um ambiente só para os gays... é... de uma certa forma é muito fácil nós vivermos aqui uma certa heteronormatividade, ou seja, você é gay, mas você tem que conviver nos ambientes heteros, tem que fazer o que todos os heteros fazem da mesma forma e tudo... então... (KAIRÓS).

Franca não oferece opções para que sejamos nós mesmo, logo somos levados a viver como se fôssemos heterossexuais para sermos aceitos na sociedade, para conseguirmos manter uma vida social. Portanto, pode até ser LGBTQIA+, desde que as pessoas não percebam ou não tenham de lidar com esta realidade.

Para Hermes, “sair do armário” em locais públicos pode inclusive desencadear um processo de violência:

[...] Olha tenho medo de demonstrar afeto em público [...] tipo assim no shopping mesmo [...] você já reparou que os seguranças lá são muito? eles não gostam ... eles falam... que... você não faz parte da família tradicional brasileira... eu já ouvi da boca de alguns seguranças lá de dentro, então assim tem que andar tipo normal pra eles que é tipo andar sem fica encostando muito, né, pode ser perigoso (HERMES)

Nessa perspectiva, Hermes relata sobre o medo que possui em demonstrar afeto em público, não só em ser julgado, mas do risco de agressão, ou humilhação; em outro momento, ele até relata que considera Franca uma cidade tranquila para viver, mas “sair do armário” é um processo contínuo de percepção do ambiente. Thoth também considera Franca uma cidade tranquila:

[...] Franca ainda é uma cidade com características de cidade pequena, mas eu frequentava as boates gays, as poucas que tiveram aqui em Franca, eu ia, sempre gostei das músicas, e ehhhh, é uma sensação tão boa você frequentar uma boate sem medo de que alguém vai estar lá e vai aprontar um escândalo [...] (THOTH).

A cidade oferece em alguns momentos locais para sociabilidade direcionados ao público LGBTQIA+, embora esses lugares não permaneçam funcionando por muito tempo; quando perguntei o motivo ele alegou não saber, mas disse que em Franca é muito comum abrir um barzinho LGBTQIA+ ou uma boate e depois de um determinado tempo fechar.

Para Quiron, “sair do armário”, em Franca, provoca incômodos nas pessoas que conversam com ele ou que de alguma forma tem acesso a expressão do seu ser:

Franca eu nunca fui um gay feliz, São Paulo eu fui muito feliz, mas é uma cidade muito louca pra mim, não é o que eu quero pra minha vida [...] Franca parece que tinha um estigma, sabe assim, eu não podia... não sei... não sei se as pessoas tinham medo de mim, se as pessoas... não sei, não sei mesmo, ser gay em Franca foi um pouco difícil pra mim, assim, as pessoas não chegavam, as pessoas não conversavam... (QUIRON).

Em pleno século XXI, temos de lidar com pessoas que sofrem preconceitos, simplesmente por se reconhecerem como são. No relato de Quiron ele demonstra que a cidade de Franca lhe traz infelicidade e que isso ocorre por ele ter “saído do armário”

de uma forma que todos saibam de sua sexualidade, encontrando, assim, dificuldades para relacionar-se com outras pessoas, seja na construção de novas amizades ou nos relacionamentos amorosos.

Portanto, as grandes metrópoles, diferentemente, das cidades conservadoras como Franca, propiciam para as pessoas LGBTQIA+ mais oportunidades de se expressarem, de construir laços afetivos, de buscarem no gueto a representatividade que precisam para se reconhecerem como pessoas de direito, pessoas que podem, simplesmente, ser.

Desta forma, precisamos pensar em como a discriminação pode acarretar prejuízos emocionais às pessoas LGBTQIA+, e como a diferença gera violência, que consiste na **oitava unidade de significados da pesquisa: Homofobia.**

PRELÚDIO D

A violência, muitas vezes, não só deixa cicatrizes em nossos corpos, mas ela ultrapassa a barreira física, registrando em nossas almas, marcas profundas de medo, insegurança, injustiça. Antes de pensar em qualquer tipo de violência, é preciso salientar que alguns privilégios nos protegem de várias agressões.

Nesse sentido, é sempre importante ressaltar meu lugar de privilégio, de homem branco e classe trabalhadora, sendo assim, afirmo que nunca sofri nenhum tipo de violência física. Mas, tenho algumas lembranças de violências simbólicas, vivenciadas em decorrência da minha orientação sexual.

Sempre estudei em escola pública, e me recordo que aos 8 anos de idade, estava no segundo ano do ensino fundamental e na minha sala havia um menino que vivia me chamando de “viadinho”, “bichinha”, “gayzinho”. Era final de novembro, também era meu último dia naquela escola e o último dia de aula, chovia, o pátio estava repleto de poças d’água. Antes mesmo de entrar para a sala, aquele menino me chamou novamente: “E aí, viadinho?”, por estar cansado das suas ofensas, eu me aproximei e respondi com um soco certo em seu rosto, que o derrubou numa poça d’água, ali eu entendi que eu teria de lutar para ser respeitado. Confesso que essa foi a primeira e a única vez que eu dei um soco em alguém, embora tenha travado várias outras lutas simbólicas ao longo da minha vida.

Houve poucas violências simbólicas que realmente me afetaram, entretanto, em alguns momentos eu me excluía do convívio social para evitar embates com pessoas heteronormativas. Me lembro de uma situação no curso de Psicologia que me marcou e ao mesmo tempo me deixou constrangido. Recordo que este curso pouco abordava as questões de sexualidade, e em uma aula eu senti que a professora havia direcionado um comentário para mim; ela dizia “Olha, se eu fosse homossexual e trabalhasse numa Instituição de ensino, eu nunca revelaria minha sexualidade, afinal, como seria a reação dos meus chefes e pares de trabalho? ”. Era uma professora que eu tinha profunda admiração, e naquela sala de aula a única pessoa LGBTQIA+ que trabalhava numa Instituição era eu, então ela falava para mim, de uma forma indireta, ela dizia que eu não deveria “sair do armário” no meu ambiente de trabalho.

Essa passagem me rendeu várias sessões de terapia, afinal, como eu poderia não ser quem eu sou, no meu ambiente de trabalho? Será que eu daria conta de viver, por anos, fingindo? E meus direitos de incluir meu cônjuge no convênio médico, nos descontos nas mensalidades, na declaração de imposto de renda, o que eu faria? A homofobia nos faz querer fugir de quem somos e nos coloca em situações de perda de direitos.

Tempos depois, Daniel e eu formalizamos nossa união estável, de uma forma silenciosa. Como é injusto! Fomos no cartório, no horário de almoço, registrar nossa união: sem comemoração, sem festa, sem alarde, somente ele e eu. Tínhamos medo da repercussão na família, no trabalho e no meio em que vivíamos. Pouco tempo depois, uma amiga se casou com todo ritual: festa, padrinhos, cerimônia, dia da noiva, dia do noivo, enfim, o ritual todo de um casamento contemporâneo, e me surgiram algumas questões: por que comigo tem de ser diferente? Por que eu não pude fazer festa? Por que não tivemos despedida de solteiro? Por que não tivemos padrinhos? Talvez pelo medo do julgamento e talvez por entender que aquele contrato era apenas uma forma de assegurar nossos direitos: seguro, pensão em caso de morte, direito de ficarmos com nossa casa em caso de morte, direito de sermos um casal, embora tudo acontecesse em segredo. Mais uma vez, me senti marginalizado, e talvez aquela fala da professora, mesmo que não tenha sido na intenção de me ofender, teve uma forte contribuição para este nosso comportamento relativo ao casamento “na surdina”.

Em outro momento, numa aula de pós-graduação de MBA em “Gestão de Pessoas” que cursei com o Daniel, uma professora que sabia que somos um casal, perguntou se podia revelar para a turma sobre nós, ela foi extremamente delicada, tinha ótimas intenções, de naturalizar nossa relação naquele ambiente, mas dissemos que não, ela ficou muito sem graça, mas respeitou. Na aula seguinte, Daniel e eu apresentamos um trabalho sobre “diversidade nas organizações” e revelamos para todos sobre a nossa relação. Naquele momento, a professora abaixou a cabeça e pediu desculpas, pois disse que havia aprendido uma lição que levaria para a vida toda. E a lição consistia em que, por mais que tenhamos boas intenções, cabe à própria pessoa LGBTQIA+ decidir quando está pronto(a) para “sair do armário”. Tudo que excede a isso é uma violência, mesmo que não tenha essa intenção.

Essa história aparece aqui, exatamente para mostrar que existem outras formas de violência, e que nem sempre a pessoa que a comete tem intenção de te magoar, e de fato ela não chegou a nos expor, ela teve o respeito e o bom senso de nos consultar, portanto, diante da vida do outro nos cabe consultar aquilo que o outro deseja fazer com ela.

Outra situação marcante aconteceu em 2016, quando estávamos numa confraternização da empresa em que trabalho, e pela primeira vez eu havia levado o Daniel como meu acompanhante. Me sentei à mesa e conversava com o marido de uma amiga de trabalho, quando outro funcionário interrompe nossa conversa e fala para o marido da minha amiga, quase cochichando: “Por que você está dando atenção para ele? Mudou de time?”. Eu ouvi o comentário e só consegui ter uma reação: fiquei paralisado; já o marido da minha amiga ficou tão sem graça que logo mudou de assunto. Naquele momento, me senti a pior pessoa do mundo, trabalhava na Instituição há 13 anos, mas aquela tinha sido de longe a forma de discriminação simbólica mais dolorida que eu havia experimentado, não acreditava que alguém pudesse falar daquela forma e me deixar sem reação, emudecido como eu fiquei.

Existiram outras situações constrangedoras; acerca de 1 ano, fui fazer compras em um supermercado da cidade junto com o Daniel e o Matheus (nesse processo de desconstrução do Daniel e meu, passamos a questionar porque o relacionamento entre homens deveria seguir a visão normativa que determinava que relacionamento só poderia ocorrer entre duas pessoas, foi quando o Matheus surgiu em nossa vida, em março de 2019, e começamos a vivenciar um relacionamento de trisal). Eu vestia um short curto e quando eu me visto assim, procuro não focar nos outros, se olham ou comentam. Mas, um repositor de mercadoria fez um comentário para outro rapaz (a meu respeito) e o Daniel ouviu, e na hora foi tirar satisfação tendo sido um transtorno. Ainda nos dias de hoje, as pessoas comentam sobre as roupas que usamos.

Portanto, as discriminações sempre giraram em torno do meu jeito de falar, de vestir, mas aprendi a superar, e olhar para cada pessoa com empatia e desconsiderar a opinião dos outros. Atualmente, quanto eu visto um short curto, uma saia, ou uma roupa que foge do padrão estabelecido pelas cisheteronormas, eu visto minha armadura e não recuo diante de qualquer tipo de olhar crítico; naquele momento

o meu desejo é que olhem e que vejam que não irei ceder a nenhuma pressão cadastradora.

5 HOMOFOBIA

Como vimos anteriormente, o processo de “sair do armário” gera muita expectativa e, na maioria das vezes, é um processo repleto de tabu, porque desconhecemos qual será a reação do outro, daquele que está fora, sobre como ele irá nos ver. Será que seremos julgados? O desconhecido causa estranhamento e medo em grande parte das pessoas LGBTQIA+, pois há insegurança em relação à família, já que há uma forte preocupação em relação aos desafios diários a serem enfrentados. Nossa cultura é marcada pela hegemonia masculina e pela violência, como reação a qualquer variação da heteronormatividade.

Nesses termos, é importante compreender a violência como um fenômeno histórico, socialmente construído e que deve ser compreendido a partir da análise das relações socioeconômicas, políticas, culturais e sociais específicas (MINAYO, 2013).

A violência contra as pessoas LGBTQIA+ pode assumir uma forma física ou simbólica. A forma simbólica promove a discriminação e a exclusão que priva a pessoa LGBTQIA+ de seus direitos de cidadãos, colocando-as em uma situação de inferioridade.

Segundo Bastos, Garcia e Sousa (2017), homofobia é o termo mais recorrente quando abordamos o preconceito direcionado aos diferentes grupos de indivíduos que sofrem com o ódio voltado à comunidade de LGBTQIA+. Contudo, se utilizarmos o termo homofobia para tratarmos não só do preconceito direcionado aos gays, mas a todos os sujeitos que compõem a comunidade LGBTQIA+, como iremos perceber as peculiaridades da homofobia e da transfobia como questões distintas? Portanto, resolvemos utilizar o termo homofobia para tratarmos do preconceito direcionado apenas ao público homossexual.

Nesse sentido, a palavra homofobia é considerada um neologismo formado por dois radicais gregos (*homo*=igual + *phobia*=medo). A origem da palavra ocorre em 1971, quando o psicólogo norte-americano George Weinberg a utilizou em seu livro “Society and the Healthy Homosexual”. De acordo com Borrillo (2015, p. 22):

[...] homofobia designa, assim, dois aspectos diferentes da mesma realidade: a dimensão pessoal, de natureza afetiva, que se manifesta pela rejeição dos homossexuais; e a dimensão cultural, de natureza cognitiva, em que o objeto da rejeição não é o homossexual enquanto

indivíduo, mas a homossexualidade como fenômeno psicológico e social. Essa distinção permite compreender melhor uma situação bastante disseminada nas sociedades modernas que consiste em tolerar e, até mesmo, em simpatizar com os membros do grupo estigmatizado, no entanto, considera inaceitável qualquer política de igualdade a seu respeito.

Para Borrillo (2015) existem dois tipos de homofobia: a individual que se expressa pela rejeição e a social que se evidencia pela supremacia heterossexual difundida na sociedade. As construções do masculino geram comportamentos como: homens não devem demonstrar seus sentimentos, mas exercer um controle sobre eles; jamais devem deixar aparente qualquer vulnerabilidade; devem competir entre si como demonstração de força; e, também, não podem se aproximar de homens que sejam afeminados. Ainda seguindo Borrillo:

Fortalecer a homofobia é, portanto, um mecanismo essencial do caráter masculino, porque ela permite recalcar o medo enrustido do desejo homossexual. Para um homem heterossexual, confrontar-se com um homem efeminado, desperta a angústia em relação às características femininas de sua própria personalidade; tanto mais que esta teve de construir-se em oposição à sensibilidade, à passividade, à vulnerabilidade e à ternura, enquanto atributos do “sexo frágil” (BORRILLO, 2015, p. 89).

Ao pensar em homofobia, temos antes de refletir sobre heterossexismo, ou seja, a representação social que os heterossexuais têm em uma determinada comunidade (sociedade), que, por sua vez, está em constante análise. Para Borrillo (2015), o heterossexismo é a consequência psicológica de uma representação social, e aqueles que não se enquadram na heterossexualidade, são vistos negativamente pela maioria que é heterossexual.

Nessa perspectiva, Silva (2000) ressalta que as construções histórico-culturais são perpassadas pelas relações de poder. Portanto, podemos compreender que em uma sociedade, cuja maioria é composta por pessoas heterossexuais, os outros grupos que destoam dessa realidade são tidos como marginais.

Nesse sentido, Borrillo (2010) ressalta que em uma sociedade dominada pelo masculino, a homofobia será um instrumento de vigilância. Assim, os grupos de homossexuais sofrem uma grande rejeição social. E nesse caso, serão sempre classificados como aqueles que não representam a identidade daquela comunidade,

e são taxados como os marginais, pervertidos e, conseqüentemente, sofrerão muito com determinadas atitudes da classe dominante.

Borrillo (2015) crítica esta lógica cultural que convida o homem a mergulhar cegamente em uma das posições binárias impostas em relação à sexualidade e ao gênero. Portanto, além de assumir um posicionamento, os homens são cobrados o tempo inteiro para estarem alinhados com a posição assumida. Assim, não basta ser homem, é necessário apresentar os atributos de força, competitividade e, principalmente, sentir-se atraído por mulheres (CONNEL, MESSERSCHMIDT, 2013). Tudo que foge desta perspectiva é considerado desviante, sendo marginalizado.

Portanto, uma das saídas propostas por Borrillo (2015) para a desconstrução da homofobia, é romper com a imagem da heterossexualidade, como sendo o modelo de naturalidade, ou seja, o ser genérico: tudo que foge desta lógica recebe uma marca, se torna específico, logo diferente.

Para tanto, a sociedade atual segue por um caminho que fortalece a construção do ser abstrato, ou seja, fortalece o modelo de heterossexualidade como o modelo essencial de ser humano. Nossa política tem fomentado cada vez mais uma postura autoritária, fascista, racista, misógina e LGBTQIA+fóbica, que viola os direitos humanos (MIRANDA; LIMA, 2019).

Rios (2009, p. 59), por sua vez, conceitua homofobia como: “a modalidade de preconceito e de discriminação direcionada contra homossexuais”. Vale ressaltar, que o fato de o conceito de homofobia não possibilitar a visibilidade da violência sofrida também por outros grupos que expressam sua sexualidade fora dos padrões heteronormativos, fez com que surgissem diversos termos com o objetivo de especificar e ou ampliar a percepção da experiência violenta vivenciada, tais como: lesbofobia, transfobia e bifobia ou ainda LGBTQIA+fobia.

A homofobia pode se traduzir em atitudes opressivas e mecanismos discriminatórios associados, como o preconceito, a discriminação e a violência. Segundo o “Relatório sobre violência homofóbica no Brasil”, publicado pela Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (BRASIL, 2013), em 2012 as violações dos direitos humanos relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero se traduzem em diferentes espécies de abusos e discriminações.

O Relatório indica que as palavras e ações homofóbicas costumam ser agravadas por aspectos como idade, raça/cor, deficiência e situação socioeconômica. Neste relatório, a homofobia é entendida como: preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas.

Portanto, o comportamento que agrava a homofobia está associado ao fato de que, em pleno século XXI, existem pessoas que ainda atribuem à homossexualidade o caráter doentio, ou a compreendem, como uma doença passível de cura e, nesse sentido, subalternizam a experiência homossexual, inferiorizando-a em detrimento do padrão heterossexual.

Nesse sentido, Quiron relata nunca ter vivenciado a homofobia:

[...] eu posso dizer que eu sou muito privilegiado pra muitas situações, eu não sou aquele cara que sofreu... tirando o *bullying* da escola, eu nunca sofri um ataque homofóbico, eu nunca passei por isso dentro de entrevista de emprego, eu nunca tive esses problemas, sabe assim, eu nunca tive nenhum enfrentamento[...] para mim sempre foi muito fácil nesse aspecto de não sofrer nenhum tipo de preconceito.

Segundo Quiron, ele nunca sofreu nenhuma homofobia, e atribui isso ao fato de ser homem, branco e de classe média; nesse sentido, sabemos que as oportunidades são diferentes, assim como os privilégios ajudam a evitar ou minimizar várias situações discriminatórias. Entretanto, quando “saiu do armário” teve seus direitos extirpados, sua mãe o tirou do trabalho, como já vimos antes, ele ficou cerca de 6 anos lidando com a não aceitação de sua mãe, esta também representando uma situação homofóbica, que produz o sofrimento simbólico.

Nessa perspectiva, a violência simbólica exprime a ideia de que existe uma cultura inferior e uma superior, sendo que a superior é pertencente à classe mais elevada social e/ou financeiramente, como no caso a mãe de Quiron e a família dele, e, a cultura inferior, pertencente à classe mais desprivilegiada, ou seja, o próprio Quiron. Bourdieu (1989) define este fenômeno como a:

Violência suave que ocorre onde se apresentam encobertas as relações de poder que regem os agentes e a ordem da sociedade global. Nesse sentido, o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o “desconhecimento” social do espaço, onde se trava, simbolicamente, a luta de classes (BOURDIEU1989. p. 15, grifo do autor).

Esse tipo de violência está presente em vários setores sociais, sendo muito comum, no âmbito familiar, escolar, no ambiente de trabalho, reproduzindo padrões e costumes sociais da classe dominante. Nestes termos, a mãe de Quiron não permitia que ele voltasse a trabalhar para não ter dinheiro para sair ou encontrar-se com seu namorado.

O *bullying* a que Quiron se referia na escola, estava associado aos apelidos e discriminação que faziam quanto ao seu comportamento, foi a forma que o heterossexismo encontrou para controlar as ações e comportamentos daqueles que fogem das normas impostas nesse ambiente.

Já para Thoth, as violências ocorreram tanto no aspecto simbólico como físico, de acordo com seu relato:

[...] do primeiro ao terceiro colegial, teve violência física em forma de tapa na cara e teve violência através de xingamento do tipo: “Você não é normal? Você é uma aberração!” [...] nessa época, eu não tinha condições de enfrentar e é o que eu te falei eu tomei tapa na cara, eu ouvia uns xingamentos e as vezes eu chegava em casa chorando que eu não aguentava a emoção e eu falava para minha mãe que eu estava com dor de cabeça, com dor de dente, qualquer [...].

Com o relato de Thoth, podemos reforçar a ideia da necessidade de demonstração de poder de uma classe dominante sobre outra; segundo ele, as agressões ocorreram no período em que estudou em um colégio particular, sendo que não eram somente por parte dos alunos, esta transcendia este segmento, pois, seus professores, também o agrediam verbalmente em decorrência da sua sexualidade, e, houve vezes em que seus colegas de sala o agrediram fisicamente, com “tapa na cara”.

Todo esse comportamento, fazia aumentar dentro de Thoth o sentimento de marginalização, de inadequação, afinal, ele chegava a rezar para não ser homossexual, como se a sua sexualidade realmente fosse o problema, sendo que o que está errado é essa estrutura hegemônica machista, que reforça o comportamento heterossexista, e resulta no controle de todo e qualquer indivíduo que arrisque existir e se comportar de modo diferente ao que é socialmente imposto.

Segundo Charlot (2002), a violência enfatiza o uso da força, do poder, da dominação. De certo modo, toda agressão é violência na medida em que usa a força. É a violência enquanto vontade de destruir, de atormentar, que causa problema. Todavia, a violência será bem mais provável na medida em que a palavra se torna impossível.

Essas violências contribuíram para que Thoth desenvolvesse depressão. Em seus relatos, ele descreve o problema de saúde do seu pai, o uso de *crack*, o *bullying*, e o sentimento de reprovação da religião quanto à sua sexualidade, fizeram com que ele muitas vezes tivesse pensamentos suicidas, sentindo-se “inadequado”, e culpado pela saúde do seu pai. Achava que todos estes acontecimentos e sentimentos fossem castigo de Deus, por ele estar se desviando das normas.

Thoth somente foi se encontrar, quando ele passou no vestibular da UNESP e se mudou para Franca-SP; nesta cidade, ele podia ser quem era, tendo sido acolhido pelos amigos da universidade. Encontrou apoio em outra religião, começou a compreender a perda do pai para o crack, que faleceu após cinco anos de luta. Começou a fazer psicoterapia, e passou a se aceitar. Assim, percebemos que esconder por tanto tempo a sua orientação sexual, somada com a discriminação da Igreja Católica e o adoecimento do pai, entre outros, foram fatores que desencadearam uma série de sentimentos, dentre eles a solidão, o medo de rejeição e a depressão. Ainda que Thoth tenha tido a oportunidade de renovar suas esperanças ao mudar para Franca, observamos através de notícias que outras pessoas LGBTQIA+ não têm a mesma oportunidade, e perdem suas vidas apenas por não se enquadrarem nesta visão hegemônica normalizadora.

Prometeu, da mesma forma que Thoth, demonstra como a homofobia e o heterossexismo perseguem os LGBTQIA+:

[...] meu irmão mais novo, um tempo atrás a gente estava brigando... e ele me chamou de mulherzinha sabe... e eu percebi que ele tava tentando me atacar de alguma maneira... talvez me associando a uma mulher sabe... de alguma maneira... eu fiquei muito bravo... eu não tenho nenhum problema em ser mulherzinha, mas tentar me ofender com isso sabe... foi uma agressão aquilo... tipo na hora tanto eu, ele e minha mãe conversou e ele me pediu desculpa, sabe... (PROMETEU)

A discriminação em chamar um homem de mulher ou mulherzinha, o aproxima do contrário de ser homem, na visão heterossexista, que valoriza a força, a

dominação, a masculinidade, passando a marginalizá-lo. O heterossexismo e a homofobia são manifestações de sexismo, não raro, associadas a diversos regimes e arsenais normativos, normalizadores e estruturantes de corpos, sujeitos, identidades, hierarquias e instituições (JUNQUEIRA, 2009).

De acordo com Éribon (2008), as agressões verbais não apenas marcam a consciência dos interlocutores por meio de traumas, mas também, se inscrevem na memória e no corpo, moldando-os e esculpindo a personalidade, a subjetividade e a relação com os outros no mundo.

Éribon (2008, p. 28) reforça este pensamento: “me faz saber que tem domínio sobre mim, que estou em poder dele”. Esse poder tem, primeiramente, o efeito de ferir, e poderíamos dizer que também tem outros efeitos (posteriores ou imediatos, mas, frequentemente, inconscientes) de inscrever a vergonha na vida e constituir a personalidade do insultado.

Nós, pessoas LGBTQIA+, enfrentamos diariamente a discriminação e a exclusão, para alguns a discriminação ocorre de maneira mais direta, como podemos observar no relato de Hórus:

[...] uma vez eu fui num restaurante e aí eu namorava na época né, e aí eu acho que eu dei um beijo, um selinho ou tava de mão dada e aí o garçom veio falar que não era pra eu fazer aquilo dentro do restaurante... de que as pessoas estavam incomodadas... estavam chamando ele pra falar que não era pra gente fazer isso e que se gente continuasse ele ia pedir pra gente sair do restaurante...[...] em outra situação eu tava andando na rua de mão dada e uma criança passou chamando de viadinho, de gay, de coisas assim, né de palavras de peso pejorativo, mas foi só... assim [...] como eu sempre tentei preservar a minha imagem né, não me expor muito... (HÓRUS)

A discriminação se apresenta de diversas formas, e é muito comum ouvirmos assim: “eu não tenho nada contra, desde que não beijem na minha frente...” ou “ser gay tudo bem, mas precisa fazer isso em público?”, há ainda os que falam “ser gay até vai, mas e as crianças?”. Nesse aspecto, fica evidente como o preconceito segrega, afinal, ninguém fica incomodado se vir um casal heterossexual de mãos dadas. O preconceito aterroriza todas as pessoas LGBTQIA+, em todo momento devem avaliar se podem ou não demonstrar carinho em público, e quando isso ocorre, podem ser ridicularizadas, vigiadas a todo momento. Hermes reforça este pensamento relatando:

[...] eu até abraço e beijo em público, mas antes... eu vejo quem está perto, tenho medo de agressão [...] (HERMES).

Nesse sentido, nós LGBTQIA+ estamos sempre em alerta, não podemos nos descuidar, não só pelas agressões verbais, mas, também, em relação às agressões físicas. O Supremo Tribunal Federal (STF) declarou aos 13 de junho de 2019, a criminalização da homofobia enquadrando na Lei de Racismo, assim o colegiado entendeu que a homofobia e a transfobia se acomodam no artigo 20 da Lei 7.716/1989, que criminaliza o racismo. Mesmo assim, temos de estar atentos para não nos tornamos mais um número na estatística de pessoas vítimas de homofobia.

Entre os participantes desta pesquisa, aparece a discriminação no período escolar, como demonstra a fala de Chronos:

Na escola, sempre teve aquela discriminação, aquela certa falação, mas só (CHRONOS).

O período escolar sempre representa um desafio para os LGBTQIA+, período em que lidam, constantemente, as discriminações de professores e colegas de sala.

[...] um tipo de violência pouco documentado quando se tem referência à escola, a homofobia, o tratamento preconceituoso, as discriminações sofridas por jovens tidos como homossexuais, sendo que, muitas vezes, os professores não apenas silenciam, mas colaboram ativamente na reprodução de tal violência (ABRAMOVAY; CASTRO; SILVA, 2004, p. 277).

No período escolar, as pessoas LGBTQIA+ têm de lidar com ofensas. De acordo com Abramovay, Castro e Silva (2004), a linguagem pejorativa nomeia o outro, o diferente, de maneira negativa com o intuito de humilhar. Miskolci (2016) enfatiza o medo que a homossexualidade provoca, uma espécie de necessidade de domínio, assim, quando se chama uma pessoa “de “sapatão” ou “bicha”, não se está apenas dando um “nome” para esse outro, mas julgando essa pessoa e classificando-a como objeto de nojo, “alguém no qual se deve manter distância por temer ser contaminado” (MISKOLCI, 2016, p.43. Grifo do autor).

É importante ressaltar, que não devemos relacionar a homofobia simplesmente a um conjunto de atitudes individuais, mas, é importante pensar na

estrutura, ou seja, nas formulações das matrizes heterossexuais, que impõem a heterossexualidade como obrigatória, e, ainda, normatizando também o gênero.

A homofobia deve ser compreendida como um fenômeno social relacionado a preconceitos, a discriminação e a violência voltados contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade.

PRELÚDIO E

Quando eu comecei a estudar a homossexualidade, em 2010, meu objetivo era, acima de tudo, não só compreender os aspectos teóricos que permeiam a sexualidade, mas perceber como a minha própria sexualidade foi sendo construída.

Muitas pessoas não conseguem compreender a dor que carregamos por sermos marginalizados por algo que nos foge ao controle, que não conseguimos negar, nem deixar de sentir ou ao menos tentarmos constantemente entender. Assim, ser diferente é uma luta diária para defendermo-nos dos diversos discursos (e ações) que desenham nosso comportamento como uma aberração.

Nesse sentido, foi preciso muitos anos de psicoterapia, estudo, de um mergulho interno para perceber que eu não estava doente e, sim, o mundo ao meu redor. A discriminação fere, sangra, dói e não nos deixa esquecer um só minuto das nossas privações e dos nossos medos.

Assim, todo esse processo de me debruçar em cima de leituras sobre a diversidade, me ajudou na desconstrução de muitas aflições, medos, rejeições, preconceitos que em minha vida se fizeram presentes.

Poder olhar para as histórias de pessoas como eu, reais, e compreender como elas lidaram e/ou lidam diariamente com a exclusão, com o preconceito, com os vários “armários” que a sociedade heteronormativa nos obrigam a habitar, me leva à reflexão de que: o fato de eu ser bicha não me torna nem melhor e nem pior que outras pessoas, ser gay não me torna mais ou menos sensível que os outros, ser homossexual não me torna mais ou menos inteligente.

Mas, me reconhecer no espelho, seja como bicha, gay, homossexual, viado, me enche de orgulho. E, ainda, me faz pensar em tantos outros que vieram antes de mim, que lutaram, estenderam as bandeiras, enfrentaram seus medos, e a sociedade, para, enfim, sermos minimamente livres e, conseqüentemente, criarmos um ambiente propício para que hoje eu pudesse não só dizer quem eu sou, mas escrever e registrar a minha história.

Essa realmente é a maior contribuição desta pesquisa, que não foi só realizada através de argumentos e construções de pensamento, mas, também, se deu

ao longo de uma vida, de uma imagem distorcida, da negação de quem se é, e do reencontro, com o corpo, com a alma, com a vida.

Deixo marcadas estas páginas com minhas lágrimas que escorriam ao ouvir cada história de cada participante, como se eu realmente pudesse sentir na minha própria pele, cada soluço, cada sentimento, cada insegurança. Este trabalho é a junção de dor e vida, mas acima de tudo, é a elaboração de uma sexualidade que outrora me fora negada.

E assim, sinto a necessidade de nunca mais ser silenciado, para que eu nunca mais me cale diante da vida, e que cada experiência vivida possa ser compartilhada com aqueles que de alguma forma vivenciam suas vidas na expectativa de não serem exceções, de encontrarem alguém que possa lhes dar a devida atenção e lhes acolher.

No término deste trabalho, eu me despeço daquele menino que se sentia ignorado, que se escondia pelos cantos, por, simplesmente, não querer desapontar seus pais, seus amigos, sua família. Despeço-me, não no sentido de afogá-lo entre tantas lembranças, mas para que ele descanse em paz, e que, enfim, possa dar espaço para outras lembranças e recordações sobre a minha infância, adolescência e vida adulta.

Contudo, no final das entrevistas, ainda tocado por cada resposta de cada participante, tomei a liberdade de construir uma pergunta que não estava prevista no roteiro, mas que era uma forma dos participantes olharem para suas crianças internas, que eu gostaria de compartilhar na íntegra, sem interferência ou recorte, apenas deixando a voz deles ecoarem e refletir, em cada leitor.

A pergunta consiste em: Se você pudesse encontrar com você menino, qual a mensagem que transmitiria a você mesmo?

Assim, vou transcrever literalmente todas as 10(dez) respostas, acrescida da minha, por também me reconhecer como participante deste estudo.

“Olha... seja você, nunca se proíba, seja você mesmo, que esse é seu caminho”. Algumas coisas... a gente acaba fazendo errado, mas eu não arrependo de como foi a minha caminhada... de criança até a minha adolescência... essa questão eu nunca me arrependo... então... vou falar assim: “Continue sendo você mesmo que é isso...” (HERMES).

“Não tenha medo de ser feliz, não tenha medo de quem você é, a sua sexualidade é apenas uma parte do todo, não te coloca nem a mais nem a menos que as outras pessoas e não é isso que define se você é uma pessoa boa ou ruim... então vai fundo e segue sua vida e seja feliz” (HÓRUS).

“Seja você, não tenha medo, mas segura” [...] “Aguenta...” eu me daria uma aula de educação sexual, porque eu acho que eu perdi a virgindade muito cedo e eu acho que... eu tive muitas relações quando eu era muito novo e eu acho que isso afeta meu emocional até hoje (BACO).

[...] eu diria uma série de coisas sobre o processo de se entender e de resistir como um gay no mundo: a) a primeira coisa: existem outras pessoas como você, a luta para se entender como gay não é e nem precisa ser solitária; b) em segundo: há formas mais amorosas de interpretar os textos religiosos, de forma que eles expressem a aceitação do amor na sua diversidade e não o preconceito; e por fim, c) é possível com ajuda profissional deixar para trás todos os preconceitos que ouviu e internalizou sobre gays, de forma que fosse possível estar aberto para se aceitar e se entender como você é, de que é possível ser gay e feliz, independente da condenação social (THOTH).

[...] “o mundo é bem maior do que conhece e tipo assim, não importe tanto”, porque realmente é uma mentalidade bem... bem... bem pequena e que ele tem muita coisa para conhecer na vida, então, tipo assim... “não se prenda a rótulos, pare de tentar forçar uma coisa que não é...” (CHRONOS).

[...] Para ele se abraçar mais e se abraçar mais quem ele é... pra ele não se sentir um peixinho fora d’água ... pra ele não se sentir o diferente de todo mundo, porque na verdade todo mundo tem uma diferença. Para ele se amar mais, porque na vida é isso que importa, sabe... tentar agradar menos o outro... fazer mais aquilo que gosta de fazer (KAIRÓS).

[...] para ele ser menos medroso, pra ele viver mais, muito mais que ele perdeu 14 anos da vida praticamente com medo do que os outros iam achar e ele se arrependeu de certas coisas que deixou de fazer hoje em dia (EROS).

[...] eu falaria pra eu adolescente, poder ser? “Seja feliz do jeito que você é... que sempre vai achar alguém... não que você precise de alguém pra ser feliz, mas dividir a felicidade com alguém é multiplicar ela... E calma... nem tudo é o fim do mundo... desista do curso de publicidade, porque você não vai ser feliz fazendo publicidade” (PROMETEU).

[...] eu me consolaria muito porque eu era uma pessoa que andava literalmente muito triste... porque eu tava perdido... eu olhava na janela via o mar, os barcos e sentia que até eles tinham um rumo certo a chegar, porque a deriva só estava eu... então... é... eu consolaria muito esse menino e, principalmente, daria um conselho... “não submeta ao que os outros dizem... siga o seu coração” (RÁ).

[...] “faça tudo que você fez, faça tudo e não se arrependa de nada, sabe, não se arrependa, faça tudo de novo”, porque foi aquilo que me trouxe até aqui, sabe aquilo que me deu essa força de vontade, sair de casa, arrumar meu próprio canto, e me virar, foi que me deu vontade de... não ter medo de ser quem eu sou [...] “segue tua vida porque lá na frente vai ser legal” (QUIRON).

E por último a minha:

“Primeiro brinque, não queira ser adulto antes do tempo, não precisa se esconder. E se alguém tocar seu corpo sem permissão, grite o mais alto que puder, esperneie, corra, conte para alguém, não tenha medo, você não fez nada de errado. Fale para o seus pais o quanto os ama, mas peça para eles um pouco mais de atenção, peça que eles te olhem. Não tenha medo de ser quem você é... lute sempre, a vida não será fácil para você, mas encontrará verdadeiros anjos pelo caminho. Às vezes, vai ter vontade de desistir, de sumir, de fazer a dor parar... ela vai, um dia a dor para, mas até lá viva tudo que puder viver, você ainda me dará muito orgulho, haverá pessoas que não vão acreditar no seu futuro, no entanto, existirão outras que estarão contigo sempre. ”

Há também uma mensagem que eu deixaria para todas as pessoas LGBTQIA+: “A sua vida importa, importa para mim, e para tantas outras pessoas. Resista, o mundo merece mais cor, abrace a bandeira arco-íris e sinta a força

simbólica que ela lhe trará, e abrace todas as bandeiras com as quais se identifica, no fim, é isso que importa, não são as vitórias que se tem, mas as lutas que se escolhe”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atingimos nosso objetivo principal com esta pesquisa, ao investigarmos o processo de “saída do armário” de gays da cidade Franca-SP. Pudemos reforçar nossa ideia de que há vários “armários” na vida de pessoas LGBTQIA+, e a todo o momento, somos levados a decidir de quais “armários” vamos sair e em quais iremos permanecer. Dentre os “armários”, os participantes elencaram os seguintes, na pesquisa de campo: o armário da família, dos amigos, do trabalho, da religião e ainda a decisão de expor nossas orientações sexuais diante dos locais de socialização e lazer da cidade. Entre os enfrentamentos apresentados pelos participantes, o mais relevante consiste no processo de revelação da orientação sexual para as suas famílias e o seu impacto. Os participantes ainda relataram suas experiências com a homofobia.

Observamos que todos os participantes perceberam que sua orientação sexual desviava da heteronormatividade desde criança, entretanto, a forma de lidar com ela está diretamente associada com seu autoconhecimento, ou seja, quanto antes passaram pelo processo de aceitação, menos impacto tem na construção do seu desenvolvimento sexual.

Nesse sentido, devemos refletir sobre a importância de oferecer informações coerentes quanto ao desenvolvimento sexual, para que as pessoas possam ter consciência de seu corpo, dos seus desejos e possam no seu tempo, se preparar para vivenciarem sua sexualidade de acordo com seus desejos. Assim, falar de sexualidade, desde a infância, poderá contribuir para que as pessoas LGBTQIA+ lidem melhor com suas identidades e/ou orientações sexuais.

Contudo, as famílias ou os responsáveis pela formação da criança devem acompanhar toda mudança de comportamento que esta por vir, no sentido de investigar quais os enfrentamentos, dificuldades ou angústias que ela apresenta. Pela minha vivência, eu teria me sentido muito mais acolhido se alguém tivesse notado a mudança de comportamento na infância, assim como Baco também relatou sobre o abuso sofrido. Dessa forma, as famílias também precisam de espaços onde possam ser acolhidas em suas dores, dúvidas e sentimentos, sem serem culpabilizadas pela “criação de seus filhos”.

Os rótulos que vão se construindo em torno da nossa sexualidade, muitas vezes contribuem para a nossa discriminação; observamos que os participantes lidam com esses rótulos de acordo com: como são e por quem são ditos. Assim, ser chamado de gay, homossexual, bicha, viado, só terá a conotação pejorativa de acordo com o lugar de fala, com a entonação de voz, com o julgamento, com a expressão. Portanto, sempre que nos referirmos à sexualidade de alguém, se faz necessário questioná-la sobre como essa pessoa gosta de ser tratada, para não reproduzirmos as repressões ou discriminações que a mesma possa ter vivenciado.

Nesse sentido, para que haja respeito, não devemos tratar o outro da mesma forma que gostamos de ser tratado, haja vista, que cada pessoa tem uma história de vida, um enfrentamento diante de sua sexualidade, e cada rótulo deve ter o seu consentimento, senão poderá ser encarado como ofensa, ainda que esta não seja a intenção. Assim, devemos consultar o outro como devemos nos referir a ele.

É importante pensar que cada rótulo também revela o nível de autoaceitação que temos em relação a nós mesmos, porque nos permite transitar por tanto nomes que, por muitas vezes, representam formalidades, como evidenciados pelos participantes ao se referirem ao termo homossexual. Quanto ao envolvimento político, vale ressaltar, que quando usamos o termo bicha, que costumeiramente é considerado ofensa ou xingamento, este ganha outra roupagem, quando ressignificado para demonstrar a resistência diante da heteronormatividade.

Nós, pessoas LGBTQIA+, vivemos constantemente rodeadas de “armários” que nos são colocados pela hegemonia, e em momento, somos convidados a pensar de quais desses “armários” iremos sair. Portanto, não há um momento único de saída do “armário”, há uma política que nos coloca nas mais variadas situações das quais decidimos se iremos ou não revelar nossa sexualidade.

Avaliamos cada um desses momentos para pensar nas consequências de revelar ou não nossa sexualidade, seja para os amigos, no trabalho, para a família, para a igreja, na cidade, ou em tantos outros lugares que possamos estar.

Assim, a maioria dos participantes optou por revelar sua sexualidade, primeiramente, aos amigos, por sentirem necessidade de segurança, antes de julgamento. É uma escolha nossa e dos nossos amigos a convivência, o que resulta

também numa aceitação de nossa sexualidade, e quando não há essa aceitação, os amigos se vão e outros substituem esses espaços.

Já em relação à família a dificuldade ainda é maior, uma vez que o processo de substituir a família não é tão fácil como substituir os amigos, ainda mais aqueles que consideram família, somente a família de origem e não a que se constrói ao longa da vida.

As reações das famílias nem sempre podem ser previstas, haja vista, que não dá para saber o quanto o outro sabe sobre mim ou o quanto o outro está imerso nessa heteronormatividade que nos cerceia de sermos nós mesmos. Assim, entre os participantes, há os que temiam revelar a sua sexualidade por medo de serem expulsos de casa, o que acontece ainda frequentemente.

Outro medo que assola as pessoas LGBTQIA+ não é só de serem expulsas de suas casas, mas de como ficará a relação com suas famílias, após essa revelação, o que é sempre uma incógnita. As famílias que aceitam e acolhem seus filhos, promovem uma melhor qualidade de vida para todos, permitindo também que eles se aceitem e desenvolvam sua sexualidade plenamente. No entanto, os rejeitados pela família, travam uma luta constante em buscar aprovação dela e da sociedade, vivenciando o processo de culpabilização.

Há ainda a participação da religião na construção de alguns indivíduos, que castra a sua sexualidade, travando uma batalha diária, como se buscassem uma cura para algum mal que os habita. Entre os participantes da pesquisa, temos aqueles para os quais a religião os ajudou no autoconhecimento, na descoberta da sua sexualidade, mas em contrapartida exigia dele o celibato, a abstinência sexual. Algumas religiões tratavam a homossexualidade como doença, e produziam no indivíduo uma busca constante por uma cura. Outras, os tratavam como uma ação do “demônio”, precisando silenciar seus desejos para estar em harmonia com Deus.

Há ainda as religiões que fogem da hegemonia oferecendo apoio às pessoas LGBTQIA+, propondo também debates, diálogos, conhecer e escutar a suas realidades, promovendo assim, um ambiente mais sadio para a construção do sujeito. Este, por sua vez, entende que não há nada de errado com sua conduta, e que sua orientação sexual não fará diferença em seu caráter. Outras, simplesmente, não julgam ou debatem o assunto, entendem a sexualidade como processos individuais,

que devem ser analisados de acordo com cada um, sendo responsabilizado pelos seus atos.

Desta forma, a religião poderá exercer um papel de importância para promover o autoconhecimento e a aceitação do homossexual ou o seu contrário o seu desconhecimento e a sua condenação. Cabe assim, a cada um perceber o quanto é acolhido, e o quanto esta instituição lhe castra enquanto ser humano.

Dentre os vários “armários” existentes na vida da pessoa LGBTQIA+, encontramos também os locais que possibilitam a socialização e/ou expressão de seus afetos. Com relação a isso, os participantes da pesquisa se dividem entre aqueles que buscam por um lugar reservado voltado para as pessoas LGBTQIA+, e os que se reservam no mundo privado, na intimidade de seus lares, ou seja, em seus “armários”, e quando estão em sociedade, vivem como se não houvesse sexualidade/afeto, restringindo-se, deixando apenas para se expressarem nos locais considerados “adequados”.

Contudo, é importante pensar que Franca ainda se constitui em uma cidade conservadora em relação à diversidade, e não oferece espaços direcionados ao público LGBTQIA+, apenas festas esporádicas ou bares/boates que funcionam por um determinado período e depois fecham suas portas. Assim, as pessoas LGBTQIA+ são levadas a frequentar ambientes, cujos padrões de comportamento estão balizados pela heteronormatividade. Nesses espaços, somos cobrados a apresentar padrões heteronormativos, e quando não cumprimos essas normas, nos colocamos num lugar de vulnerabilidade, podendo até nos submetermos aos ataques homofóbicos.

A homofobia constitui certamente um rompimento com os valores democráticos da sociedade, já que nos coloca num lugar de desigualdade em função dos nossos desejos e afetos, e ainda encoraja a hostilidade ao outro. Nesse aspecto, a postura hegemônica tenta docilizar nossos corpos no sentido de nos submetermos ao padrão estabelecido.

A homofobia não só constitui uma violência física, mas também, uma violência simbólica, que pode ocorrer sem que o agressor se dê conta do resultado de sua ação. Observamos que um dos medos constantes das pessoas LGBTQIA+ está

relacionado com o julgamento do outro, assim, a homofobia se constitui como a principal razão para a existência dos “armários”.

Se ao invés de sermos julgados, fossemos acolhidos, respeitados, muito provavelmente, não existiriam tantos “armários” na vida de uma pessoa LGBTQIA+, mas a discriminação acontece em nossos lares, em nossos trabalhos, nas ruas, nos estabelecimentos comerciais, nas escolas.

Morre um LGBTQIA+ a cada 23 horas no Brasil, vítima da violência (SOUSA, ARCOVERDE, 2019); somos silenciados com marcas que se estendem entre nossos corpos e almas. Os jovens LGBTQIA+ lidam ainda, diariamente, com o *bullying* na escola, que se dá não só pelos seus colegas de sala de aula, mas também por professores, funcionários, diretores, coordenadores, entre outros.

Atualmente, os avanços que temos nas leis que asseguram nossa liberdade e sobrevivência, surgem através do Superior Tribunal de Justiça, ou seja, não há mobilização política para nos proteger. É um desafio nos dias de hoje, diante de uma política conservadora, poder ser quem somos, e, ainda, estarmos vivos e constituindo nossas famílias.

Nesse sentido, propomos para estudos posteriores o processo de vivência da homossexualidade na velhice e os “armários” que esta fase apresenta.

Nesta tese, pude encerrar o ciclo de aceitação da minha própria sexualidade e da compreensão de que muitas angústias que eu enfrentei e enfrento ao longo do meu processo de saída dos vários “armários”, são comuns a outras pessoas LGBTQIA+, e revelar a minha sexualidade nesta pesquisa, também se tornou uma escolha de saída do “armário” no meio acadêmico, no intuito de colaborar para que outras pessoas LGBTQIA+ possam fazer o mesmo. Quem sabe o universo acadêmico consiga olhar efetivamente para esta questão, encarando de frente os preconceitos e as discriminações existentes.

7 REFERÊNCIAS

- ABIB, J. A. D. Ensaio sobre o desenvolvimento humano na pós-modernidade. *Psicologia em Estudos*, Maringá, v.13, n.3, p. 417-427, jul-set 2008. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/pe/v13n3/v13n3a02.pdf>> acesso em 20 abr 2020.
- ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. *Juventude e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.
- ANTUNES, E. W. *Desenvolvimento como liberdade: as vozes de líderes de grupos e/ou movimentos LGBT da cidade de Franca*, 2015. (Dissertação de Mestrado), Centro Universitário Municipal de Franca, Uni-FACEF, 2015.
- ANTUNES, E. W. *Homossexualidade: um estudo dos arquétipos constelados em homossexuais masculinos portadores do vírus HIV*, 2011. (Trabalho de Conclusão de Curso), Centro Universitário Municipal de Franca, Uni-FACEF, 2011.
- ANTUNES, M. C.; PAIVA, V. S. F. Territórios do desejo e vulnerabilidade do HIV entre homens que fazem sexo com homens: desafio para a prevenção. *Temas de Psicologia*, Ribeirão Preto, v. 21, n.3, p.1125-1143, dez 2013. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v21n3/v21n3a19.pdf>> acesso em 01 jan 2019.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2015.
- BARBOSA, A.S. *Empresariado fabril e desenvolvimento econômico: empreendedores, ideologia e capital na indústria do calçado (Franca, 1920-1990)*. São Paulo: Hucitec; Fapesp, 2006.
- BASTOS, G. G.; GARCIA, D. A.; SOUSA, L. M. A. A homofobia em discurso: Direitos Humanos em circulação. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, v.17, n.1, p.11-24, jan-abr 2017. Disponível < <https://www.scielo.br/pdf/ld/v17n1/1518-7632-ld-17-01-00011.pdf>> acesso 12 jan 2020.
- BEAUVOIR, S. *O segundo sexo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BELLINI, M. I. B. A família como metáfora da fraternidade. *Revista Virtual Textos e Contextos*, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 1-9, nov. 2002. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fass/article/view/926/706>>, Acesso em 25 ago 2017.

BORGES, M. A. *Entre trevas e arco-íris: colorindo a diversidade no ensino médio*. Franca, 2018. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Universidade Estadual Paulista “Júlio Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, 2018.

BORRILLO, D. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: 2015.

BOTELHO, I. Orgulho LGBTQIA+: conheça a história do movimento por direitos. *Mercantizar*, 2020. Disponível em <<https://mercadizar.com/noticias/orgulho-lgbtqi-conheca-a-historia-do-movimento-por-direitos/>> Acesso 12 jan 2021.

BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertran Brasil, 2012.

BOURDIEU, P. *Contrafogo 2: por um movimento social europeu*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BOURDIEU, P. *Meditações pascalianas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BOURDIEU, P. *Poder simbólico*. 2.ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BRAGA, R. Cidades médias e aglomerações urbanas no Estado de São Paulo: novas estratégias de gestão territorial. In: Encontro de Geógrafos da América Latina, 10., *Anais...* São Paulo, 2005.

BRANDÃO, C. R. *Identidade e Etnia*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

BRASIL. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social. Brasília: Diário Oficial da União, 2016. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm> acesso 20 abr 2019.

BRASIL. Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016. Dispõe sobre o uso do nome social. Brasília: Diário Oficial da União, 2016. Disponível em

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm>

acesso 20 abr 2019.

BRASIL. Lei 7.716, de 5 janeiro de 1989. Dispõe sobre a criminalização do racismo.

Brasília: Diário Oficial da União, 1989. Disponível em

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207

.716%2C%20DE%205%20DE%20JANEIRO%20DE%201989.&text=Define%20os%

20crimes%20resultantes%20de,de%20ra%C3%A7a%20ou%20de%20cor> acesso

em 10 jan 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Painel Coronavírus. Ministério da Saúde, 2020.

Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em 22 de abril de 2020.

BRASIL. Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República. *Relatório*

sobre violência homofóbica no Brasil: ano de 2012. Brasília: SEDH, 2013.

Disponível em: <[http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-](http://www.sdh.gov.br/assuntos/lgbt/pdf/relatorio-violencia-homofobica-ano-2012)

homofobica-ano-2012>. Acesso em: 15 ago 2014.

BRAUNER, M. C. C. Casamento desfeito, transitoriedade e recomposição familiar.

IN: SOUZA, I. M. C. C. *Casamento-uma escuta além do judiciário*. Florianópolis:

Voxlegem, 2006.

BRILHANTE, A. V. M.; MOREIRA, C. Formas, fôrmas e fragmentos: uma exploração

performática e autoetnográfica das lacunas, quebras e rachaduras na produção de

conhecimento acadêmico. *Interface: Comunicação, Saúde, Educação*, Botucatu, v.

20, n. 59, p. 1099-1113, out-dez. 2016. Disponível

em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000401099&lng=en&nrm=iso)

32832016000401099&lng=en&nrm=iso> acesso em: 17 jun. 2020.

BRITO, V. Um convite à pesquisa: epistemologia qualitativa e Psicodrama. IN:

MONTEIRO, A. M.; MERENGUÉ, D.; BRITO, V. *Pesquisa qualitativa e Psicodrama*.

São Paulo: Ágora, 2006.

BRUSCHINI, C. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A. *Infância e violência*

doméstica: fronteiras do conhecimento. São Paulo: Cortez, 1995.

BUTLER, J. *Problemas de gênero*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAMARGO, Ana; RIBEIRO, Claudia. *Sexualidade(s) e infância(s)*. Campinas: UNICAMP, 1999.

CARDOSO, A. M. *Percurso de um símbolo: manifestações do símbolo paterno nos primórdios das culturas grega e hebraica e na contemporaneidade*, 2005. (Dissertação de mestrado) Universidade Católica do Salvador, 2005.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*, Porto Alegre, v.4, n.8, p. 432-443, jul-dez 2002.

CHAUNCEY, G. *Gay New York: gender, urban culture, and the making of the gay male world, 1890–1940*. New York: Basic Books, 1994.

CONCEIÇÃO, D. G. O. Serviço Social e prática pedagógica a arte como instrumento de intervenção social. *Serviço Social em Revista*, Londrina, v. 12, n.2, jan./jun. 2010. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/7542/6830>> Acesso em 20 ago 17.

CONNELL, R. W; MESSERSCHMIDT, J. W.; FERNANDES, F. B. Martins. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.21, n.1, p.241-282, jan-abril 2013.

COSTA, J. F. *A ética e o espelho da cultura*. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.

COSTA, M. *Sexualidade na adolescência: dilemas de crescimento*. Porto Alegre: L&PM, 1996.

DANTAS, B. S. A. A dupla linguagem do desejo na igreja evangélica Bola de Neve. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v.30, n.1, p.53-80, 2010.

DIANA, A. *Mitologia: Eros*, 2020. Disponível < <https://www.todamateria.com.br/deus-eros/#:~:text=Eros%20%C3%A9%20representado%20como%20um,aparecer%20como%20uma%20crian%C3%A7a%20alada.>> acesso 19 nov 2020.

DIAS, M. T. *Os donos da voz: indústria fonográfica brasileira e mundialização da cultura*. 2 ed. São Paulo: Boitempo, 2008

DINIS, N. F.; CAVALCANTI, R. F. Discursos sobre homossexualidade e gênero na formação em pedagogia. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, p. 99-109, maio/ago. 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072008000200008&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 dez. 2019.

DRESCHER, J. O que tem em seu armário? In: LEVOUNIS, P.; DRESCHER, M.; BARBER, M. E. *O livro fracassos clínicos GLBT*. Porto Alegre, Artemed, 2014.

DRESCHER, J. *Psychoanalytic therapy and the gay man*. Hillsdale, NJ: Analytic Press, 1998.

DUARTE, A. J. O. Religião e comportamento sexual: concepções cristãs sobre sexualidade. *Relegens Thréskeia: estudos e pesquisa em religião*, v.6, n.1, p.74-98, 2017.

ELLER, Cassia. *Rubens*. 1990. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=zmp4N-zZ-KE>> acesso em 12 jan 2021.

ENGELS, F. *A origem da família, da propriedade privada e do estado*. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

ÉRIBON, D. *Reflexões sobre a questão gay*. Rio de Janeiro: Cia de Freud, 2008.

FACCHINI, R. História da luta de LGBT no Brasil. *Cadernos Temáticos do CRP SP: Psicologia e Diversidade Sexual*, São Paulo, n.11, p. 10-19, 2011.

FACCHINI, R. Movimento homossexual no Brasil: recompondo um histórico. *Cad. AEL*, v.10, n. 18/19, 2003.

FACCHINI, R. *Sopa de letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades nos anos 90*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FALQUET, J. *De la cama a la calle: perspectivas teóricas lésbico-feministas*. Bogotá: Brecha Lésbica, 2006.

FARIAS, H. S. O avanço da Covid-19 e o isolamento social como estratégia para redução da vulnerabilidade. *Espaço e Economia - Revista Brasileira de Geografia Econômica*, v 9, n. 17, p. 1-13, 2020. Disponível em

<file:///C:/Users/edney/Downloads/espacoeconomia-11357.pdf> acesso em 17 nov 2020.

FAVARO, D. *Chronos e Kairós, mitos sobre o tempo*. Ciclos Espaço Terapêutico, 2020. Disponível em < <http://www.ciclosararas.com.br/textos/ler.php?id=12>> Acesso em 19 nov. 2020.

FERRARI, A. Revisando o passado e construindo o presente: o movimento *gay* como espaço educativo. *Revista Brasileira de Educação*, n.25, p. 105-115, jan-abr, 2004.

FIOCRUZ. Fundação Oswaldo Cruz. *A quarentena na Covid-19: orientações e estratégias de cuidado*. Fio Cruz, 2020. (Cartilha). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/42360/2/Sa%3%bade-Mental-e-Aten%3%a7%3%a3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-A-quarentena-na-Covid-19-orienta%3%a7%3%b5es-e-estrat%3%a9gias-de-cuidado.pdf>> Acesso em 17 nov 2020.

FISCHER, E. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade*. Rio de Janeiro: Graal, v.1, 2012. (Vontade de saber)

FONSECA, C. O casamento revisitado: afetos em diálogo com a lei. IN: SOUZA, I. M. C. C. *Casamento: uma escuta além do judiciário*. Florianópolis: Voxlegem, 2006.

FONSECA, C. Uma genealogia do gênero. *Revista Antropológicas*, Recife, v. 1, n.2, p. 5-22, 1997.

FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. 6. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

FOUCAULT, M. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. 7. ed. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro, 2007.

FRANCA. Prefeitura Municipal de Franca. *A história de Franca*. 2017. Disponível em < <https://www.franca.sp.gov.br/>> acesso em 10 jan 2021.

FRANCHINI, B. S. O que são as ondas do feminismo? *Revista QG Feminista*, 2017. Disponível em: <<https://medium.com/qg-feminista/o-que-s%C3%A3o-as-ondas-do-feminismoeeed092dae3a>> Acesso em: 25 jan 2021.

FREUD, S. *Edição standard brasileira das obras de Sigmund Freud*, v 24. Rio de Janeiro: Imago. 1996.

FRY, P.; MACRAE, E. *O que é homossexualidade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GAARDER, J. et al. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GAGNON, J. H. Gender preference in erotic relations: the Kinsey scale and sexual scripts. In: MCWHIRTER, D. P.; SANDERS, S. A.; REINISCH, J. M. *Homosexuality/heterosexuality: concepts of sexual orientation*. New York: Oxford, p. 177-207, 1990.

GODOY, G. *O mito de Quiron, o curador ferido*, 2020. Disponível em <<http://www.gilbertogodoy.com.br/ler-post/o-mito-de-quiron--o-curador-ferido#:~:text=Conta%20a%20lenda%20que%20Chronos,sua%20mulher%2C%20a%20deusa%20R%C3%A9ia.&text=Quiron%20herdou%20do%20pai%20a,dom%20de%20prever%20o%20futuro.>> acesso 20 nov 2020.

GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOHN, M. G. (Org). *Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

GOMES, A. T. *Sociodrama com estudantes universitários: um instrumento de investigação e promoção de saúde mental*, 2019. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2019.

GREEN, J. N. *Além do carnaval: a homossexualidade no Brasil no século XX*. São Paulo: Unesp, 2000.

GRIZZO, A. Os deuses do vinho; além de Baco, quem são eles?, *Adega*, 2016. Disponível: <https://revistaadega.uol.com.br/artigo/os-deuses-do-vinho_9989.html> acesso 19 nov 2020.

HEILBORN, M. L. Construção de si, gênero e sexualidade. IN: HEILBORN, M. L. (org.). *Sexualidade: o olhar das ciências sociais*. Rio de Janeiro: Zahar, p. 40-59, 1999.

HOLTER, O. G. Social theories for researching men and masculinities: direct gender hierarchy and structural inequality. In M. S. KMMEL, J. Hearn; CONNELL, R. W. (Orgs.). *Handbook of studies on men & masculinities*. California: Sage, p. 15-34, 2004.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. *Cidades e estados*: Franca/SP. 2018. Disponível em < <https://www.ibge.gov.br/cidades-e-estados/sp/franca.html?>> acesso em 10 set 2020.

JUNQUEIRA, R. D. Educação e homofobia: o reconhecimento da diversidade sexual para além do multiculturalismo liberal. In: JUNQUEIRA, R. D. (Org.). *Diversidade sexual na educação*. Brasília: MEC, Unesco, 2009.

KAHHALE, E. M. P; PEIXOTO, M. G.; GONÇALVES, M. G. M. A produção do conhecimento nas revoluções burguesas: aspectos relacionados à questão metodológica. In: KAHHALE, E. M. P; PEIXOTO, M. G.; GONÇALVES, M.G. M. (Org.). *A diversidade da psicologia: uma construção teórica*. São Paulo: Cortez, 2002.

KIMMEL, M. A. Produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes Antropológicos*, v.4, n.9, p.103-118, 1998.

KUPFER, M. C. “O desejo de saber”. Tese de doutorado. Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 1990

LAMONT, M. *The dignity of working men: morality and the boundaries of race, class, and immigration*. Cambridge: Harvard University Press, 2000.

LAQUEUR, T. *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumara, 2001.

LAW, J. *After Method: mess in social science research (annotated edition.)*. New York: Routledge, 2004.

- LIMA, F. M.; DINIS, N. F. Corpo e gênero nas práticas escolares de educação física. *Currículo Sem Fronteiras*, v.7, n.1, p.243-252, jan-jun 2007. Disponível: <<http://www.curriculosemfronteiras.org/vol7iss1articles/limadinis.pdf>> acesso 20 dez 2020.
- LOMANDO, E.; WAGNER, A. Reflexões sobre termos e conceitos das relações entre pessoas do mesmo sexo. *Revista Sociais e Humanas*, Universidade Federal de Santa Maria, v.22, n. 2, p. 1-18, 2009.
- LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LOURO, G.L. *Um corpo estranho: ensaios sobre teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- MACHADO, F. V.; PRADO, M. A. M. Movimentos homossexuais: a constituição da identidade coletiva entre a economia e a cultura. O caso de dois grupos brasileiros. *Interações*, v.10, n.19, p. 35-62, jan-jun 2005.
- MACRAE, E. Em defesa do gueto. *Novos Estudos CEBRAP*, São Paulo, v.2, n.1, p.53-60, 1983.
- MAGEE M, MILLER D. Psychoanalysis and women's experiences of "coming out": the necessity of being a bee-charmer. *Journal of the American Academy of Psychoanalysis and Dynamic Psychiatry*, n. 22, p.481–504, 1994. Disponível em <<https://www.yumpu.com/en/document/view/11638635/psychoanalysis-and-womens-experiences-of-coming-out>> acesso em 11 jan 2021.
- MARICATO, E. *Brasil, cidades: alternativas para a crise urbana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- MARIN, A.; PICCININI, C. A. *Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura*. *Revista Psico*, v. 40, n. 4, p. 422-429, 2009.
- MAZZOTTI, A. A. J. O debate atual sobre os paradigmas de pesquisa em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 96, p.13-23, 1996.

MC LINN da Quebrada. *“Bixa preta”*. São Paulo: Som Livre, 2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WZDtVghB-WQ>> acesso em 12 jan 2021.

MCDARRAH, F. *Pride: photographs after Stonewall*. Nova Iorque: Or Books, 2019.

MCQUEEN, P. *Subjectivity, gender and the struggle for recognition*. London: Macmillan, 2015

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MINAYO, M.C.S. Conceitos, teorias e tipologias de violência: a violência faz mal à saúde individual e coletiva. In: NJAINE, K.; ASSIS, S.G.; CONSTANTINO, P. (Org). *Impactos da violência na saúde*. Rio de Janeiro: EAD/ENSP, 2013.

MIRANDA, M. H. G.; LIMA, L. S. G. A. A prática pedagógica dos direitos humanos: marcadores sociais da diferença e o combate ao bullying, *Revista Momento-Diálogos em Educação*, v. 28, n.1, p. 328-348, jan-abr 2019. Disponível em <<https://periodicos.furg.br/momento/article/view/7847/5797>> acesso 12 jan 2021.

MISKOLCI, A. O armário ampliado: notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. *Revista Gênero*, Niterói, v. 9, n. 2, 2009. Disponível em <<http://www.revistagenero.uff.br/index.php/revistagenero/article/view/88>> Acessado em 25 jan 2020.

MISKOLCI, R. A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, Porto Alegre, v.11, n.21, p.150-182, jan-jun 2009. Disponível <<https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>> acesso em 12 jan 2021.

MISKOLCI, R. *Teoria queer: um aprendizado pelas diferenças*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica; Universidade Federal de Ouro Preto, 2016.

MOLINA, L. Pluralizando a arte de amar: a homossexualidade e a historiografia da trajetória do movimento homossexual. *Métis: História & Cultura*, v.10, n.20, p. 17-34, jul-dez 2011.

MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 2003.

MOSSE, G. *The image of man: the creation of modern masculinity*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

MOTT, L. *Homossexualidade: mitos e verdades*. Salvador: Ed. Grupo Gay da Bahia, 2003.

MURRAY, S. O. The comparative sociology of homosexualities. In: RICHARDSON, D.; SEIDMAN, S. *Handbook of lesbian and gay studies*. London: SAGE Publications, p. 83-96, 2007.

NATIVIDADE, M. Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 21, n. 61, p.115-132, jun. 2006.

NEDER, M. O psicólogo e a pesquisa psicológica na instituição hospitalar. *Revista de Psicologia Hospitalar*, São Paulo, n. 2, p. 2-4, jul./dez. 1993.

NICHOLSON, L. Interpretando o gênero. *Revista Estudos Feministas*, Universidade Federal de Santa Catarina, v.8, n.2, p. 1-33, 2000.

NUNAN, A. *Homossexualidade e discriminação: o preconceito sexual internalizado*. 2007. 390 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007. NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

NUNES, C. A. *Desvendando a sexualidade*. Campinas: Papirus, 1987.

NUNES, C.; SILVA, E. *A educação sexual da criança: subsídios teóricos e propostas práticas para uma abordagem da sexualidade para além da transversalidade*. Campinas: Autores Associados, 2006.

NYE, A. *Teoria feminista e as filosofias do homem*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

OLIVEIRA, C. A. Sexualidade: um desafio escolar. IN: BONA JUNIOR, A. (Org). *A sexualidade em questão: estudos e subsídios sobre o abuso e a educação sexual de crianças e adolescentes*. União da Vitória: Uniporto, 2011.

OLIVEIRA, V. E. M.; FINCO, D. “Enfrentei muitas tempestades como professor de educação infantil”: um debate sobre identidade docente e homossexualidade masculina. *Zero-a-Seis*, Florianópolis, v.22, n.42, p.580-604, jul/dez, 2020. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.5007/1980-4512.2020v22n42p580>> Acesso 25 jan 2020.

PARKER, R. *Abaixo do equador: culturas do desejo, homossexualidade masculina e comunidade gay no Brasil*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

PEDRO, J. M. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v. 24, n.1, p. 77-98, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/his/v24n1/a04v24n1.pdf>> acesso em 08 jun 2017.

PÉRET, F. *Imprensa gay no Brasil*. São Paulo: Publifolha, 2011.

POSTER, M. *Teoria crítica da família*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRADO, M. A. M.; MACHADO, F. V. *Preconceito contra homossexualidades: hierarquia da invisibilidade*. São Paulo: Cortez, 2008.

PUCCINELLI, B. O Shopping Frei Caneca e a rua gay de São Paulo: uma abordagem etnográfica. In: *Fazendo Gênero 9: Diásporas, Diversidades, Deslocamentos*, 23-26 ago 2010. Disponível: <[http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277840437_ARQUIVO_BrunoPuccinelli\[textoFG9\].pdf](http://www.fg2010.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1277840437_ARQUIVO_BrunoPuccinelli[textoFG9].pdf)> acesso em 20 abr 2020.

RAINHO, D. *Thoth – deus egípcio do conhecimento e da luz*, 2015. Disponível <<https://perdido.co/2015/02/thoth-deus-egipcio-conhecimento-e-da-luz/>> acesso 19 nov 2020.

RAMALHO, C. M.R. *Aproximações entre Jung e Moreno*. São Paulo: Ágora, 2002.

RASERA, E. F.; JAPUR, M. Contribuições do pensamento construcionista para o estudo da prática grupal. *Psicologia: reflexão e crítica*, v.14, n.1, p. 201-209, 2001.

REY, F. G. *La investigación cualitativa en Psicología*. São Paulo: EDUC, 2000.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RIBEIRO, M.O., DIAS, A.F. Child-juvenile prostitution: a systematic literature review. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, v. 49, n.2, p. 462-468, nov. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/en_a29v43n2.pdf> Acesso em 03 jan 2021.

RIOS, R. R. Homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. In: JUNQUEIRA, R. D. *Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação, 2009. p. 53-83.

ROCHA, M. L. Psicologia e as práticas institucionais: a pesquisa-intervenção em movimento. *Psico*, v. 37 n. 2, p. 169-174, maio/ago 2006.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

RUMENS, N. Postfeminism, men, masculinities and work: a research agenda for gender and organization studies scholars. *Gender, Work & Organization*, v.24, n.3, p. 245-259, maio 2017. Disponível: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/gwao.12138>> acesso 10 jan 2021.

SAGGESE, G. S. R. *Quando o armário é aberto: visibilidade, percepções de risco e construção de identidades no coming out de homens homossexuais*. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, J. V. T. Violências e dilemas do controle social nas sociedades da “modernidade tardia”, *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v. 18, n. 1, 2004.

SANTOS, M. A região cresce mais que a metrópole. In: SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade*. São Paulo: Hucitec/Editora PUC-SP, 1994.

SÃO PAULO. Decreto nº55.588, de 17 de março de 2010. Dispõe sobre o desenvolvimento social e direitos humanos. São Paulo: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2010. Disponível em <<https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/decreto/2010/decreto-55588-17.03.2010.html>> acesso em 20 abr 2019.

SARTI, C. A. *A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

SAYAO, D. T. *Relações de gênero e trabalho docente na educação infantil: um estudo de professores em creches*. 2005. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em <<http://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106572>> Acesso 25 jan 2021.

SCHERER-WARREN, I. O caráter dos novos movimentos sociais. In: SCHERER-WARREN, I; KRISCHEKE, P. *Uma revolução no cotidiano?: os novos movimentos sociais na América do Sul*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SEDGWICK, E.K. Epistemologia do armário. *Cadernos Pagu*, v.1, n.28, p.19-54, jan-jun 2007. Disponível < <https://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/03.pdf>> Acesso 20 dez 2020.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. IN: Silva, T. T. (org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SIMÕES NETO, J. P. et al. As representações da diversidade sexual no campo religioso. *Serviço Social e Realidade*, Unesp, v. 18, n.1, p.241-276, 2009.

SIMÕES, J. A.; FRANÇA, I. L.; MACEDO, M. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo, *Cadernos Pagu*, Campinas, n.35, p.37-78, jul-dez 2010.

SOARES, A. C. N. *Mulheres chefes de família: narrativa e percurso ideológico*. Franca: UNESP/FHDSS, 2002.

SOUSA, V.; ARCOVERDE, L. Brasil registra uma morte por homofobia a cada 23 horas, aponta entidade LGBT: Dia Internacional de Combate à Homofobia e Transfobia é celebrado nesta sexta-feira (17). *G1 Globo*, São Paulo, 17 maio 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2019/05/17/brasil-registra-uma-morte-por-homofobia-a-cada-23-horas-aponta-entidade-lgbt.ghtml>> acesso em 04 fev 2021.

STAUB, F. R. B. B.; GRAUPMANN, E. H. Educação infantil: uma abordagem sobre a sexualidade. IN: *XII Congresso Nacional de Educação. Educere*. Curitiba: PUCPR, 26-29 out 2015. Disponível em:

<https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/19270_8884.pdf>, acesso em 20 dez 2020.

SZASZ, T. S. *The manufacture of madness: a comparative study of the inquisition and the mental health movement*. New York: Harper & Row, 1977.

SZYMANSKI, H. *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2011.

THERBORN, G. *Sexo e poder: a família no mundo, 1900-2000*. São Paulo: Contexto, 2006.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 6.ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. 586 p.

TROIDEN, R. R. Self, self-concept, identity, and homosexual identity: constructs in need of definition and differentiation, *Journal of Homosexuality*, v.10, 1985.

VAÍNFAS, R. *Trópico dos pecados: moral, sexualidade e inquisição no Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.

VEGA, A P. *Estilo e marcadores sociais da diferença em contexto urbano: uma análise da desconstrução de diferenças entre jovens em São Paulo*, 2008. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social), Universidade de São Paulo, Faculdade Letras, Filosofia e Ciências Humanas, 2008.

VIEIRA, A. J. Do altar para as ruas: luta, resistência e construção identitária de gays, lésbicas, bissexuais e transgêneros. *Bágoas*, Natal, v. 1, n. 2, p. 171-190, 2008.

VIEIRA, K. R.; KARPINSKI, C. Os estudos de usuários para as minorias sociais. *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, v. 15, n.1, p.60-76, 2019. Disponível em <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/viewFile/1130/1096>> acesso em 20 jan 2021.

WEEKS, J. O corpo sexuado. IN: LOURO, G.L. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 35 – 83, 2000.

WORLD HEALTH ASSOCIATION. *Division of Mental Health. Qualitative Research for Health Programmes*. Geneva: WHA, 1994.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Coronavirus disease 2019 (COVID-19): situation report, 1*. Disponível em: <https://www.who.int/docs/default-source/coronaviruse/situation-reports/20200121-sitrep-1-2019-ncov.pdf?sfvrsn=20a99c10_4> Acesso em 30 dez 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO). *Defining sexual health: report of technical consultation on sexual health*. Geneva, 2006.

WORTHINGTON, R. L.; REYNOLDS, A. L. Within group differences in sexual orientation and identity. *Journal of Counseling Psychology*, n.56, p. 44-55, 2009.

ZAGO, L. F. “Armários de vidro” e “corpos-sem-cabeça” na biossociabilidade gay online. *Interface: Comunicação, Saúde e Educação*, Botucatu, v.17, n.25, p. 419-431, abr-jun 2013. Disponível em <<https://www.scielo.org/pdf/icse/2013.v17n45/419-432/pt>> acesso 27 jan 2021.

ZAMBRANO, E. *O direito à homoparentalidade: cartilha sobre as famílias constituídas por pais homossexuais*. Porto Alegre: Vênus, 2006.

APÊNDICE I:
ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. PERFIL DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA

Nome: _____

Nome fictício: _____

Idade: _____

Religião: _____ Nível escolaridade: _____

Profissão: _____ Emprego atual: _____

Renda per capita familiar: _____

Quantas pessoas moram na residência?

Quem são as pessoas que moram com você?

Qual seu estado civil?

Está em algum relacionamento amoroso?

2. SEXUALIDADE

- Como foi o processo de percepção da sua orientação sexual?

- Quais foram as primeiras pessoas com quem compartilhou sua orientação sexual?

Como foi a reação dessas pessoas?

- Revelou para a família sobre sua orientação sexual? Se sim, como foi este processo?

- Houve enfrentamentos, dificuldades e conquistas relativas à convivência interpessoal em decorrência da sua orientação sexual? Como ocorreram? Teve algum suporte (apoio) de alguma pessoa? Se sim, quem te apoiou e como?

- Atualmente com quem você pode contar quando apresenta algum problema?

- Como é ser *gay* em Franca?

- Já sofreu algum tipo de violência ou agressão por conta da sua sexualidade? Como foi?

APÊNDICE II:
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



“A VIDA DENTRO E FORA DO ARMÁRIO”: RELATOS DE HOMENS GAYS ACERCA DOS PROCESSOS CONTÍNUOS DE REVELAÇÃO DA SUA ORIENTAÇÃO SEXUAL

Gostaria de convidá-lo a participar da pesquisa intitulada "A vida dentro e fora do armário: relatos de homens gays acerca dos processos contínuos de revelação da sua orientação sexual", que compõe meu Doutorado em Serviço Social realizado na Faculdade de Ciências Humanas e Sociais - UNESP – Campus de Franca, e será conduzida por mim, Edney Wesley Antunes, homem, branco, gay, psicólogo, mestre em Desenvolvimento Regional, psicodramatista em formação e orientado pela Profa. Dra. Ana Cristina Nassif Soares.

Para tanto segue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), reforçando e explicando assim o convite para a sua participação nesta pesquisa.

O presente trabalho tem como objetivo geral investigar o processo de “sair do armário” de homens gays. E os objetivos específicos consistem em averiguar as dificuldades, enfrentamentos e conquistas com a “saída do armário” e ainda levantar quais os “armários” existentes no cotidiano dos participantes da pesquisa. Este projeto compõe uma pesquisa-intervenção de natureza qualitativa, sendo que a pesquisa de campo é constituída por uma entrevista inicial, pela realização de três sessões de Sociodrama Temático e uma entrevista final, com o intuito coletar os dados. Devido à pandemia do COVID-19, todas estas etapas da pesquisa serão realizadas pelo “google meet” ou “hangout”, que são plataformas de reuniões virtuais.

Os procedimentos utilizados nesta pesquisa obedecem à resolução nº510/2016 do Ministério da Saúde, referente à pesquisa com seres humanos, sendo respeitados: o sigilo quanto à pessoa e sua participação; a garantia de liberdade de escolha quanto à participação ou não na pesquisa, bem como a desistência de sua participação em qualquer momento; e os cuidados com a manutenção da integridade pessoal e profissional dos participantes da pesquisa. Todas as etapas da pesquisa de campo serão gravada(s) e transcrita(s) e será usado um codinome para identificar os participantes.

É importante salientar que todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais, respeitando assim a integridade do participante da pesquisa, e mantendo preservada sua identidade, de uso eminentemente para fins científicos e relevantes para realização de projetos de pesquisas e publicações de artigos científicos.

Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto. Não haverá nenhum tipo de despesa por participar desta pesquisa, nada será pago por sua participação e será garantido que você poderá desistir de participar do estudo a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

É importante frisar que sempre que se necessitar pedir mais informações sobre a mesma, poderá entrar em contato com o responsável pelo estudo pelo celular (16) 99175-5527 ou através do e-mail edney@facef.br e anassif48@gmail.com.

Para os fins mencionados neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido o convidamos a participar da pesquisa.

ANEXO I:

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS (FCHS) da UNESP - Franca

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS/CAMP. DE FRANCA



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DA EMENDA

Título da Pesquisa: A vida fora e dentro do armário: vivências de um grupo de gays em sociodrama temático, na cidade de Franca-SP

Pesquisador: EDNEY WESLEY ANTUNES

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 29232920.5.0000.5408

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JULIO DE MESQUITA FILHO

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.154.457

Apresentação do Projeto:

A notificação apresentada foi redigida de forma clara e concisa. Ficaram claras as modificações pretendidas e já é possível assinalar que não haverá quaisquer novos riscos adicionais aos participantes da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Informar alterações no projeto de pesquisa. Inicialmente a alteração do título, para "contemplar mais amplamente os objetivos da pesquisa", a realização de entrevista pelo formato remoto e a inclusão de uma auxiliar de pesquisa para cumprir função importante na metodologia escolhida.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Não haverá riscos adicionais àqueles já considerados anteriormente. E haverá o benefício de incremento de qualidade na execução da metodologia da pesquisa de campo, como benefício, com a adição de nova auxiliar de pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa segue bem orientada e a preocupação com o rigor metodológico é o motivo principal das alterações solicitadas por esta notificação.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A notificação apresentada se soma aos outros documentos anteriormente inseridos na Plataforma, todos corretamente preenchidos.

Endereço: Av. Eufrasia Montello Petraglia, 900

Bairro: Jd. Antonio Petraglia

CEP: 14.409-160

UF: SP

Município: FRANCA

Telefone: (16)3706-8723

Fax: (16)3706-8724

E-mail: comiteetica@franca.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS/CAMP. DE FRANCA



Continuação do Parecer: 4.154.457

Recomendações:

Não cabem recomendações.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Conclui-se pela aprovação das mudanças efetuadas e apresentadas por esta notificação. A pesquisa de campo pode seguir norteada também por estas modificações.

Considerações Finais a critério do CEP:

O coordenador aprova "ad referendum" do colegiado o parecer do relator.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_158674_9_E1.pdf	30/06/2020 19:12:06		Aceito
Outros	notificacao.pdf	30/06/2020 19:10:08	EDNEY WESLEY ANTUNES	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao.pdf	18/02/2020 22:09:22	EDNEY WESLEY ANTUNES	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	13/02/2020 21:57:20	EDNEY WESLEY ANTUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.pdf	13/02/2020 21:53:59	EDNEY WESLEY ANTUNES	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.odt	12/02/2020 11:05:41	EDNEY WESLEY ANTUNES	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_COMEP.pdf	12/02/2020 10:45:27	EDNEY WESLEY ANTUNES	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Endereço: Av. Eufrasia Monteiro Petraglia, 900
Bairro: Jd. Antonio Petraglia CEP: 14.409-160
UF: SP Município: FRANCA
Telefone: (16)3706-8723 Fax: (16)3706-8724 E-mail: comiteetica@franca.unesp.br

UNESP - FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS/CAMP. DE FRANCA



Continuação do Parecer: 4.154.457

FRANCA, 14 de Julho de 2020

Assinado por:
Marcos Alves de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Eufrasia Monteiro Petraglia, 900
Bairro: Jd. Antonio Petraglia **CEP:** 14.409-160
UF: SP **Município:** FRANCA
Telefone: (16)3706-8723 **Fax:** (16)3706-8724 **E-mail:** comiteetica@franca.unesp.br